

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
COMUNICAÇÃO SOCIAL – PRODUÇÃO EDITORIAL

Antônia Tâmara Haag

**MÍDIA SONORA COMO TERRITÓRIO DE LUTA DO MST: POSSIBILIDADES
CONTRA-HEGEMÔNICAS DA COMUNICAÇÃO POPULAR**

Santa Maria, RS
2022

Antônia Tâmara Haag

**MÍDIA SONORA COMO TERRITÓRIO DE LUTA DO MST:
POSSIBILIDADES CONTRA-HEGEMÔNICAS DA COMUNICAÇÃO POPULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social – Produção Editorial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial**.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Liliane Dutra Brignol

Santa Maria, RS
2022

Antônia Tâmara Haag

**MÍDIA SONORA COMO TERRITÓRIO DE LUTA DO MST:
POSSIBILIDADES CONTRA-HEGEMÔNICAS DA COMUNICAÇÃO POPULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social – Produção Editorial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial**.

Aprovada em 14 de março de 2022.

**Profa. Liliane Dutra Brignol, Doutora (UFSM)
(Presidenta/Orientadora)**

Kalliandra Quevedo Conrad, Pós-Doutoranda (USP)

Vitor Tassinari Dornelles, Mestrando (UFSM)

Santa Maria, RS
2022

AGRADECIMENTOS

De início, agradeço à minha família, meus pais, Beatriz e Maximiliano, pela preocupação em sempre proporcionar a mim e a minha irmã as melhores condições possíveis em educação. Agradeço também pelo incondicional apoio, afeto e por cativarem em mim o hábito da leitura, possibilitando que eu me tornasse uma pessoa mais atenta, curiosa e questionadora. Agradeço também a minha irmã, Valentina, pela parceria, por compartilhar medos, sonhos e ambições, acadêmicas, pessoais e políticas comigo. E, principalmente, pelas orientações nas horas vagas.

Agradeço a minha professora e orientadora, Dra. Liliane Dutra Brignol, por cultivar em mim desde a disciplina Comunicação e Cidadania, um desejo por construir uma comunicação transformadora, cidadã e democrática. As problematizações trazidas em aula e nos encontros de orientação, mesmo à distância, me sensibilizam a ser uma profissional da comunicação mais crítica e com responsabilidade social.

Obrigada também às professoras, Dra. Milena Freire, Dra. Laura Wottrich e Dra. Kallianra Konrad, e todas as colegas de graduação e pesquisadoras em formação que atravessaram o meu percurso nesses últimos anos. Todos os artigos produzidos e trabalhos apresentados instigaram em mim o desejo pela pesquisa, a preocupação em exercer a pesquisa com sensibilidade e responsabilidade e, o mais importante, agradeço por me ensinarem que a pesquisa, quando realizada coletivamente, é muito mais prazerosa.

Agradeço ao Programa de Educação Tutorial, aos colegas e à tutora, Dra. Cláudia Bomfá, do PET Ciências Sociais Aplicadas, por me ensinarem o valor da dedicação dos estudantes em prol da melhoria do ensino público brasileiro e por me mostrarem o potencial da Extensão na formação e transformação da sociedade. Um agradecimento especial ao meu colega João Alles Cardozo, por me mostrar o valor da organização e o cuidado com o uso correto de cada conceito na pesquisa. Obrigada por ser um educador tão sensível, mesmo sem ser sua aluna, consegui aprender muito com você.

À equipe do programa Vozes da Terra, especialmente à coordenadora Guê Oliveira. Sei que há muitos deles, os que insistem na manutenção do ultrapassado, do retrógrado e do conservador, mas trabalhos como o desenvolvido no Vozes me trazem esperança por dias melhores, porque há milhares de pessoas, espalhadas por todo o Brasil, que ainda acreditam na pluralidade, na solidariedade e no coletivo. A dedicação de vocês me motiva a lutar por uma sociedade com mais respeito às pessoas, às identidades, às causas políticas e, não menos

importante, ao meio ambiente. Espero que meu trabalho, de alguma forma, contribua para a sensibilização de todos e todas com aqueles que lutam no Brasil por moradia digna.

À amigos, amigas e colegas de curso, que me proporcionaram experiências, trocas e memórias ao longo destes quatro anos. Uma menção especial aos PERdidos e PERdidas, pelas risadas e acolhimento do meu primeiro ao último dia na universidade. Aos amigos que compartilham comigo o amor à arte do teatro, agradeço pelas inúmeras trocas – na tela do computador ou na mesa do bar – e, principalmente, por me ensinarem que não há limite para o afeto. Às amigas que compartilham comigo as poucas alegrias e muitas frustrações de torcer para o Internacional. Agradeço também a Ingrid, a Mandy e a Julia por serem meu sol nos dias de chuva, a distância ou presencialmente. Agradeço imensamente pelo suporte, vocês tornaram meus últimos anos e, principalmente, os últimos meses, muito mais coloridos.

Agradeço também a Universidade Federal de Santa Maria, ao Departamento de Comunicação, ao curso de Produção Editorial e a todos e todas as servidoras, técnicas e professoras que contribuem para a construção de um modelo de Ensino Superior público, gratuito, acessível e plural. Um agradecimento especial aos professores Dr. Leandro Stevens e Dr^a. Sandra Depexe.

Por fim, agradeço aos profissionais da saúde, cientistas, biólogos, professores, servidores públicos, jornalistas, entregadores de aplicativo e a cada trabalhador(a) que atuou no combate a pandemia do COVID-19. Graças ao esforço de inúmeros profissionais, tive o privilégio de receber a vacina durante a produção deste trabalho, um direito negado às centenas de milhares de avôs e avós, mães e pais, filhos e filhas que tiveram sua vida abreviada pelo descaso e negligência no enfrentamento dessa crise.

A sala de aula, com todas as suas limitações, continua a ser uma localização da possibilidade.

Naquele campo de possibilidade, temos a oportunidade de trabalhar para a liberdade, a exigir de nós mesmos e nossos companheiros, uma abertura de mente e coração que nos permite enfrentar a realidade, mesmo quando consagramos coletivamente maneiras de ir além dos limites, para transgressão. Esta é a educação como a prática da liberdade.

(bell hooks, 2013, p. 273)

RESUMO

MÍDIA SONORA COMO TERRITÓRIO DE LUTA DO MST: POSSIBILIDADES CONTRA HEGEMÔNICAS DA COMUNICAÇÃO POPULAR

AUTOR: Antônia Tâmara Haag
ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Liliane Dutra Brignol

Essa pesquisa apresenta como principal objetivo identificar as possibilidades contra-hegemônicas da comunicação popular na mídia sonora a partir da presença no Instagram e no Spotify do programa Vozes da Terra. O Vozes da Terra é um programa de rádio desenvolvido por militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) do estado de Minas Gerais, em parceria com o Centro Popular de Mídias e a Rádio Autêntica Favela. Essa pesquisa, de caráter descritivo e qualitativo, é encaminhada por cinco categorias analíticas: a) Emancipação do indivíduo (EI); b) Caráter cidadão (CC); c) Caráter educativo (CE); d) Criticidade (CR); e) Ferramenta político-ideológica (FPI). Para isso, os elementos empíricos observados no programa são: 1) Tema e abordagem; 2) Fontes consultadas; 3) Quadros; 4) Gênero do programa (Melo, 2003); 5) Distribuição; e 6) Lógica de produção. O corpus da pesquisa será composto pelos quinze episódios do programa disponíveis nas duas plataformas analisadas: Spotify e IGTV (Instagram). A temática dos quinze programas disponíveis para acesso são pautas intrínsecas à luta sem-terra, como reforma agrária e produção orgânica de alimentos. Com esses dados, foi possível identificar as possibilidades contra-hegemônicas do veículo, bem como, como estão expressas essas possibilidades. Como principais resultados, pode-se salientar o caráter formativo do programa, tanto no sentido informativo quanto no sentido de formação e profissionalização dos militantes que nele atuam, também seu caráter cidadão e emancipação do indivíduo, incentivando seus ouvintes à participação política e colocando os trabalhadores rurais enquanto protagonistas nos episódios, além da potencialidade da presença do Vozes da Terra nas redes sociais enquanto uma ferramenta política-ideológica, por aproximá-los dos seus ouvintes e também da identidade sem-terra do programa.

Palavras-chave: Vozes da Terra. MST. Rádio. Comunicação popular. Contra-hegemonia.

ABSTRACT

SOUND MEDIA AS A MST'S CONFLICT TERRITORY: COUNTER-HEGEMONIC POSSIBILITIES OF POPULAR COMMUNICATION

AUTHOR: Antônia Tâmara Haag
ADVISOR: Prof.^a Dr.^a Liliane Dutra Brignol

This research has as main objective identify the counter-hegemonic possibilities of popular communication in the sound media taking the presence on Instagram and Spotify of the program Vozes da Terra. Vozes da Terra is a radio program developed by activists from the Landless Rural Workers Movement (MST) in the state of Minas Gerais, in partnership with CP Mídias and Rádio Autêntica Favela. This descriptive and qualitative research is guided by five analytical categories: a) Individual's emancipation (EI); b) Citizenship (CC); c) Educational potential (EC); d) Criticality (CR); e) Political-ideological device (FPI). For this, the empirical elements observed in the program are: 1) Theme and approach; 2) Sources consulted; 3) Segments; 4) Genre (Melo, 2003); 5) Distribution; and 6) Production logic. The research corpus will consist of the fifteen episodes of the program available on the two analyzed platforms: Spotify and IGTV (Instagram). The themes of these fifteen programs are guidelines intrinsic to the landless struggle, such as agrarian reform and organic food production. With these data, it was possible to identify the counter-hegemonic possibilities of the vehicle, as well as how these possibilities are expressed. As main results, it is possible to emphasize the formative capacity of the program, both in the informative sense and in the formation and professionalization of the militants, also its citizenship aptitude and the individual's emancipation, encouraging its listeners to political participation and placing workers rural people as protagonists in the episodes, in addition to the potential presence of Vozes da Terra in social networks as a political-ideological advice, for bringing them closer to their listeners and also to the show's landless identity.

Keywords: Vozes da Terra. MST. Radio. Popular communication. Counter-hegemony.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Resumo de cada episódio do programa.....	41
QUADRO 2 – Episódios do programa publicados no Spotify.....	46
QUADRO 3 – Perfil Minas Sem Terra (@mst_mg) no Instagram.....	47
QUADRO 4 – Episódios do programa publicados no Instagram.....	47
QUADRO 5 – Fontes identificadas.....	52
QUADRO 6 – Possibilidades e limitações de cada formato.....	59
QUADRO 7 – Resumo dos elementos identificados.....	64
QUADRO 8 – Ficha técnica da entrevista.....	75

LISTA DE SIGLAS

ALAIC	Associação Latino-Americana de de Investigadores da Comunicação
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CEBs	Comunidade Eclesiástica de Base
DT	Divisão Temática
GT	Grupo de Trabalho
MST	Movimento Dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PO	Pastoral Operária
PS	Pastoral Social

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 PERCURSO TEÓRICO DA COMUNICAÇÃO POPULAR.....	15
2.1 COMUNICAÇÃO COMO DIMENSÃO CONSTITUINTE DOS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	16
2.2 MATRIZES EPISTEMOLÓGICAS DA COMUNICAÇÃO POPULAR.....	20
2.3 DEBATES CONTEMPORÂNEOS DA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO POPULAR.....	22
2.4 COMUNICAÇÃO DO MST.....	24
3 COMUNICAÇÃO, USOS E APROPRIAÇÕES.....	29
3.1 APROXIMAÇÕES DA MÍDIA SONORA COM A COMUNICAÇÃO POPULAR	29
3.2 USOS E APROPRIAÇÕES DE NOVOS FORMATOS.....	30
3.3 COMUNICAÇÃO, HEGEMONIA E CONTRA-HEGEMONIA.....	32
4 VOZES DA TERRA: METODOLOGIA E DEFINIÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA.....	36
4.1 MÉTODOS E TÉCNICAS.....	36
4.2 O PROGRAMA VOZES DA TERRA.....	38
4.2.1 Distribuição.....	45
4.2.1.1 Rádio Inconfidência.....	45
4.2.1.2 Rádio Autêntica Favela.....	45
4.2.1.3 Spotify.....	46
4.2.1.4 Instagram.....	46
5 ANÁLISES E DISCUSSÕES.....	49
5.1 ANÁLISE.....	49
5.1.1 Temas e abordagens.....	49
5.1.2 Fontes consultadas.....	50
5.1.3 Quadros.....	53
5.1.4 Gênero.....	54
5.1.5 Distribuição.....	56
5.1.6 Lógica de produção.....	60
5.2 DISCUSSÃO.....	61
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS.....	70
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	74
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA.....	75
APÊNDICE C – DESCRIÇÃO DOS PROGRAMAS.....	89

1 INTRODUÇÃO

A investigação científica é – sobretudo – uma construção coletiva, contudo, o fazer científico e, logo, o exercício profissional da comunicação acabam por refletir também o entendimento de mundo dos e das pesquisadoras. Quando Mário Kaplún afirma que “[d]efinir o que entendemos por comunicação equivale a dizer que tipo de sociedade queremos viver”¹ (1985, p. 67) tensiona o(a) investigador(a) científico a pensar em si também como um(a) agente de transformação social. Kaplún entende que a comunicação, quando usada como uma ferramenta de transmissão de informação, distancia a percepção de uma comunidade democrática. Para ele, o entendimento de comunidade democrática tem como pressuposto o diálogo, a horizontalidade, a dualidade e um caráter participativo.

No decorrer do percurso acadêmico e, conseqüentemente, na construção desta monografia empenho-me em exercitar uma interpretação e ação comunicacional autocrítica. Dessa maneira, de início reconheço uma atenção em pensar as reflexões e inferências construídas neste trabalho a partir da linha crítico-transformadora da Comunicação para o desenvolvimento² (BELTRÁN, 2006). Referindo-se ao modelo de “Comunicação de massa e desenvolvimento” proposto pelo comunicólogo Wilbur Schramm (1964), Beltrán retoma a definição de comunicação para o desenvolvimento como “a criação, graças à influência dos meios de comunicação massiva, de uma atmosfera pública favorável à mudança que se considera indispensável para atingir a modernização de sociedades tradicionais através do avanço tecnológico, econômico e progresso material”³ (Ibid., p. 59).

Assim, reforço a necessidade de suscitar uma constante avaliação da concepção de modernização, progresso e desenvolvimento no campo da comunicação, nas três instâncias que sustentam o modelo de Ensino Superior que temos: no Ensino, na Pesquisa e na Extensão.

Desempenhada uma breve contextualização, esta investigação se sustenta a partir do seguinte problema: Quais as possibilidades contra-hegemônicas da comunicação popular na mídia sonora quando tida como território de luta do MST? Logo, na intenção de atender a proposta do trabalho, definiu-se como objetivo geral: Identificar as possibilidades contra-hegemônicas da comunicação popular na mídia sonora a partir da presença no Instagram e no Spotify do programa Vozes da Terra. Com isso, foram definidos os seguintes

¹ Traduzido pela autora. Citação original, em espanhol: “[d]efinir qué entendemos por comunicación, equivale a decir, en qué clase de sociedad queremos vivir”.

² Originalmente, em espanhol, *Comunicación para el desarrollo*.

³ Traduzido pela autora. Citação original, em espanhol: “la creación, gracias a la influencia de los medios de comunicación masiva, de una atmósfera pública favorable al cambio que se considera indispensable para lograr la modernización de sociedades tradicionales mediante el adelanto tecnológico, el crecimiento económico y el progreso material”.

objetivos específicos: (i) Discutir o conceito de comunicação popular, seus desafios e possibilidades no contexto contemporâneo das pesquisas em comunicação; (ii) Discutir as possibilidades da mídia sonora como território para comunicação popular; (iii) Identificar como essas possibilidades contra hegemônicas se expressam a partir de um programa produzido pelo MST.

No que toca às motivações acadêmicas, observo que os estudos em comunicação popular, hoje em dia, apresentam limitada expressão no campo de estudos de Comunicação e Cidadania, especialmente se comparado a outras esferas de estudo, como identidades e representação midiática.

Na intenção de elaborar um panorama da contribuição dos estudos em comunicação popular para o campo de investigações em Comunicação e Cidadania, realizou-se⁴ uma revisão bibliométrica a partir dos trabalhos apresentados na última década (2010-2020) na Divisão Temática 7 (DT7) do Intercom Jr. do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Conforme apurado pela autora, dos 370 trabalhos apresentados na DT em questão, somente 43 abordavam – em qualquer instância, seja metodológica, epistemológica, metódica, etc – a Comunicação Popular.

Em concordância, buscando compreender as dimensões da contribuição das investigações que abordam mídia sonora para os estudos em Comunicação Popular, realizou-se então uma revisão bibliométrica considerando os trabalhos apresentados no "GT8: Comunicação popular, comunitária e cidadania" das últimas cinco edições (2012, 2014, 2016, 2018 e 2020) do Congresso da Associação Latino-Americana de de Investigadores da Comunicação (ALAIC). A partir dos dados coletados, observou-se que 40 trabalhos, dos 190 apresentados, tratavam acerca de produções sonoras, tanto de modalidades convencionais da mídia radiofônica, como o rádio em si, quanto inseridas no contexto das novas tecnologias comunicacionais, como o *podcast* e a webrádio.

Para fins de referencialidade e, dando continuidade à justificativa do interesse em investigar as potencialidades do formato *podcast* quando usado para e pela comunicação popular, o formato vai de acordo com a descrição dos meios utilizados nessa instância, elaborado por Cicilia Peruzzo, quando esta coloca que os canais utilizados pelos movimentos sociais e populares “[...] caracterizam-se sobretudo como instrumentos simples e de baixo custo, em flagrante contraste com o progresso tecnológico já ao dispor da sociedade, mas

⁴Revisão bibliométrica realizada em julho de 2021. O critério de análise foram as palavras-chave de cada trabalho, contudo, em coerência com o objetivo da revisão, alguns trabalhos foram considerados de comunicação popular mesmo sem que se identificarem como tal, mas por interpretação da autora, estes apresentavam um caráter formativo-emancipador nas suas produções.

inacessível, sob o ponto de vista de emissão de mensagens, para a maioria dos segmentos organizados das classes subalternas” (PERUZZO, 2004, p. 148).

Contudo, graças às ferramentas hoje disponíveis, somente com um *smartphone* com acesso à internet é possível gravar, editar, distribuir e divulgar produções de qualidade equivalente àquelas produzidas por profissionais nos estúdios de alto padrão das grandes empresas de comunicação. Mais do que isso, as mais populares plataformas de distribuição de *podcasts* reúnem em seu catálogo produções caseiras e profissionais, sem distinção, possibilitando assim as mesmas condições de alcance para programas com condições de produção discrepantes.

Dessa forma, no decorrer do trabalho, desenvolvo a possibilidade deste formato apresentar – em relação a outros formatos apropriados pela comunicação popular – essa potencialidade contra-hegemônica em si. A partir das dinâmicas de produção e distribuição, que serão discutidas mais a frente, é possível inferir uma superação do formato em comparação com outros meios, uma vez que Peruzzo (Ibid., p. 153) elenca a “carência de recursos financeiros” como uma das limitações da práxis da comunicação popular.

Ainda que não exista um consenso em reconhecer estes novos formatos radiofônicos como uma remodelação do rádio, inúmeros autores dedicam-se a compreender novas modalidades radiofônicas. Esse debate será desempenhado no segundo capítulo deste trabalho e apresenta como aporte teórico Kischinhevsky (2012, 2009) e Herschmann e Kischinhevsky (2008). Além disso, essa perspectiva, neste contexto de apropriação dos movimentos sociais, expressa também um reconhecimento às contribuições do rádio para a autonomia dos movimentos populares no Brasil, especialmente durante a Ditadura Militar (1964-1985) a partir das rádios piratas. Em conformidade com Kischinhevsky (2011), entende-se que as novas modalidades radiofônicas, como o webrádio e o *podcast*, apresentam “mais continuidades que rupturas” (Ibid., p.14), contudo, seguem uma tendência de atualização em “termos de linguagem, práticas interacionais, rotinas produtivas, emergência de novos atores no mercado, estratégias de circulação e hábitos de escuta” (Ibid., p. 14).

Na intenção de atender aos objetivos específicos, a pesquisa – de caráter descritivo e qualitativo – apresenta como objeto de análise um veículo de comunicação sonora do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: o programa Vozes da Terra, de Belo Horizonte/MG. A metodologia da pesquisa será encaminhada por cinco categorias analíticas: a) Emancipação do indivíduo (EI); b) Caráter cidadão (CC); c) Caráter educativo (CE); d) Criticidade (CR); e) ferramenta político-ideológica (FPI). Para isso, os elementos empíricos observados no programa são: 1) Tema e abordagem; 2) Fontes consultadas; 3) Quadros; 4)

Gênero do programa (Melo, 2003); 5) Distribuição; e 6) Lógica de produção. O *corpus* da pesquisa será composto pelos quinze episódios do programa disponíveis nas duas plataformas analisadas: Spotify⁵ e IGTV⁶ (Instagram).

O programa Vozes da Terra é uma produção do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em parceria com o Centro Popular de Mídias (CP Mídias) e a Rádio Autêntica Favela/Rádio Inconfidência de Belo Horizonte. A temática dos quinze programas disponíveis para acesso são pautas condizentes com a luta sem-terra, como reforma agrária e produção orgânica de alimentos.

A decisão de investigar o programa Vozes da Terra não se deu necessariamente por um interesse pessoal em estudar as dinâmicas de comunicação do movimento de luta pela terra, mas sim, no reconhecimento da organização social e política que o movimento apresenta. Além disso, a disposição em investigar o programa Vozes da Terra se justifica – a nível epistemológico – no entendimento de que o MST apresenta dinâmicas próprias de comunicação. Tendo em consideração o *Jornal Sem Terra*, publicação mensal do MST, Alexandre Barbosa (2018, p. 7) compreende que a política de comunicação do movimento não se limita somente ao uso dos veículos de comunicação para fins de divulgação do MST e, logo, fortalecimento das lutas por este levantadas. Segundo o autor, “[h]á um processo de formação e qualificação dos militantes que estão em acampamentos e assentamentos com o objetivo de formar lideranças e comunicadores” (Ibid., p. 7).

O primeiro capítulo deste trabalho é dedicado a uma revisão de literatura do conceito Comunicação Popular. Destarte, proponho uma contextualização histórica do conceito como uma dimensão constituinte dos movimentos sociais. Neste momento, o aporte teórico que encaminha a discussão se dá a partir de Peruzzo (2004, 2008, 2017) e Bona, Conteçote e Costa (2007). Em concordância, apresento as matrizes epistemológicas do conceito, tendo em consideração Peruzzo (2020). Adiante, o panorama dos debates contemporâneos da Comunicação Popular é fundamentado por Peruzzo (2009) e Barreto e Gantos (2020). Por fim, a partir de Barbosa (2013, 2018), Fonseca (2009) e Sartoretto e Rosa (2014) será discutida a política de comunicação do MST.

O segundo capítulo teórico propõe uma discussão quanto aos usos e apropriações da mídia sonora, bem como, suas potencialidades contra-hegemônicas. A discussão teórica busca

⁵ O Spotify é uma plataforma de *streaming* de música, podcast e vídeo. Lançado em 2008, o Spotify hoje está disponível para dispositivos móveis (Android e IOS) e computadores (Windows, MacOS e Linux).

⁶ O IGTV é uma ferramenta nativa da rede social *Instagram* que permite que sejam publicados vídeos de maior duração. Na versão para os dispositivos móveis, são permitidos vídeos de até 15 minutos de duração. Na versão para *desktop*, são permitidos vídeos de até 1 hora. A ferramenta pode ser acessada pelo próprio aplicativo do *Instagram* ou ainda por meio de um aplicativo próprio. O IGTV foi lançado no dia 20 de junho de 2018.

investigar a contribuição da mídia sonora para a comunicação popular e, logo, como esta toma forma nas novas tecnologias de comunicação, tratando sobretudo da tecnicidade dos formatos Spotify e IGTV. Finalmente, o terceiro e quarto capítulo são destinados – respectivamente – à construção do objeto, apresentação dos métodos e técnicas e discussão analítica.

2 PERCURSO TEÓRICO DA COMUNICAÇÃO POPULAR

O empenho em conceber uma definição precisa acerca do termo Comunicação Popular suscita uma envolvente discussão a respeito dos limites do que é considerado precisamente popular. O que é o povo e o não-povo? De que povo estamos falando quando o popular se integra à comunicação?

Em “Comunicação nos Movimentos Populares: A participação na construção da cidadania”, a autora Cicilia Peruzzo resgata “A cultura do povo”, de Luiz Wanderley (1979), na intenção de abarcar as possíveis interpretações que o conceito traz. De início, “povo” pode ser entendido como aqueles e aquelas que “não têm recursos, posses e títulos, em contraposição ao “não-povo”, formado por empresários, profissionais liberais, intelectuais etc” (WANDERLEY, 1979 *apud* PERUZZO, 2004, p. 116). Por outro lado, o povo é a “classe atomizada e desorganizada” que não constitui qualquer elite governante ou “classe política”. Ainda, o povo pode ser entendido a partir de um conjunto de indivíduos que constituem uma massa homogênea, “provocada por uma cultura imposta por uns poucos que detêm o poder” (PERUZZO, 2004, p. 116). A quarta interpretação, refere-se como “povo” aqueles que opõem-se a um “colonizador estrangeiro”. A quinta definição coloca o “povo” no lugar das classes subalternas, diametralmente em oposição às dominantes. Por último, a sexta colocação traz “povo” como um “conceito aberto, conflitivo e, portanto, histórico, encerrando uma rica negatividade, que o dinamiza e atualiza permanentemente, na relação dialética entre povo e antipovo” (Ibid., p. 117).

Sobre o popular na América Latina, Jorge González e Gilberto Giménez vão ao encontro da quinta corrente colocada por Wanderley (1979) quando estes apontam que

[o] populismo de terceiro mundo, ainda vigente em alguns círculos da esquerda latino-americana, constitui uma variante política deste antigo tema na medida em que tende a idealizar o "povo", apresentando-o como sujeito protagonista da história, dotado de um quadro político e cultural próprio que se opõe ao das elites urbanas ‘iluminadas’. O popular é aqui progressista e libertador por definição, e o povo é um sujeito de classe.⁷⁸ (GONZÁLEZ; MONTÍEL, 2017, p. 18).

Entretanto, conforme Peruzzo (2004, p. 117-118), não cabe ao conceito de “povo” uma definição precisa, prefixada, para compreender plenamente povo como uma “realização histórica” é necessário que este seja analisado a partir do contexto no qual este se insere,

⁷Traduzido pela autora. Citação original, em espanhol: El populismo tercermundista, aún vigente en ciertos círculos de la izquierda latinoamericana, constituye una variante política de este viejo tema en la medida en que tiende a idealizar al “pueblo”, presentándolo como sujeto protagonista de la historia, provisto de un proyecto político y cultural propio que se contraponen al de las élites urbanas “ilustradas”. Lo popular es aquí progresista y liberador por definición, y el pueblo es una clase-sujeto.

⁸ GONZÁLEZ e MONTIEL, 2017. Publicado originalmente en la revista Christus, Año 43, Ciudad de México, No. 517, 1978.

tendo em vista que a “composição e [...] interesses variam em função de fatores determinantes, estruturais e conjunturais, constituindo-se sempre num todo plural e contraditório”.

Com o intuito de contextualizar a dimensão popular da comunicação neste trabalho, este se inicia um capítulo teórico tratando do conceito de Comunicação Popular, sua relação com os movimentos sociais, os debates contemporâneos da área, bem como, uma breve explanação da comunicação desenvolvida pelo Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Dito isso, cabe evidenciar que para compreendermos integralmente a complexidade teórica e prática deste termo, é indispensável uma contextualização histórica da conjuntura social e política na América Latina nos anos 1970 e 1980, quando este conceito passou a ser utilizado. Para atender às diferentes perspectivas, neste capítulo, a fundamentação teórica se constrói a partir da contribuição de autores tanto da comunicação quanto de fora dela.

2.1 COMUNICAÇÃO COMO DIMENSÃO CONSTITUINTE DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Tratando diretamente do processo de constituição dos movimentos sociais no Brasil, Peruzzo (2004) organiza essa formação em quatro fases. Nesse momento, vale o adendo de que a autora elabora sua argumentação com base nos movimentos que se consolidaram como resistência à Ditadura Civil-Militar Brasileira⁹, como os movimentos trabalhista e sindicalista, estudantil, àqueles ligados à defesa dos direitos humanos e associados à luta pelo direito à terra. Além disso, a autora traz essa abordagem a partir de diferentes períodos, uma vez que muito se discute acerca do êxito nos objetivos por parte destes movimentos, tendo em vista que é evidente que tais movimentações não provocaram ruptura alguma no sistema, bem como, pelo enfraquecimento e conseqüente dissolução de muitos desses movimentos com o fim da Ditadura e processo de redemocratização do país.

Dito isso, como primeira fase deste processo, Peruzzo (2004, p. 40) aponta a mobilização. Nesse quesito, a autora reforça que no final da década de 70 realizou-se uma significativa gama de mobilizações, citando como exemplo a greve dos metalúrgicos do ABCD Paulista (1978-1980) e o Movimento do Custo de Vida, em 1978. Em um segundo momento, em um período de organização,

[g]randes esforços foram canalizados para o fortalecimento interno dos movimentos, envolvendo sua institucionalização (estatutos, sede etc.), a conscientização,

⁹ Processo político construído não somente pela classe militar do país, mas também por agentes da sociedade civil, como os meios de comunicação.

mobilização e formação política dos participantes, além de ações coletivas (assembléias, audiências. (PERUZZO, 2004, p. 41).

A autora relembra que na fase de consolidação dos movimentos, tais mobilizações obtinham ampla cobertura por parte da mídia. Contudo, na fase seguinte, o espaço na imprensa foi gradualmente encolhendo. Ainda que muito se aponte um enfraquecimento desses movimentos nesse período, este foi um momento de “mudanças na forma e na qualidade de atuação” bem como de “maior liberdade de expressão e de organização” (PERUZZO, 2004, p. 41).

O terceiro e o quarto período são denominados pela autora, respectivamente, de articulação e parcerias. Nessa terceira fase, que contempla o final da década de 1980 e início dos anos noventa, os movimentos sociais estruturados na década anterior foram adquirindo dimensões cada vez maiores. Nesse contexto, surgem alguns exemplos de organizações que adquiriram caráter nacional, como o Movimento Nacional dos Direitos Humanos e o Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua, bem como a internacionalização da Conferência Mundial das Mulheres.

Com a ampliação na cobertura das entidades e a redemocratização do país, logo estas organizações passaram a construir ações em conjunto com o Estado. Acerca dessa articulação entre os militantes e o Estado, Peruzzo reforça que “tornou-se mais cadente a necessidade de formação, agora especializada, com vistas à competência para negociar melhor, propor e debater questões e programas públicos, numa relação de igualdade entre as partes” (PERUZZO, 2004, p. 42). Por fim, na quarta fase, formaliza-se essa aliança entre organizações da sociedade civil e órgãos públicos.

Ainda tratando da configuração dos movimentos sociais, é fundamental registrar a relação entre a comunicação popular e a educação popular, movimentos precursores que se fortaleceram num mesmo período histórico e imprimiram mudanças na concepção de participação social, exercício da cidadania, comunicação horizontal e protagonismo do indivíduo na sociedade. Graças a dedicação de militantes e educadores populares, encabeçados por Paulo Freire, a educação popular revolucionou o modelo de educação do mundo. No Brasil, concebendo à comunicação um papel de ferramenta de educação, sobretudo a partir de programas veiculados na imprensa de mídia sonora, a educação popular foi responsável pela alfabetização de milhares de trabalhadores e trabalhadoras da zona rural.

Quanto às contribuições de Paulo Freire para o campo da comunicação, Peruzzo (2017) relembra o significativo papel que setores da Igreja Católica, especialmente aqueles alinhados à Teologia da Libertação, como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), da

Pastoral da Terra (CPT), Pastoral Operária (PO), Pastoral Social (PS) etc tiveram no trabalho de educação de base. Sobre a contribuição destes setores vinculados à Igreja Católica, cabe apontar que a mais significativa atuação destes se deu no registro e preservação da memória dessas lutas populares. Nesse âmbito, compete mencionar o trabalho desenvolvido no Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel Paulista (CEMI), na região episcopal de São Miguel Paulista, da Arquidiocese de São Paulo. O CEMI, em funcionamento de 1983 e 1992, foi responsável pela criação e distribuição do *Jornal Grita Povo* e da *Rádio do Povo*, bem como a realização de cursos de capacitação em comunicação e educação popular à militantes de outros movimentos sociais (ALBERTI; PERUZZO, 2019, p. 22).

Outro teórico latino-americano que procurou conectar os pressupostos da comunicação popular e educação popular é o argentino Mário Kaplún. Apresento aqui uma breve exposição acerca das contribuições deste autor, tendo em vista que seu trabalho será melhor explorado no próximo capítulo, graças à relevância epistemológica da sua principal realização: o método Cassete-Foro (CF). Acerca dos esforços do teórico, Bona, Conteçote e Costa (2007) entendem que Kaplún

concebia os meios de comunicação como instrumentos de educação popular e fomentadores de um processo educativo transformador. Entendia a expressão ‘comunicação’ como derivada de comunidade, de comunhão, que expressava algo que se compartilha, que se tem ou se vive em comum. (BONA; CONTEÇOTE; COSTA, 2007, p. 180).

Para Kaplún (1998 apud BONA; CONTEÇOTE; COSTA, 2007, p. 182), é fundamental que os educadores sejam preocupados de que

as mensagens não apenas cheguem ao destino, sejam entendidas e despertem o interesse dos sujeitos, mas que, principalmente, mobilizem interiormente a quem as recebe, levando-os a questioná-las, gerando diálogo e participação e alimentando um processo crescente de tomada de consciência.

Uma vez feito esse panorama acerca da relação entre educação e comunicação popular, compete elucidar a diferença entre os termos comunicação popular, alternativa e comunitária, em muitos momentos referenciados como expressões sinônimas.

Indo ao encontro do restante do seu percurso como investigadora na comunicação, Cicilia Peruzzo é uma entre os e as pesquisadoras que se dedicam a compreender as particularidades onde estes três conceitos convergem e divergem. Dessa forma, tendo em consideração Peruzzo (2008) – referindo-se não somente aos três termos supracitados, mas também à comunicação horizontal, participativa, dialógica, radical, dentre tantas outras nomenclaturas – o lugar de intersecção destes se expressa justamente no sentido político do fazer comunicacional:

uma forma de expressão de segmentos empobrecidos da população, mas em processo de mobilização visando suprir suas necessidades de sobrevivência e de participação política com vistas a estabelecer a justiça social. (PERUZZO, 2008, p. 2).

Diretamente em alusão ao paralelo entre os termos comunicação popular e comunicação comunitária, entende-se que este último tem gradualmente se distanciando do caráter enfrentador, historicamente associado à *práxis* da comunicação popular. Amparando-se somente numa lógica de produção horizontal, coletiva e participativa, a comunicação comunitária diverge da comunicação popular tendo em vista que esta

buscava alterar o injusto, alterar o opressor, alterar a inércia histórica que impunha dimensões sufocantes, através de uma vocação libertadora que se nutria por uma multiplicidade de experiências comunicativas. (PERUZZO, 2008, p. 2).

No que toca os dois termos referidos e a comunicação alternativa, a diferença entre estes se dá em razão deste último não se alinhar às dinâmicas mercadológicas da indústria da comunicação. A comunicação alternativa surge em reação ao conservadorismo da imprensa tradicional. O termo, originalmente alcunhado como imprensa alternativa, surgiu para denominar o fenômeno do surgimento das dezenas de veículos produzidos e distribuídos informalmente durante a Ditadura Militar. Em razão da rígida censura imposta à imprensa, entidades e movimentos sociais que articulavam a oposição ao regime, buscaram meios alternativos de propagar seus ideais insurgentes.

Quanto a isso, Bernardo Kucinski (1991 apud PERUZZO, 2008) destaca que o surgimento da imprensa alternativa se deu em razão de

duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade. É na dupla oposição ao sistema representado pelo regime militar e às limitações à produção intelectual jornalística sob o autoritarismo que se encontra o nexo dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos. (PERUZZO, 2008, p. 374)

Portanto, acerca dos três termos indicados, a relação que se estabelece entre a comunicação popular e as comunicações comunitária e alternativa, se apresenta como na figura a seguir.

Figura 1 – Comunicação alternativa, comunitária e popular



Fonte: Elaborado pela autora, com base em Peruzzo (2008).

Conforme discutido no capítulo, múltiplas definições são atribuídas ao conceito “Comunicação Popular”, sobretudo quando este está em diálogo com os termos “alternativo” e “comunitário”. Assim, com a Figura 1 busca-se esclarecer de que maneira os três conceitos são entendidos nesta pesquisa, sendo a “Comunicação Alternativa” um conceito mais amplo abarcando práticas contra-hegemônicas de comunicação, a “Comunicação Comunitária” mais voltada à comunicação enquanto uma prática de cidadania e a “Comunicação Popular” um conceito mais restrito com premissas mais específicas.

Por fim, vale ressaltar que o empenho em elaborar uma contextualização histórica e teórica, contribui significativamente para uma plena compreensão das possibilidades de desenvolvimento social e individual, bem como para uma ampliação no exercício da cidadania dos sujeitos.

2.2 MATRIZES EPISTEMOLÓGICAS DA COMUNICAÇÃO POPULAR

Nas investigações em comunicação, muitas vezes entende-se que a comunicação alternativa, comunitária e popular se referem a processos comunicacionais distintos, com objetivos e rotinas produtivas específicas. Conforme Peruzzo (2020), a elaboração de um conceito de comunicação popular deve partir indispensavelmente dos usos e apropriações deste na realidade latinoamericana, tendo em vista que o contexto e os processos históricos que acompanharam a desenvolvimento dessa forma de comunicação foram condicionantes

para sua *práxis* e, logo, para o estudo desta como instância de pesquisa nas Ciências da Comunicação.

Em Peruzzo (2020), elenca-se como primeiro pressuposto epistemológico a “visão humanística”. Nesse sentido, entende-se que o reconhecimento do “ser humano [enquanto] portador de direitos é capaz de ser sujeito da própria história” (Ibid., p. 247) é determinante para uma compreensão plena da ação popular. Além disso, é intrínseco aos movimentos sociais populares, logo, para a comunicação popular, a valorização dos direitos humanos e o reconhecimento dos princípios cidadãos de uma democracia, especialmente a liberdade de expressão. Nesse momento, são visíveis as contribuições da educação popular para a comunicação, tanto na perspectiva desta como instrumento para o exercício da comunicação, quanto no caráter formativo que essa em muitos momentos assume.

A segunda instância das matrizes epistemológicas elencadas por Peruzzo, é a tendência progressista. Conforme a autora,

[na] *práxis* da comunicação popular está subjacente uma visão crítica da realidade. [...] Ela se constitui então em uma das formas de se comunicar, de denunciar, de resistir e de tornar públicas as reivindicações por mudanças, e de celebrar as conquistas. (PERUZZO, 2020, p. 248).

Complementa ainda, que as lutas se constroem sobretudo pelo “desenvolvimento da cidadania, [...] de direitos civis, sociais, políticos e comunicacionais” (Ibid., p. 249).

Tendo em consideração o contexto de restrição à liberdade individual da população na Ditadura Militar (1964-1985), especialmente no âmbito da liberdade de expressão e direito à associação (em movimentos sociais e partidos políticos), tem-se como terceira matriz epistemológica a preservação da autonomia. Dessa forma, a autora expressa que o pressuposto da autonomia toma forma na “decisão de os movimentos sociais desenvolverem seus próprios meios e formas de comunicar, portanto, desde eles próprios, das comunidades, segundo suas visões e necessidades de comunicar” (Ibid., p. 249).

Indo ao encontro dos objetivos deste trabalho, é possível inferir que é nessa valorização de um processo autônomo e independente que se articula o caráter democrático que em inúmeros momentos a comunicação popular assume. Bem como, vale reforçar o potencial contra-hegemônico expresso nessa instância. Como será discutido mais adiante, as rotinas produtivas dos veículos independentes tendem a premissa do indivíduo como produtor e emissor, sujeito detentor de sua autonomia e individualidade.

Assim como o pressuposto epistemológico anterior, a instância comunicação participativa e dialógica também é fruto dos esforços de Freire na educação e comunicação popular. Peruzzo (2020) reforça o entendimento da participação ativa dos indivíduos no fazer

comunicacional como “didática e uma estratégia para desenvolver o protagonismo popular na comunicação” (Ibid., p. 250).

Por fim, nesse momento é elencado o cunho educativo como dimensão epistemológica da comunicação popular. Nessa instância, Peruzzo (2020) reconhece o potencial formativo do processo comunicacional, compreendendo este como um processo de educomunicação. Essa natureza educativa da comunicação já havia sido reconhecida por Freire e Kaplún, este último inclusive instituindo o termo Pedagogia da Comunicação.

2.3 DEBATES CONTEMPORÂNEOS DA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO POPULAR

Nesse momento, visando contextualizar e atualizar o atual momento deste percurso teórico, proponho a elaboração de um panorama dos debates contemporâneos sobre o termo comunicação popular. Essa preocupação em atualizar o conceito vai ao encontro ao que expressa o historiador Robert Darnton (1996), quando este “concebe a imprensa no interior da História Social como prática social ativa” (apud FARIA CRUZ, 2013, p. 26). Reconhecendo a imprensa como uma dimensão constituinte dos acontecimentos, sugere que esta transforma a si e a realidade, isto implica que a comunicação – não somente, mas principalmente, materializada na imprensa – pode e tende a apresentar outras atribuições na contemporaneidade.

Cabe ressaltar que nessa oportunidade, a contextualização se restringe às discussões documentadas na esfera e nos espaços de discussão acadêmica. Por reconhecer a dimensão do que pode ser entendido por *práxis* da comunicação popular, entendo que este é um espaço limitado de discussão que não comporta tais enredamentos.

Embora neste mesmo capítulo me dedico a apresentar pontos convergentes e divergentes entre os termos comunicação popular, comunitária e alternativa, neste momento os três termos são assumidos como sinônimos, adquirindo igualmente o sentido de comunicação produzida e voltada para as comunidades.

Essa atualização dos debates do termo comunicação popular se dá a partir das contribuições da autora Cicília Peruzzo (2009), bem como de um levantamento, de autoria de Simone Barreto e Marcelo Gantos (2020), das dissertações e teses dos últimos dez anos no campo da comunicação popular.

Desse modo, levando em consideração as contribuições de Peruzzo (2009), é possível observar um breve panorama de como a comunicação popular e comunitária se situa na esfera alternativa da imprensa no que a autora entende por “era do ciberespaço”.

Conforme a autora, a internet redimensiona as “possibilidades comunicativas” e, logo, a participação dos sujeitos ao “inverter a lógica de produção centrada num emissor e dirigida a muitos (um/todos) para aquela em que todos podem se tornar emissores e serem lidos, vistos ou ouvidos por todos” (2009, p. 139). Mais adiante, cabe destacar dois pontos importantes salientados pela autora. Primeiro, ao tratar das experiências de comunicação popular, comunitária e alternativa, a autora ressalta a “diversidade de perspectivas político-editoriais (de enfoques críticos e contestadores aos políticos e educativos e até os literários e artísticos) e a agregação de formas inovadoras de comunicação (sítios colaborativos, blogs etc.)” (Ibid., p. 142)

as pessoas que a exercitam [comunicação popular/comunitária] não o fazem simplesmente para se tornarem visíveis ou para dar visibilidade às suas entidades. Constroem uma visibilidade midiática que subverte a “ordem” de ocupação de espaço na mídia por celebridades. Não se trata de aparição pública em busca de alguns “minutos de fama”, trata-se de uma participação política, uma vontade de interferir para a ampliação da qualidade da cidadania, para a circulação de ideias dissonantes das dominantes e para a transformação social. (PERUZZO, 2009, p. 144).

Na intenção de apresentar os rumos – tanto na escolha dos objetos de pesquisa quanto nas abordagens teórico-metodológicas – das pesquisas sobre Comunicação Popular desenvolvidas no âmbito da Pós-Graduação entre 2009 e 2018¹⁰, aproveito as contribuições do levantamento resultante da pesquisa “Publicações brasileiras no campo da Comunicação Popular: uma análise das dissertações e teses dos últimos dez anos”, de autoria de Simone Barreto e Marcelo Gantos (2020). Os resultados aqui expressos, bem como as contribuições de Peruzzo (2009), somam-se significativamente com essa pesquisa por apresentarem novas interpretações sobre o termo a partir do olhar de outros pesquisadores e pesquisadoras, evidenciando a essência coletiva da produção científica.

Conforme os autores, a análise desenvolvida na produção tem a pretensão de “recortar o termo ‘raiz’ Comunicação Popular e não as suas variações” (BARRETO; GANTOS, 2020, p. 352). Dito isso, destaco os seguintes pontos. Primeiro, a maioria das pesquisas obtinham maior relevância em duas áreas do conhecimento: Comunicação e Educação (Ibid., p. 361). Este apontamento vai ao encontro à matriz educativa de comunicação popular proposta por Kaplún, bem como aos atravessamentos das práticas pedagógicas de Paulo Freire, conforme expresse anteriormente.

Segundo, quanto aos objetos de análise das produções analisadas, verificou-se que 17 trabalhos observaram as mídias digitais enquanto suporte midiático, ao passo que 11

¹⁰ O *corpus* da pesquisa abarcou 59 produções, sendo 47 dissertações, 4 trabalhos de mestrado profissional e 8 teses de doutorado (Barreto e Gantos, 2020, p. 355).

observaram jornais impressos e *online* e 9 trabalharam com documentários. No que se refere às produções que apresentavam o rádio como suporte midiático, foram identificadas 9 entre as analisadas (Ibid., 2020).

Tendo em vista este balanço, dois pontos podem ser apontados. De início, evidencia-se uma tendência nas pesquisas em Comunicação Popular buscando reconhecer como esta se adapta e adquire espaço para o seu exercício com a popularização de novas tecnologias digitais. Segundo, por entender que a presente pesquisa se encontra no espectro em questão, compete considerar que essa investigação se encaminha no mesmo sentido que as produções de outras pesquisadoras e pesquisadores e, logo, é atravessada pelos esforços desta(es) outra(os) investigadora(es).

Ainda sobre o mesmo levantamento, levando em conta os resumos dos trabalhos analisados, os autores foram capazes de identificar que 12 das 59 produções tratavam – em alguma instância – de lutas sociais. Esta elucidação nos permite compreender que mesmo noutro contexto histórico e político – tendo em vista que a comunicação popular se fortaleceu durante o período da Ditadura Militar – as investigações acerca desta ainda mantêm seu teor crítico e um engajamento político. Quanto a isso, Washington Uranga (2009) relembra que “[...] a comunicação comunitária é também uma vocação política para, desde o encontro, ser capaz de socializar o conhecimento, convertê-lo em alimento político e motor da ação no espaço público” (URANGA, 2009, p. 182).

Outras categorias identificadas nos trabalhos que cabem menção são: i) Agricultura/Reforma Agrária; ii) Religiosidade; iii) Política; iv) Educomunicação; v) Meio Ambiente.

2.4 COMUNICAÇÃO DO MST

Para fins de referencialidade, conforme seus meios institucionais de comunicação, o MST como movimento popular organizado surgiu no final da década de 1970 com o acirramento entre os conflitos entre agricultores e latifundiários pelo direito à exploração da terra, no interior do Rio Grande do Sul. Entretanto, o MST considera o início da sua luta na instituição da lei conhecida por Lei das Terras, em 1850, que determinou a distribuição das terras nos moldes latifundiários que temos até hoje. A primeira ocupação registrada no site do MST é de setembro de 1979, nas granjas Macali e Brilhante, no Rio Grande do Sul (MST. Acesso em 29 ago. 2021)¹¹.

¹¹ Disponível em www.mst.org.br.

O primeiro veículo de comunicação do MST é o Jornal Sem Terra, antes denominado Boletim Informativo da Campanha de Solidariedade aos Agricultores Sem Terra, produzido ininterruptamente desde 1981 (BARBOSA, 2013, p. 14). A primeira edição do veículo¹² inicia apresentando um relato de agricultores acampados na região do Alto Uruguai¹³, no Rio Grande do Sul, reafirma as motivações da mobilização e convida outros trabalhadores rurais sem-terras a se juntarem ao movimento.

Estamos apresentando o primeiro número deste Boletim Informativo que, dentro de suas atribuições, uma é de manter constantemente informados todos os colabores desta campanha de solidariedade, através de suas entidades representativas – sindicatos e federações de trabalhadores rurais e urbanos, comunidades da base e demais entidades a nível nacional – bem como a opinião pública em geral através dos meios de comunicação – jornal, rádio e televisão. Outro, é de ampliar ainda mais esta campanha, levando-a a todas as regiões do Estado e País. O Boletim circulará periodicamente, na intenção de manter ‘aceso o fogo que clareia’ as reivindicações dos trabalhadores rurais e, também, veicular todas as manifestações de apoio à solidariedade que tem recebido. Servirá, ainda, para que os agricultores renovem seu apelo à sustentação desta luta e, ao mesmo tempo, manifestam o seu profundo e comovido agradecimento aos que nele, de uma forma ou outra, já estejam empenhados. (MST, 1981, p. 2).

Novamente conforme o site oficial, o MST adquire o caráter de um movimento social organizado somente em 1984, em Cascavel, Paraná, com o 1º Encontro Nacional, promovido pelos trabalhadores rurais que lutavam pela democratização da terra no Brasil (MST. Acesso em 16 nov. 2021). Com a formalização do MST, logo o Boletim Sem Terra adquire um caráter mais institucional e passa a se chamar Jornal Sem Terra, como é intitulado até hoje.

Nesse sentido, Barbosa (2013) ao tratar precisamente sobre a adesão à imprensa impressa para o MST, identifica que o processo comunicativo do movimento se deu em quatro estágios, sendo:

(a) o uso do jornal como organizador coletivo; (b) o jornal como meio de comunicação para auxiliar na construção da identidade nacional; (c) a construção de diferentes canais de comunicação para a base e para a sociedade; (d) a comunicação em interface com a educação, tornando-se elemento para a formação de militantes com estratégia para solução dos novos desafios enfrentados pelo movimento. (BARBOSA, 2013, p. 1).

Assim como será apresentado no capítulo seguinte, a mídia sonora há muito tempo se expressa como uma importante forma de comunicação utilizada para e pelas lutas populares. Quanto às práticas de comunicação do MST, recorro as contribuições de Sartoretto e Rosa (2014), para compreender as dinâmicas e o desempenho da experiência dos assentamentos

¹² Disponível para acesso em: <https://mst.org.br/download/boletim-sem-terra-no-01-1981/>

¹³ “Nós somos mais de 500 famílias de agricultores que vivia da área Indígena, peões, diaristas, meeiros, agregados, parceiros, etc. Desse jeito já não conseguíamos mais viver, pois trás muita insegurança e muitas vezes não se tem o que comer. Na cidade não queremos ir, porque não sabemos trabalhar lá. Nos criamos no trabalho da lavoura e é isto que sabemos fazer” (MST, 1981, p. 1).

com veículos de mídia sonora. No estudo em questão, a autora sustenta sua análise em cinco entrevistas realizadas em três assentamentos: Fazenda Pirituba (Itapeva/SP), Conquista da Fronteira (Hulha Negra/RS) e Ernesto “Che” Guevara (Wenceslau Guimarães/BA), e na escola Instituto de Educação Josué de Castro, de Veranópolis/RS (SARTORETTO; ROSA, 2014, p. 121).

As autoras afirmam que “[o] estabelecimento de rádios do MST por si só já se constitui num processo coletivo de debate e negociação em que a comunidade decide os termos de funcionamento da rádio” (SARTORETTO; ROSA, 2014, p. 122). Além disso, fazem essa colocação tendo em vista os resultados obtidos no seu trabalho. Conforme a sua observação, em dois dos assentamentos contemplados pela pesquisa, a programação da rádio era construída coletivamente pelos trabalhadores e militantes. Ao final, reconhecem o caráter contra-hegemônico desse fazer comunicacional, quando dizem

[...] militantes do movimento exercitam efetivamente sua agência no momento em que resistem às limitações estruturais impostas e constroem coletivamente seus canais e espaços de comunicação e sociabilidade. O estabelecimento das rádios parte do reconhecimento *a priori* de que camponeses e camponesas militantes do movimento não gozam do direito à comunicação, necessitando assim agir para que esse direito seja reconhecido. (SARTORETTO; ROSA, 2014, p. 124).

Dito isso, a análise que este trabalho propõe fazer parte do entendimento da comunicação como um território de luta a ser reivindicado e ocupado. Ainda tendo em consideração Barbosa (2013), o MST se constrói como movimento de luta pelo direito à terra a partir de ocupações em latifúndios tidos como improdutivos, visando – sobretudo – uma pressão política para redistribuição de terras a partir da reforma agrária. Na sua investigação, o autor reforça esse entendimento ao firmar a comunicação e a educação como espaços apoderados pelas “demandas capitalistas”, sendo assim, representam lacunas a serem preenchidas pela agenda dos movimentos sociais populares, processo este que depende substancialmente da democratização do acesso à comunicação:

[o] povo tem o direito de organizar seus próprios meios de comunicação social, de forma associativa. E o Estado deve garantir os recursos para que exerça esse direito. É preciso democratizar os meios de comunicação, começando por acabar com o monopólio privado dos meios. [...] A comunicação não é mercadoria. Ela é um serviço público em benefício do povo, como determina a Constituição brasileira e não pode estar subordinada à lógica financeira. Deve ser proibido qualquer investimento ou ingerência estrangeira em qualquer meio de comunicação social. (MST. Acesso em 30 ago. 2021).

Nesse momento, utilizo das contribuições da dissertação “Ciberativismo e MST: O debate sobre a reforma agrária na nova esfera pública interconectada” (FONSECA, 2009) para contextualizar as dimensões dessa atuação. De acordo com o pesquisador, o denominado “ciberativismo sem-terra” possibilita ao movimento uma “articulação em rede,

descentralizada e colaborativa” (FONSECA, 2009, p. 75). Cabe evidenciar, no entanto, que por tratar-se de uma produção científica com pouco mais de dez anos, a pesquisa não contempla todas as linguagens, redes e formatos que encontramos hoje. Contudo, sua relevância é expressa ao apontar as possibilidades de uma comunicação horizontal, construída a partir de nós, descentralizada e desagregada da lógica industrial dos conglomerados de imprensa tradicional do país.

Nesse sentido, Fonseca (2009) reforça que este caráter mais democrático das redes

liberta [os movimentos] das amarras e limitações da censura televisiva ou impressa (que vão desde a estrutura lógica-analógica fechada no quesito participação do leitor ou telespectador, passando pela linha editorial adotada pela empresa jornalística que coíbe opiniões divergentes), e potencializa a troca de informação e a liberdade de expressão; conseqüentemente, amplia o debate sobre o Movimento e cria novas possibilidades (e vozes) ávidas por manifestar opiniões. (FONSECA, 2009, p. 76).

Ainda conforme Fonseca (2009), a atuação do MST nessas redes é “singular no que tange sua origem”, contudo, o autor relembra que por tratar-se de um movimento pautado essencialmente na luta pela reforma agrária, este é constituído sobretudo por militantes da zona rural. Esse fator é evidenciado tendo em vista as dificuldades de acesso à internet fora dos centros urbanos no país, que é lembrado pela entrevistada¹⁴. Por isso é indispensável analisar os sujeitos a partir do contexto no qual se inserem, uma vez que, mesmo com uma proposta de democratização dos conteúdos midiáticos, graças às condições desfavoráveis de distribuição de sinal de internet – assim como custos relativos à obtenção de dispositivos para esse fim – acabam por excluir determinados grupos dessa participação.

Por fim, o autor reforça que as redes apresentam uma significativa capacidade de atuar como ferramenta de comunicação contra-hegemônica, em particular no que toca a abordagem dos meios de comunicação acerca do MST, criminalizando o movimento e seus militantes (Ibid., p. 80).

Discorrendo com mais profundidade sobre o MST enquanto um movimento social organizado e a dimensão deste para essa pesquisa, cabe um apontamento acerca da percepção de hegemonia considerando o próprio movimento. Em razão das ações do MST serem essencialmente dedicadas à luta pela Reforma Agrária Popular, entende-se que este em sua essência já se apresenta enquanto uma manifestação contra-hegemônica uma vez que contesta a lógica de produção do Agronegócio e, logo, da distribuição de terras agrícolas no país.

Atualmente, é visível a presença do ativismo sem-terra nas plataformas digitais, fortalecendo o poder de mobilização da sua militância. Para fins de referencialidade, hoje o

¹⁴ Ver APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA, pág. 85, inscrição 53:07 da entrevista.

MST está presente nas redes Twitter, Facebook, Instagram e Youtube, somando mais de 1 milhão e 200 mil¹⁵ seguidores¹⁶. Quanto aos produtos de mídia sonora, conforme o site oficial do MST, o movimento conta hoje com 12 estações de rádio e 5 programas distribuídos em outras rádios e plataformas de *streaming*¹⁷, como é o caso do programa Vozes da Terra, objeto de pesquisa deste trabalho.

Em conclusão, indo ao encontro da perspectiva de comunicação como instrumento de elevação crítica do indivíduo (GRAMSCI, 2010), o que é defendido por Barbosa (2013) é que “[a] política de comunicação teve o papel de incentivar os militantes e os demais trabalhadores rurais a prosseguir na luta por reforma agrária e pela construção de uma nova sociedade e que agora precisa continuar nesse processo de elevação da capacidade crítica” (2013, p. 12). Nesse sentido, a partir da investigação do autor, se desconstrói a percepção de que estes veículos de comunicação pudessem exercer uma função de “relações públicas” da organização.

¹⁵ O valor foi obtido a partir de uma somatória dos indicadores das quatro redes. A coleta destes dados se deu no mês de novembro de 2021, durante a realização desta monografia.

¹⁶ Utiliza-se o termo *seguidores* para definir aqueles/aquelas que acompanham o conteúdo nessas redes, sendo estes *curtidas* no Facebook, *seguidores* no Instagram e no Twitter e *inscritos* no Youtube.

¹⁷ Tecnologia de transmissão de dados pela internet que permite que conteúdos, sobretudo áudio e vídeo, sejam consumidos sem a descarga de conteúdo.

3 COMUNICAÇÃO, USOS E APROPRIAÇÕES

Feita uma primeira abordagem teórica, percorrendo acerca do contexto histórico do surgimento da comunicação popular, suas implicações teóricas e práticas, este capítulo propõe uma elucidação da mídia sonora como esfera de atuação da comunicação popular, as possibilidades promovidas por novos formatos de comunicação e uma breve construção teórica quanto às dimensões da comunicação nos estudos de hegemonia e contra-hegemonia.

3.1 APROXIMAÇÕES DA MÍDIA SONORA COM A COMUNICAÇÃO POPULAR

O educador argentino Mario Kaplún foi um dos idealizadores da comunicação como ferramenta para a educação popular. Isto posto, buscando elucidar as possibilidades da mídia sonora para estes fins, retomo as contribuições do autor.

Nesse sentido, notabiliza-se o método Cassete-foro (CF), compreendido por Kaplún como "(...) sistema de comunicação para a promoção comunitária e a educação de adultos, colocado a serviço das organizações popular – rurais e urbanas – centrais cooperativas, centros de educação popular, programas de educação à distância, etc" (KAPLÚN, 1988, p. 9), em síntese, "trata-se de um sistema de intercâmbio entre comunidades de fitas-cassete gravadas por elas mesmas e pelo grupo organizador com mensagens e conteúdos diretamente relacionados ao seu interesse" (BONA; CONTEÇOTE; COSTA, 2007, p. 176).

Kaplún sustenta que "a criação de atividades como essa é a única certeza de que os processos de desenvolvimento aconteçam de forma verdadeiramente democrática", bem como, "[...] a democratização da comunicação deve começar (e terminar) no diálogo participativo do pequeno grupo local" (KAPLÚN, 1988, p. 12).

Além disso, outra apropriação da mídia sonora vinculada ao movimento de comunicação e educação popular foi a Rádio-poste, por vezes denominada alto-falantes, foi um meio de comunicação muito popular no Brasil e na América Latina nas décadas de 1970 e 1980. Graças ao baixo custo e a ausência de restrições quanto ao seu uso e sua legislação, a rádio poste esteve diretamente ligada à constituição de organizações sociais, mobilização de classes populares e movimentos sindicais.

Em Peruzzo (2004), a autora menciona experiências de rádio-poste na América Latina, como a de Villa El Salvador, em Lima, Peru. Nesse assentamento, com quase 200 mil pessoas, na década de 1980 constituiu um sistema de alto-falantes nos grupos residenciais buscando mobilizar os moradores do complexo habitacional. Além disso, também são

mencionadas as rádios guerrilheiras da Nicarágua, que atuaram diretamente na Frente Sandinista, que dentre tantas demandas buscava o fim da ditadura no país.

Lilly Soto, da Unión de Periodistas de Nicarágua, em 1989¹⁸ determinou as intenções dos veículos nicaraguenses de caráter popular:

[p]ara nós, democratizar a comunicação é deixar que o povo fale, que se expresse. Quanto à gestão, queremos torná-la participativa, mas seguindo etapa do respectivo contexto. Para tanto, é necessário ter o domínio do fenômeno comunicativo, força para atuar dentro dele e organização." (PERUZZO, 2004, p. 228).

Por mais que as experiências de rádios livres não tenham surgido com grandes pretensões, estas representam uma manifestação coletiva contra o domínio dos veículos de comunicação. Várias dessas iniciativas posteriormente profissionalizaram-se, indo ao encontro da organização formal dos movimentos sociais. Além disso, esse ímpeto por mudanças serviu de pressuposto para a criação de normas de concessão de emissoras tanto de rádio quanto de televisão (PERUZZO, 2004, p. 245).

3.2 USOS E APROPRIAÇÕES DE NOVOS FORMATOS

A seção anterior buscou elaborar brevemente algumas experiências da mídia sonora quando utilizada como ferramenta para a comunicação popular. A partir das experiências mencionadas entende-se que a mídia sonora – os altos falantes, a Rádio-poste e as emissoras de rádio, mesmo em um grau de profissionalização mais avançado – representaram, e representam até hoje, uma oportunidade de baixo custo de mobilização e expressão popular. Assim, neste momento propõe-se uma discussão quanto às possibilidades dos novos formatos de mídia sonora.

Mesmo antes do fenômeno dos podcasts e de tantos outros novos formatos de mídia sonora, com o surgimento e popularização da internet, Cebrián Herreros (2001) já direcionava a criação de novas categorias da produção sonora:

[a] internet abre caminho para uma nova rádio de intercomunicação oral e sonora entre os usuários na qual se desenvolve o modelo ‘emirec’ (emisor-receptor) com uma complexidade que resulta na perda da hegemonia do emissor diante do receptor e se gera uma situação de igualdade entre os locutores [...]. (HERREROS, 2001, p. 239)¹⁹.

¹⁸ Entrevista concedida aos autores em 27 de outubro de 1989, trecho retirado de Peruzzo (2004).

¹⁹ Tradução elaborada pela autora. Citação original em espanhol: “Internet abre el camino a una nueva radio de intercomunicación oral y sonora entre los usuarios en la que se desarrolla el modelo ‘emirec’ (emisor-receptor) con su complejidad en el que se pierde la hegemonía del emisor frente al receptor y se genera una situación de igualdad entre los hablantes [...]” (HERREROS, 2001, p. 239).

Conforme Kischinhevsky (2012), nas últimas décadas cresceu expressivamente o interesse em investigações “tecnopológicas”, ou seja, “que desconsideram a configuração dos circuitos de produção e distribuição de bens simbólicos – incluindo aí o controle econômico do polo emissor” (Ibid., p. 417). Além disso, o autor ressalta a contribuição do *podcasting* nessa ampliação dos formatos de mídia sonora, dentre os autores que dedicaram-se a compreender esse fenômeno dos *podcasts* destacam-se Castro (2005), Lemos (2005), Primo (2005); Herschmann e Kischinhevsky (2008) e Gallego, (2010).

Quanto aos esforços desses autores, destaco as contribuições de Herschmann e Kischinhevsky (2008). Os autores constroem sua argumentação no entendimento de que os novos formatos, como o *podcast* representam maior autonomia e liberdade aos produtores de conteúdo, tendo em vista que estes não dependem necessariamente da mediação das emissoras (HERSCHMANN; KISCHINHEVSKY, 2008, p. 103).

A diversidade dos programas e a apropriação do *podcast* por movimentos populares e organizações sociais é retomada pelos os autores quando estes trazem o fenômeno das rádios livres e comunitárias na América Latina nas décadas de 70 e 80, tendo em vista que esse novo formato contribui à esse fazer comunicacional fornecendo

condições materiais para veiculação de conteúdos políticos e culturais a custos muito mais baixos. Mas, de nenhuma forma, o novo meio fica circunscrito a este universo de militância, contemplando igualmente projetos de caráter nacionalista, separatistas, fundamentalistas, tribos urbanas, grupos de afinidade transnacional, pesquisadores, amantes de artes plásticas, entre outros atores sociais”. (HERSCHMANN; KISCHINHEVSKY, 2008, p. 104).

Propondo um contraponto à transmissão radiofônica, os autores ressaltam o distanciamento entre o emissor e o receptor graças à assincronia destes novos formatos. Por outro lado, graças à possibilidade de descarga e compartilhamento dos conteúdos, esse novo tipo de “mediação sonora” fortalece a cultura de portabilidade (KISCHINHEVSKY, 2009). Por fim, o autor conclui que tanto rádio social como o *podcast* podem ser entendidos como novas modalidades de radiofonia (KISCHINHEVSKY, 2011).

Na prática, a produção sonora em formato de *podcast*, muito popular no Spotify, se assemelha às faixas de rádio. Contudo, quando trata-se de produções gravadas, que não são transmitidas ao vivo como as programações de rádio, muito se perde na ambientação e contexto dos programas. Ainda que, uma vez gravado e armazenado no acervo de uma plataforma digital, a vida útil dos episódios e, logo, dos programas torna-se muito maior. Novamente sobre essa relação entre o contexto do ouvinte no momento de reprodução das produções sonoras, o *podcast* e demais produções sonoras gravadas semelhantes possuem a característica de serem ouvidos a qualquer momento, em qualquer lugar do mundo, com ou

sem ordem em relação aos outros episódios publicados. Ao lidarmos com tamanha capacidade de reprodutibilidade, é imprescindível ter em consideração a autonomia dos ouvintes em relação ao material, um evidente contraste quando nos referimos aos programas de rádio. Os programas de rádio quase sempre estão submetidos a uma programação fixa das emissoras, o que demonstra a importância de considerar o horário de transmissão dos programas, bem como a relação estabelecida entre estes.

Além disso, as plataformas de *streaming* como o Spotify possibilitam aos criadores de conteúdo outros elementos constituintes do programa, como uma descrição, uma capa e a identificação de quem é a pessoa ou empresa responsável pela produção do programa.

Já o IGTV, este se difere uma vez que o formato não é voltado especificamente para produções sonoras, mas sim audiovisuais, possibilitando que seja incluída uma dimensão visual à faixa de áudio. A maneira como o programa se apropria de ambos os formatos será discutida mais à frente, na análise do programa.

3.3 COMUNICAÇÃO, HEGEMONIA E CONTRA-HEGEMONIA

Ao efetivar uma elucidação teórica dos termos hegemonia e contra-hegemonia é imprescindível um resgate dos esforços de Antonio Gramsci e Raymond Williams, respectivamente. Para uma integral aceção do que Raymond Williams – teórico dos Estudos Culturais – coloca por contra-hegemonia é substancial uma síntese do empreendimento teórico de Gramsci.

Desse modo, a partir das reelaborações de De Moraes (2010), compreende-se aqui por hegemonia a

conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras. Além de congregar as bases econômicas, a hegemonia tem a ver com entrecosques de percepções, juízos de valor e princípios entre sujeitos da ação política. (DE MORAES, 2010, p. 54).

Além disso, tendo em conta as matrizes marxistas do pensamento gramsciano, a concepção do que se entende por hegemonia não se limita a ideação dos níveis econômicos e políticos, mas é comportada também num “plano ético-cultural, a expressão de saberes, práticas, modos de representação e modelos de autoridade que querem legitimar-se e universalizar-se”. (DE MORAES, 2010, p. 55).

Em acréscimo, Dore e de Souza (2018) concebem uma superação de Gramsci sobre Marx e Engels (1998) em razão de este propor uma interpretação da dinâmica da estrutura social considerando dois eixos: sociedade política (força) e sociedade civil (consentimento). Gramsci difere de Marx e Engels (1998) em razão destes trazerem somente a percepção de

Estado-força na coerção social. Para Gramsci, esse julgamento unidimensional reforça uma compreensão “meramente ditatorial” de força (DORE; DE SOUZA, 2018, p. 246). Conforme Gramsci, a hegemonia civil expressa a superação desse Estado-força: “[n]o Estado-força não existe uma sociedade civil robusta. Não há hegemonia. É um Estado coercitivo, sem consenso das maiorias sociais” (Ibid., p. 248).

Retomando De Moraes (2010), quando este refere-se a constituição da superestrutura elaborada em Gramsci (2000), o autor define a sociedade civil como “o conjunto de instituições responsáveis pela elaboração e propagação de ideologias enquanto concepções de mundo”. Nessa dimensão tem-se como exemplo de aparelhos ideológicos o sistema escolar, a Igreja, os partidos políticos, sindicatos, meios de comunicação, entre outros. A diferença entre a sociedade política e sociedade civil toma forma no desempenho das relações de poder. Isto é, enquanto na sociedade política as classes exercem uma dominação a partir da coerção, na sociedade civil a dominação se estabelece na busca por consentimento (DE MORAES, 2010, p. 57).

Essa diferenciação mostra-se relevante para, então, compreendermos na prática os “aparelhos” de dominação em ambas as instâncias. Na sociedade política, os aparelhos de dominação são aqueles “materiais coercitivos do Estado”, enquanto na dimensão civil os aparelhos se configuram como organismos autônomos e privados, como as organizações e instituições mencionadas anteriormente, que atuam conforme seus próprios interesses políticos-ideológicos.

Quando Gramsci menciona o termo “aparelhos de hegemonia” trata estes como organismos que “atuam como difusores e sustentáculos de concepções particulares de mundo, que almejam legitimar-se na sociedade civil” (DE MORAES, 2010., p. 59). A concepção do filósofo italiano se diferencia da de outro importante teórico que desempenha sobre a relação entre Estado e ideologia, Louis Althusser (1983, p. 66-81) uma vez que Gramsci trata estes num olhar distanciado do Estado. Essa perspectiva gramsciana de aparelho autônomo do poder estatal considera a possibilidade de que a conquista da hegemonia não dependa de uma conquista de poder do Estado. Dessa forma, enquanto Althusser trata a reprodução da ideologia como uma atribuição estatal, o entendimento de Gramsci nos leva a perceber a busca pela hegemonia como precedente à conquista do poder do Estado, em um processo que considera também a participação das classes subalternas.

Além disso, vale também considerar que ao colocar a demanda por hegemonia como uma operação dentro da instância da sociedade civil, com organismos que não estão diretamente submissos à dominação do poder estatal, é fundamental considerar que mesmo

assim o Estado intervém em tais aparelhos. Nesse sentido, Gramsci coloca que “o Estado tem e pede o consenso, mas também educa este consenso através das associações políticas e sindicais, que, porém, são organismos privados” (GRAMSCI, 2000, p. 119).

É atendendo a essa lógica que Gramsci disserta acerca do papel da imprensa na constituição da opinião pública. Ainda que a principal produção intelectual do filósofo esteja expressa nos *Cadernos de cárcere*, redigidos entre 1929 e 1935, quando este esteve como prisioneiro político do governo fascista de Benito Mussolini por 16 anos (de 1910 a 1916), o autor escreveu artigos para o jornal diário *L'Unione Sarda*. Nesses escritos, que representam mais do dobro da produção de *Cadernos de cárcere*, Gramsci se empenha em compreender as atribuições da imprensa e, logo, denunciar as predileções ideológicas da imprensa burguesa.

Gramsci (2004 *apud* DE MORAES, 2010), entende que cabe ao proletariado reconhecer que a disputa de classes não é estabelecida somente contra uma “associação privada”, mas, sim, em oposição ao Estado e todos os seus aparelhos de coerção: a polícia, a justiça e os jornais burgueses:

[t]udo o que se publica é constantemente influenciado por uma idéia: servir a classe dominante, o que se traduz sem dúvida num fato: combater a classe trabalhadora. [...] Todos os dias, [...] os jornais burgueses apresentam os fatos, mesmo os mais simples, de modo a favorecer a classe burguesa e a política burguesa, com prejuízo da política e da classe operária. [...] E não falemos daqueles casos em que o jornal burguês ou cala, ou deturpa, ou falsifica para enganar, iludir e manter na ignorância o público trabalhador. (GRAMSCI, 2005, s./p.).

Em outro momento, já em *Cadernos do Cárcere* (2000, p. 68), Gramsci elenca a imprensa como a parte mais “dinâmica dessa superestrutura ideológica”. Para isso, o autor designa o conceito de “jornalismo integral”, por entender que os meios de comunicação não somente buscam atender as demandas do público, mas também, são responsáveis por “criar e desenvolver estas necessidades e, conseqüentemente, em certo sentido, gerar seu público e ampliar progressivamente sua área [de influência]” (GRAMSCI, 2000, p. 197)

Por fim, decorrendo rapidamente quanto ao conceito de contra-hegemonia em si, proposta por Raymond Williams, ao entender que a contribuição de Gramsci não atendia em totalidade o entendimento teórico do que se estabelecia uma contra-hegemonia. Ainda que outros teóricos tenham elaborado esforços na intenção de compor o antagonismo da hegemonia de Gramsci, Williams foi o primeiro e o responsável por delimitar este termo.

Conforme as reelaborações de Dore e De Souza (2018, p. 253), em Williams (1979) a hegemonia é percebida como um “um sistema dominante de significados e valores que não são abstratos, mas adquirem um sentido de realidade para a maioria das pessoas em uma

sociedade, abrangendo diversas áreas de suas vidas”, logo, é um processo complexo demais sujeito a diversos outros fatores. Assim, não pode ser entendida como mera manipulação.

Para o autor, a contra-hegemonia se expressa nas

experiências, significados e valores que não fazem parte da cultura dominante efetiva; formas alternativas e opositoras que variam historicamente nas circunstâncias reais; práticas humanas que ocorrem “fora” ou em “oposição” ao modo dominante; formas de cultura alternativa ou opositora residuais, abrangendo experiências, significados e valores que não se expressam nos termos da cultura dominante, embora sejam praticados como resíduos culturais e sociais de formações sociais anteriores; formas de cultura emergente, englobando novos valores, significados, sentidos; novas práticas e experiências que são continuamente criadas. (DORE; DE SOUZA, 2018, p. 253).

Em suma, com base em Dore e Souza (2018, p. 257) a hegemonia e a contra-hegemonia, respectivamente formuladas por Gramsci e Williams, se diferenciam uma vez que Gramsci analisa o Estado a partir da sua configuração capitalista, ou seja, em sociedade política e sociedade civil. Nesse entendimento, as classes sociais estão regularmente disputando um espaço. Enquanto as contribuições de Williams, em razão deste considerar somente a existência de uma sociedade política, expressa na forma do Estado-força, acaba por limitar a autonomia das classes subalternas.

4 VOZES DA TERRA: METODOLOGIA E DEFINIÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Uma vez construída a fundamentação teórica do trabalho, com este capítulo busca-se esclarecer os métodos e as técnicas utilizadas para a análise neste trabalho, bem como apresentar os elementos que compõem o programa que constituem essa análise. Assim, as seções que compõem esse capítulo apresentam, respectivamente, (4.1) métodos e técnicas e (4.2) descrição do programa Vozes da Terra.

4.1 MÉTODOS E TÉCNICAS

Para a realização desta investigação, uma série de fatores e caminhos metodológicos foram considerados. Tendo em consideração Gil (2008), essa pesquisa é de caráter documental, em razão de trabalhar com duas fontes que não passaram por qualquer tratamento analítico, ou seja, quando são utilizados materiais de primeira mão, ou que estão sujeitos à reelaboração no decorrer do seu desenvolvimento, de segunda mão. As fontes utilizadas para análise, ambas de caráter primário, sendo a primeira, uma entrevista semiestruturada²⁰ com uma das militantes responsáveis pela produção do programa, e a segunda, os quinze episódios do programa que estão disponíveis nas plataformas Spotify e Instagram.

A primeira das atividades dessa fase é a leitura flutuante, este é o primeiro contato do pesquisador com o material de análise, onde surgem as primeiras impressões sobre o produto. Nesse momento de leitura flutuante, foram observados outros programas produzidos por movimentos sociais e, uma vez feita a decisão de trabalhar com um produto comunicacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), foram observados previamente dois produtos: o programa Vozes da Terra e a Rádio Terra Livre FM, do Assentamento Conquista da Fronteira, em Hulha Negra/RS.

Dentre as duas experiências documentadas, a preferência pelo programa Vozes da Terra se deu em decorrência da disponibilidade deste nas plataformas digitais, nos permitindo compreender com mais profundidade a potencialidade dessas redes nesse contexto.

O objetivo principal desta pesquisa é identificar as possibilidades contra-hegemônicas da comunicação popular na mídia sonora a partir da presença no Instagram e no Spotify do programa Vozes da Terra.

²⁰ As entrevistas semi-estruturadas são constituídas de perguntas abertas e fechadas, permitindo que o entrevistado desenvolva a temática proposta. Essa técnica de entrevista, ainda que possua o caráter de uma conversa informal, deve ser orientada por uma série de questões previamente definidas (BONI e QUARESMA, 2005, p. 75).

Conforme os elementos do programa, pretende-se identificar de que maneira as possibilidades contra-hegemônicas do programa Vozes da Terra. Dessa forma, o esquema analítico se expressa da seguinte maneira. Os elementos que compreendem a análise são: 1) tema e abordagem; 2) fontes consultadas; 3) quadros; 4) gênero do programa (Melo, 2003); 5) distribuição; 6) lógica de produção (produtores e sua respectiva formação, relação do programa com o MST e, logo, outras produções do movimento²¹).

O primeiro elemento “temas e abordagens” foi definido com o objetivo de identificar as pautas consideradas relevantes pela equipe que produz o programa e sob qual perspectiva cada temática foi abordada em cada episódio. Essa primeira análise visa compreender com mais profundidade o posicionamento do programa. O segundo elemento, “fontes consultadas”, foi definido na intenção de identificar quais (ou quem) são as referências do programa e qual espaço é dado a estes nos episódios. O terceiro elemento “Quadros” foi definido com o objetivo de identificar as prioridades do programa, a partir do tempo dado a cada quadro, o conteúdo e a abordagem de cada um e, por fim, as possibilidades contra-hegemônicas destes enquanto uma dimensão do programa.

O quarto elemento, “gênero do programa”, busca analisar este enquanto um programa de comunicação jornalístico, na intenção de identificar os aspectos de quais gêneros jornalísticos o programa apresenta. Esta análise será construída a partir das categorias propostas por José Marques de Melo (2003) em articulação com outros elementos do programa e com as categorias analíticas previamente definidas. O quinto e o sexto elementos selecionados para análise, respectivamente “distribuição” e “lógica de produção” foram selecionados com o objetivo de identificar as possibilidades contra-hegemônicas que não aparecem no conteúdo dos episódios, mas sim nas práticas e/ou condições nas quais o programa é produzido e distribuído.

Tendo em consideração as colocações teóricas nos dois primeiros capítulos, as categorias analíticas que sustentam a análise são: a) Emancipação do indivíduo (EI); b) Caráter cidadão (CC); c) Caráter educativo (CE); e) Criticidade (CR); f) Ferramenta político-ideológica (FPI).

Desenvolvendo com mais profundidade o esquema analítico da pesquisa, neste momento entende-se por “emancipação do indivíduo” a participação ativa dos sujeitos, sendo estes “sujeito de classe” que confrontam diretamente o projeto político e cultural das elites (GONZÁLEZ; GÍMENEZ, 2017). Adiante, o segundo critério, expresso no “caráter cidadão”,

²¹ Como, por exemplo, outros programas radiofônicos, outras produções de mídia impressa, presença nas redes sociais, etc.

toma forma na visão positivista sobre a coletividade. Os pressupostos estabelecidos no fazer popular e contra-hegemônico de comunicação consolidam os indivíduos como agentes de transformação da realidade social na qual estão inseridos.

O critério “caráter educativo” retoma a origem da comunicação popular, vinculada à *práxis* da educação popular. Nesse critério, é levado em conta tanto o processo pedagógico inerente à produção de um veículo de comunicação, como a dimensão informativa dos episódios. No que toca ao quarto critério, “criticidade”, este se vincula ao enfoque questionador e político que designa a contra-hegemonia.

Por fim, associado a esse, o quinto e último critério de análise investiga o programa Vozes da Terra enquanto uma ferramenta político-ideológica. Quanto a isso, recupera-se do primeiro capítulo Uranga (2009, p. 182) quando este define a comunicação comunitária como uma “vocação política”, logo, os participantes deste processo estão suscetíveis a “socializar o conhecimento, convertê-lo em alimento político e motor da ação no espaço público”.

4.2 O PROGRAMA VOZES DA TERRA

O programa Vozes da Terra é um programa de rádio desenvolvido por militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) do estado de Minas Gerais, em parceria com o Centro Popular de Mídias (CP Mídias) e a Rádio Autêntica Favela²².

Criado em 2016, o programa surgiu por uma necessidade de debater demandas políticas e conflitos sociais, bem como expor as reivindicações dos e das militantes da Reforma Agrária Popular. O Vozes da Terra, no seu surgimento, era distribuído pela Rádio Inconfidência²³, uma rádio estatal de Minas Gerais. Contudo, em 2019, por um conflito de interesses com o governador eleito nas eleições de 2018 do governo do estado, o programa foi realocado para a Rádio Autêntica Favela, uma rádio comunitária de Belo Horizonte/MG.

Com aproximadamente dez minutos de duração, o programa é transmitido ao vivo semanalmente pela manhã às sextas-feiras na grade de programação da Rádio Favela, em formato de podcast em sete²⁴ plataformas de *streaming* e no formato IGTV no perfil do Instagram do MST de Minas Gerais (@mstmg). O programa, em qualquer das plataformas citadas, é distribuído gratuitamente.

²² Rádio Autêntica 106,7 Favela FM. Rua Flor de Maio, 85 – Serra. Belo Horizonte/MG. Site: <http://www.radiofavelafm.com.br/>.

²³ Opera nos canais AM 880, FM 100,9 e Ondas Curtas 6010. Rua Tenente Brito Melo, 1090 - Bloco I - 2º e 3º andares. Belo Horizonte/MG. Site: <http://inconfidencia.com.br/>

²⁴ A partir da plataforma *Anchor.fm*, o programa é distribuído ao Breaker, Google Podcasts, Overcast, Pocket Casts, RadioPublic, Spotify e Copy RSS.

Quando a composição do episódios do Vozes da Terra, todos se iniciam pela música de abertura, seguido de uma Mística²⁵, um primeiro momento de locução, pela voz do apresentador Pereira da Viola. Logo, uma segunda locução, que varia conforme a temática do programa, e por fim, uma despedida e a música final. Além disso, o programa conta também com alguns quadros ocasionais, inseridos no meio do programa, sendo estes: Notícias do Campo, com a participação de militantes e dirigentes de outras organizações tratando de acontecimentos relativos à luta pela Reforma Agrária; o Momento Agroecológico, tratando da matriz produtiva agroecológica e a produção de alimentos saudáveis, livre de agrotóxicos e contra a produção de transgênicos, bem como as relações de trabalho estabelecidas no campo (como o cooperativismo); o Hora Camponesa²⁶, com depoimentos de assentados, militantes do MST, trabalhadores rurais, acampados, quilombolas, etc; o Saúde na Mesa, falando sobre benefícios de uma alimentação saudável, baseada no consumo de produtos orgânico; e o Arte em Movimento, dedicado à poesias e músicas relacionados à temática do programa em questão. Além disso, em alguns programas, também são inseridas músicas fora do quadro Arte em Movimento, sempre relacionadas à temática do programa.

O programa é produzido por uma equipe de oito pessoas, sendo estes militantes dos setores de comunicação, de cultura e de saúde do MST e do coletivo de artistas. O Vozes da Terra é coordenado por Agatha Azevedo, do setor de comunicação, e por Guê Oliveira, do setor de cultura do MST de Minas Gerais. O cantador²⁷, violeiro e compositor mineiro Pereira da Viola é o apresentador. Todos os membros da equipe atuam de maneira voluntária no projeto, como uma de suas atribuições como militantes do movimento.

Como este é um programa desenvolvido por militantes do MST e que reivindica essa identidade Sem-terra, as temáticas dos programas sempre dialogam com pautas da Reforma Agrária Popular, como alimentação saudável, agroecologia e redistribuição das terras agrícolas no Brasil. Além disso, o Vozes da Terra pauta também questões sociais e políticas que se encontrem em voga, como demarcação das terras indígenas e a igualdade de gênero. Quanto a isso, outro ponto considerado na produção dos episódios são as celebrações ou lutas particulares de cada mês. Na prática, isso significa que, em março, por exemplo, são priorizadas temáticas que dialoguem com o combate à violência contra a mulher.

²⁵ Tendo em consideração Vieira (2008, p. 2-3), a Mística é um “complexo de ações simbólicas que busca a construção da identidade de um sujeito político através da formação da subjetividade dos indivíduos. [...] pode ser compreendida como ritual, aparecendo como um dos elementos responsáveis pela formação da identidade política de sem-terra”.

²⁶ Surgiu em contraposição ao Hora do Fazendeiro, um programa de música sertaneja transmitido na Rádio Inconfidência.

²⁷ Expressão que significa cantor popular do nordeste brasileiro.

Em suma, em razão da ampla participação do movimento, que se constrói em inúmeras frentes de luta e denúncia, todas as temáticas abordadas no programa atravessam a atuação do MST.

Para elucidar melhor os assuntos trazidos ao programa, foi elaborado um quadro com uma compilação dos temas, abordagem que foi dada à temática e as fontes utilizadas em cada episódio. Este quadro foi elaborado a partir da escuta e descrição²⁸ dos quinze programas que compõem o *corpus* da pesquisa e é um dos documentos constituintes da análise das possibilidades contra-hegemônicas.

²⁸ Ver APÊNDICE C – DESCRIÇÃO DOS PROGRAMAS, p. 89.

Quadro 1 – Resumo de cada episódio do programa

(continua)

PLATAFORMA	TÍTULO	ABORDAGEM	FONTES CONSULTADAS ²⁹
Spotify (S)	1. Ocupação (vinculado em 20/10/2017)	Qualidade de vida no assentamento em que mora (depoimento sobre a segurança no assentamento). Auto sustento do assentamento.	Depoimento de uma moradora de uma ocupação em Minas Gerais.
	2. Alimentação Saudável (vinculado em 27/10/2017)	A incoerência da superprodução de alimentos e da miséria do Brasil e no mundo; a Agroecologia como um modelo de produção a ser adotado no país; e uma problematização da falta de opção de produtos sem agrotóxicos disponíveis no mercado brasileiro (monopólio) e sobre os males dessa prática para a saúde dos trabalhadores rurais.	Depoimento com uma descrição do que é e quais os benefícios da Agroecologia (não há descrição da entrevistada).
	3. Crime da Vale em Mariana (vinculado em 03/11/2017)	A importância que o rio Doce tinha na subsistência dos e das moradoras da região; os reflexos que a perda dessa fonte de alimento (e renda) tem na vida dessa população.	Depoimento de morador do Acampamento Esperança, no Vale do Rio Doce; Radioagência Brasil de Fato, de Periquito/MG, utilizada como fonte para o bloco Notícias do Campo.
	4. Armazém do Campo e Arroz Orgânico (vinculado em 10/11/2021)	Divulgação do Armazém do Campo, rede de comercialização de produtos produzidos pelo MST e informações sobre a expansão dessa rede no país; detalhes sobre a qualidade e a cadeia produtiva do arroz orgânico Terra Livre; a importância da alimentação saudável para o movimento.	Depoimento de dois assentados envolvidos na produção do arroz orgânico Terra Livre; depoimento de um dirigente nacional do MST; depoimento de um dos responsáveis pela ampliação da rede Armazém do Campo no Brasil.
	5. Felisburgo (vinculado em 17/11/2021)	Episódio que marca os 13 anos da Massacre de Felisburgo, um ataque violento ao acampamento Terra Prometida, em Felisburgo/MG em novembro de 2004. O massacre culminou no assassinato de cinco agricultores, dezenas de feridas, além de casas e plantações destruídas; reconhecimento à resistência do povo de Felisburgo;	Depoimento de uma assentada do acampamento Terra Prometida, em Minas Gerais

²⁹ Foram consideradas todas as fontes identificadas.

Quadro 1 – Resumo de cada episódio do programa

(continuação)

PLATAFORMA	TÍTULO	ABORDAGEM	FONTES CONSULTADAS
Spotify (S)	6. Diga não a violência contra a mulher (vinculado em 24/11/2017)	Reconhecimento da contribuição das mulheres ao trabalho rural do país; menção às ações do setor de gênero do MST e de coletivos de mulheres de Minas Gerais.	Depoimento de uma assentada da região do Triângulo Mineiro sobre sua infância como criança negra; Outra assentada da mesma região surge para apresentar uma receita de gueroba.
Instagram (I)	7. Não ao marco temporal (vinculado em 11/09/2021)	Menção ao esforço de seis mil indígenas em Brasília no acampamento “Luta pela Vida” (ago./2021); Citação a outras ações relacionadas, como a Grande Marcha das Mulheres Indígenas (set./2021). Explicação do que é o projeto do Marco Temporal e quais os perigos da aprovação desse projeto para a população indígena.	Depoimento de uma componente da Coordenação Nacional do setor de gênero do MST e indígena do povo Terena, no Mato Grosso do Sul, reconhecendo o mérito da mobilização dos indígenas; Posteriormente, um compilado de depoimentos de interlocutores não identificados. Os depoimentos são trechos do documentário <i>Ândê Yby</i> ³⁰ .
	8. Especial Grito dos Excluídos (vinculado em 14/09/2021)	Balanço das mobilizações populares contra o governo federal em 7 de setembro de 2021; Menção às dificuldades que o povo brasileiro tem enfrentado (fome, desemprego, pandemia do COVID-19);	Nenhum depoimento. No quadro <i>Notícias do Campo</i> o interlocutor não é identificado.
	9. Resistência dos povos do cerrado (vinculado em 22/09/2021)	Descrição da biodiversidade da região do Cerrado; Menção ao Tribunal Permanente dos Povos em defesa dos territórios do Cerrado; Denúncia do ecocídio e genocídio cultural que está sendo realizado na região do Cerrado, sobretudo graças a ampliação do agronegócio.	Fonte do quadro <i>Notícias do Campo</i> : Integrante da Coordenação Executiva da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado e da Comissão Pastoral da Terra no Tocantins;

³⁰ Documentário *Ândê Yby* (Nós somos a terra tupinambá). O documentário é uma produção de estudantes do curso de Comunicação Social – Rádio e TV da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA). Disponível para acesso no link: <https://www.youtube.com/watch?v=N2DKI2UaZxQ>

Quadro 1 – Resumo de cada episódio do programa

(continuação)

PLATAFORMA	TÍTULO	ABORDAGEM	FONTES CONSULTADAS
Instagram (I)	10. Centenário Paulo Freire (vinculado em 03/10/2021)	Reconhecimento às contribuições de Paulo Freire para a educação brasileira; Menção às ações do MST no centenário do educador.	Depoimento de uma assentada detalhando as ações da campanha ‘Viva Paulo Freire, um educador do povo’. No quadro <i>Arte em Movimento</i> , utilizada um cordel do Instituto Paulo Freire, com a música Presepada, de Sérgio Campelo e Cláudio Moura
	11. Primavera nos dentes pelo Fora Bolsonaro (vinculado em 06/10/2021)	Menção à Semana do Meio Ambiente com o lema: ‘Semear o presente, respirar no futuro, árvores vivas e Fora Bolsonaro’; Descrição das ações do Plano Nacional 'Plantar Árvores, Produzir Alimentos Saudáveis'.	No quadro <i>Hora Camponesa</i> , um depoimento de uma militante e dirigente do MST acerca das ações dos projetos mencionados.
	12. Dia Mundial da Alimentação (vinculado em 15/10/2021)	Retorno do Brasil ao Mapa da Fome; a alimentação saudável como um direito humano básico; a importância da produção, comercialização e o consumo de alimentos advindos da Reforma Agrária Popular e alimentos agroecológicos para a garantia de uma alimentação adequada e saudável.	No quadro <i>Saúde na Mesa</i> , depoimento de uma nutricionista e integrante do setor de saúde do MST. No quadro <i>Notícias do Campo</i> , depoimento de uma dirigente nacional do MST.
	13. Democratização da comunicação: Levante sua Voz (vinculado em 26/10/2021)	Menção ao Dia Internacional da Democratização da Comunicação, em 17 de outubro; denúncia do histórico recente de censura, limitação da liberdade de expressão no país, disseminação de informações maliciosas, a perseguição a profissionais da imprensa e a relação destas com a gestão do governo federal.	No quadro <i>Hora Camponesa</i> , depoimento de um componente da Direção Nacional do setor de Comunicação do MST.

Quadro 1 – Resumo de cada episódio do programa

(conclusão)

PLATAFORMA	TÍTULO	ABORDAGEM	FONTES CONSULTADAS
Instagram (I)	14. Dia dos Mortos e a pandemia (vinculado em 01/11/2021)	Dados sobre a mortalidade do vírus COVID-19 no país; reflexão sobre o que é a Morte Social e os reflexos do poder do capital financeiro na morte da população; relação entre o agronegócio e a fome no país;	Nenhum depoimento. No quadro <i>Notícias do Campo</i> o interlocutor não é identificado.
	15. Luta contra a mineração (vinculado em 08/11/2021)	Menção aos 06 anos do Crime da Samarco no Rio Doce e a impunidade com as empresas responsáveis pela tragédia; panorama dos danos causados à população mineira nos desastres causados pela mineração no estado.	No quadro <i>Notícias do Campo</i> , depoimento de um integrante do setor de direitos humanos do MST.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.1 Distribuição

Com uma série de canais de transmissão, a distribuição do Vozes da Terra é um dos diferenciais do programa. O programa, além de ser transmitido ao vivo na Rádio Autêntica Favela, também é publicado no perfil do Instagram do MST em Minas Gerais e em um perfil do Spotify.

A partir da ferramenta *Anchor.fm*, o programa é distribuído em outras seis plataformas de streaming, além disso, como mencionado pela entrevistada, em razão das dificuldades no acesso às redes pelos trabalhadores da zona rural, o programa também é enviado à parceiros e ouvintes pelo aplicativo de mensagens WhatsApp³¹.

4.2.1.1 Rádio Inconfidência

O programa Vozes da Terra surgiu na Rádio Inconfidência em 2016, contudo, por se tratar de uma instituição pública sujeita a administração do governo do estado de Minas Gerais, em 2019, com a eleição de um novo governador nas eleições de 2018, o programa foi cortado da grade de programação da rádio.

Inicialmente, o programa era produzido presencialmente na rádio e editado em parceria com a equipe atuante na rádio. Contudo, com o acirramento dos conflitos políticos no país e a consolidação da polarização, o programa passou a ser gravado num estúdio caseiro, editado pelo apresentador Pereira da Viola e encaminhado à equipe da rádio para a transmissão.

Quanto à gestão administrativa da rádio, a Rádio Inconfidência é uma rádio estatal de Minas Gerais em funcionamento desde 1936 e gerida pela Rede Mineira de Comunicação Ltda – EMC. Conforme a Carta Anual de Governança Corporativa da EMC, a empresa é hoje responsável pela administração das marcas: Rádio Inconfidência, Brasileiríssima FM, Rede Minas de Televisão e da gestão administrativa da Fundação TV Minas Cultural e Educativa.

4.2.1.2 Rádio Autêntica Favela

Com a saída do programa da Rádio Inconfidência, o Vozes da Terra foi convidado a ser colaborador da Rádio Favela, uma rádio comunitária de Belo Horizonte. Conforme seu site oficial, a rádio surgiu na Vila Nossa Senhora de Fátima, no Aglomerado da Serra, Região centro-sul de Belo Horizonte/MG no final da década de 1970. Assim como acontecia na Rádio Inconfidência, na Rádio Autêntica Favela o programa é o primeiro transmitido pela

³¹ Ver APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA, página 78, inscrição 17:25 da entrevista.

manhã nas sexta-feiras, na intenção de acompanhar os trabalhadores no seu trajeto para o trabalho.

4.2.1.3 Spotify

Com o objetivo de ampliar seu público ouvinte, sobretudo aqueles ouvintes que não conseguem ouvi-lo quando transmitido ao vivo e visando construir um acervo do programa, aumentando a “vida útil” dos episódios, em agosto de 2020, seis episódios foram adicionados à plataforma de *streaming* de produções sonoras, *Spotify*. O quadro a seguir exhibe uma breve descrição dos episódios disponíveis na plataforma.

Quadro 2 – Episódios do programa publicados no Spotify

TÍTULO DO PROGRAMA	DATA DO PROGRAMA	PUBLICADO EM	TEMPO DE DURAÇÃO
Ocupação	20/10/2017	ago/2020	10min31s.
Alimentação Saudável	27/10/2017	ago/2020	10min22s.
Crime da Vale em Mariana	03/11/2017	ago/2020	11min23s.
Armazém do Campo e Arroz Orgânico	10/11/2021	ago/2020	11min15s.
Felisburgo	17/11/2021	ago/2020	12min
Diga não a violência contra mulher	24/11/2017	ago/2020	10min35s.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.1.4 Instagram

Na rede social *Instagram*, o programa *Vozes da Terra* é distribuído no formato IGTV no perfil Minas Sem Terra, uma página destinada à divulgação de ações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) de Minas Gerais, conforme informado na descrição do próprio perfil.

O perfil, cuja primeira publicação é do dia 05 de junho de 2020, hoje conta com mais de 1.100 publicações e 5.500 seguidores. Em relação aos vídeos de maior duração, onde são publicados os episódios do programa *Vozes da Terra*, atualmente o perfil conta com aproximadamente 180 vídeos publicados. Os dados acerca do perfil estão resumidos no quadro abaixo.

Quadro 3 – Perfil Minas Sem Terra (@mst_mg) no *Instagram*³²

TIPO DE PUBLICAÇÃO	QUANTIDADE
Número de publicações	1.145
Número de seguidores	5.590
Número de perfis seguindo	404
Destaques	i. Marcha MST-MG
Vídeos publicados (na aba <i>IGTV</i>)	180 vídeos

Fonte: Elaborado pela autora.

Dos 180 vídeos publicados no perfil, 9 referem-se a episódios do Vozes da Terra. Alguns dos programas foram identificados com a hashtag #vozesdaterra, mas em razão de nem todos estarem identificados dessa forma, a coleta dos programas foi realizada manualmente, vídeo a vídeo. O título do programa, a data de publicação do mesmo e o tempo de duração podem ser encontrados no quadro abaixo.

Quadro 4 – Episódios do programa publicados no Instagram

TÍTULO DO PROGRAMA	DATA DE PUBLICAÇÃO	TEMPO DE DURAÇÃO
Não ao marco temporal	11/09/2021	10min24s.
Especial Grito dos Excluídos	14/09/2021 ³²	11min29s.
Resistência dos povos do Cerrado	22/09/2021	11min13s.
Centenário Paulo Freire	03/10/2021	11min47s.
Primavera nos dentes pelo Fora Bolsonaro	06/10/2021	10min33s.
Dia Mundial da Alimentação	15/10/2021	11min10s.
Democratização da comunicação: Levante sua Voz	26/10/2021	10min58s.
Dia dos mortos e a pandemia	01/11/2021	11min47s.
Luta contra a mineração	08/11/2021	10min21s.

Fonte: Elaborado pela autora.

³² Dados coletados no dia 28 de novembro de 2021.

Ainda que ambos os aplicativos disponibilizem métricas de consumo dos programas aos produtores de conteúdo, quando questionada sobre, a coordenadora do programa informou que não possui acesso a estes indicadores.

5 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Esta pesquisa trata-se de um estudo acerca das possibilidades contra-hegemônicas de um veículo de comunicação popular. Dessa forma, para atribuir mais transparência e confiabilidade à pesquisa, neste momento dedico um espaço para apontar evidências que atestam um caráter de comunicação popular ao programa Vozes da Terra.

A partir do que foi colocado no primeiro capítulo teórico, que atende o percurso teórico da comunicação popular, se desempenham como noções elementares de um veículo desse modelo: o 1) protagonismo do indivíduo; 2) caráter cidadão (visão positivista sobre a coletividade); 3) caráter educativo; 4) criticidade; 5) ferramenta político-ideológica.

No quadro 1 (p. 40), onde constam os temas, abordagens e fontes dos quinze programas analisados, bem como na transcrição da entrevista com a militante do MST e coordenadora do Vozes da Terra, Guê Oliveira, busco evidenciar como as noções elementares estão presentes no programa. A construção deste quadro se deu a partir da escuta e descrição de todos os programas selecionados. A transcrição da entrevista e descrição dos programas encontram-se, respectivamente, como apêndice B (p. 75) e C (p. 89).

5.1 ANÁLISE

Como mencionado na descrição dos métodos e técnicas da pesquisa, a metodologia se sustenta na análise do programa a partir dos seguintes elementos: 1) temas e abordagens; 2) fontes consultadas; 3) quadros; 4) gênero do programa (Melo, 2003); 5) distribuição; 6) lógica de produção (produtores e sua respectiva formação, relação do programa com o MST e, logo, outras produções do movimento). Com isso, esta seção dedica-se a identificar as possibilidades contra-hegemônicas do programa a partir dos critérios elencados.

5.1.1 Temas e abordagens

A busca pela emancipação dos indivíduos é inerente à comunicação popular. Essencialmente, por se tratar de um programa produzido por um movimento historicamente vinculado à libertação das classes subalternas, é esperado que essa luta esteja expressa nas pautas abordadas no programa Vozes da Terra.

Quanto a isso, o critério de emancipação dos indivíduos toma forma nos temas e abordagens do Vozes quando apresenta a realidade dos e das assentadas e militantes do MST. Tendo como exemplo o episódio S01, o programa coloca em pauta a vivência nas ocupações do MST, contemplando o olhar dos assentados sobre a qualidade de vida nos assentamentos e acampamentos.

Dando continuidade, o caráter cidadão do Vozes é evidenciado no incentivo à participação política. Nesse critério, destacam-se dois episódios: I08 e I11. Em ambas, as situações são realizadas convocações aos ouvintes para que estes se engajem nas mobilizações contra o governo federal.

No critério “caráter educativo” retoma-se a origem da comunicação popular, vinculada à *práxis* da educação popular. Nesse sentido, é levado em consideração o processo pedagógico intrínseco à produção de um veículo comunicacional. Além disso, ainda no critério educativo, o potencial informativo do programa também é atendido. Como indica a coordenadora do programa na entrevista, a ampliação da vida útil do programa, em razão do arquivamento dos episódios em plataformas de *streaming*, *permite* que estes sejam consultados como material de estudo. Citando como exemplo, o episódio I12 elabora um panorama acerca do retorno do Brasil ao Mapa da Fome, em diálogo com informações nutricionais dos alimentos e os benefícios de produzir e consumir produtos orgânicos, livre de agrotóxicos.

O enfoque crítico do programa, nos temas e abordagens, é evidenciado – em alguma instância – em todos os episódios selecionados a partir da denúncia de problemáticas sociais. Nesse sentido, podem ser mencionados os episódios S02, S05 e S06, que discorrem respectivamente sobre o aumento da fome e da miséria no país, a violência com os trabalhadores rurais e a violência contra a mulher. Como mencionado previamente no trabalho, graças às muitas ramificações do MST, o movimento atua em diferentes frentes de luta.

Por fim, além do enfoque emancipatório, o uso do programa como meio de divulgação da luta e das frentes de atuação do movimento coloca este na posição de ferramenta político-ideológica. O programa, assim como demais veículos de comunicação do MST atuam na propagação de ideias da luta pela reforma agrária, buscando apresentar as demandas dos e das trabalhadoras rurais sem-terra e retratar a relevância da causa defendida pelo movimento.

5.1.2 Fontes consultadas

Antes de dar início à análise em si deste elemento, cabe reafirmar a importância das representações sociais na comunicação. A ocupação dos indivíduos em determinados lugares toma forma no que Luis Mauro Sá Martino (2018, p. 147) expressa quanto narrar a realidade

do outro, ao dizer “[...] imagine que, na sociedade, [a] diferença entre narrar e ser narrado é a diferença entre ser visível ou invisível”.

No que diz respeito às fontes utilizadas nos episódios, foi possível identificar cinco categorias de fontes: 1) Assentados/acampados do MST; 2) Representantes do MST, sobretudo dirigentes; 3) Ativistas de organizações parceiras do MST; 4) Outros produtos de mídia do MST; 5) Veículos de comunicação que não são vinculados ao MST. As três primeiras categorias representam fontes de depoimentos/entrevistas enquanto as duas últimas são referentes a outros produtos que são utilizados como fonte para a elaboração de um quadro do programa. Essa categorização foi feita a partir das denominações que o apresentador Pereira da Viola atribui a cada uma das fontes/interlocutores.

Quanto à primeira categoria, os depoimentos de assentados/acampamentos são identificados em 6 dos 15 episódios. Para chegar a este resultado, foi levado em consideração as apresentações dos entrevistados que continham as seguintes denominações: “morador(a) da ocupação [...]”, “morador(a) do acampamento [...]”, “assentado(a) do MST”, “assentado(a) do acampamento [...]” e “assentado(a) na região [...]”. Os seis episódios onde constam esses depoimentos são o S01, S03, S04, S05, S06 e I10. Em quatro episódios as entrevistas estão inseridas dentro do quadro Hora Camponesa, enquanto os outros dois, um está inserido no Momento Agroecológico e o outro, no quadro Receitas da Roça.

Em outras 6 oportunidades os interlocutores são apresentados como representantes de alguma instância do MST, a partir das seguintes denominações: “responsável pela ampliação do Armazém do Campo (rede de comercialização de alimentos do MST)”, “componente da Coordenação Nacional [...] do MST”, “militante e dirigente do MST”, “integrante do setor [...] do MST”, “dirigente nacional do MST” e “componente da Direção Nacional do setor de [...] do MST”.

Essa diferenciação de ativistas para moradores de ocupações se justifica por uma compreensão de que nem todos os assentados do MST atuam ativamente como militantes e/ou representantes do movimento, contribuindo em outras frentes, como por exemplo na produção e comercialização de alimentos. Cabe um reconhecimento de que estes dados são insuficientes para suposições quanto a organização e hierarquização interna do MST, essas categorias foram criadas com base na apresentação do programa a cada um dos interlocutores .

Os episódios nos quais estes entrevistados são mencionados são: S04, I07, I11, I12, I13 e I15; os depoimentos destes foram utilizados nos quadros Notícias do Campo, Hora Camponesa e Saúde na Mesa. Um dos depoimentos foi apresentado sem estar inserido em um dos quadros do programa.

As três últimas categorias foram identificadas somente em um episódio cada. No episódio 09, no quadro Notícias do Campo, é utilizado o depoimento de uma ativista de uma organização parceira do MST, a Comissão Pastoral da Terra. No episódio S03, no quadro Notícias do Campo, a fonte utilizada é a Radioagência Brasil de Fato, de Periquito/MG, que possui vínculo com o MST. E, finalmente, no episódio I07 é utilizado, também no quadro Hora Camponesa, vários trechos *ipsis litteris* de um documentário organizado por estudantes universitários, sem vínculo com o MST. Para melhor visualização, as fontes mencionadas e suas respectivas aparições estão no quadro abaixo.

Quadro 5 – Fontes identificadas

CATEGORIA	DENOMINAÇÕES UTILIZADAS	EPISÓDIOS
Depoimentos de assentados/acampados	<ul style="list-style-type: none"> • Morador(a) da ocupação [...] • Morador(a) do acampamento [...] • Assentado(a) do MST • Assentado(a) do acampamento [...] • Assentado(a) na região [...] 	S01, S03, S04, S05, S06 e I10
Representantes do MST	<ul style="list-style-type: none"> • Responsável pela ampliação do Armazém do Campo (rede de comercialização de alimentos do MST) • Componente da Coordenação Nacional [...] do MST • Militante e dirigente do MST • Integrante do setor [...] do MST • Dirigente Nacional do MST • Componente da Direção Nacional do setor de [...] do MST 	S04, I07, I11, I12, I13 e I15.
Ativistas de organizações parceiras	Integrante da Coordenação Executiva da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado e da Comissão Pastoral da Terra no [estado brasileiro]	I09
Outros produtos de mídia do MST	Radioagência Brasil de Fato	S03
Veículos de comunicação que não são vinculados ao MST.	Documentário Îandê Yby	I07

Fonte: Elaborado pela autora.

Uma vez identificadas e categorizadas essas fontes, podem ser feitas algumas inferências. Com base nos dados coletados pode-se dizer que são priorizados depoimentos de pessoas que integram o MST. Ainda que a maioria dessas entrevistas tenham sido inseridas no quadro Hora Camponesa, que visa justamente amplificar a voz dos e das trabalhadoras do

campo, somente a existência desse bloco já demonstra uma preocupação em colocar estes camponeses num local de protagonismo, contudo, a análise do roteiro do programa a partir dos quadros será desenvolvida no próximo item.

Retomando a discussão, baseado nas categorias identificadas e nessa priorização com depoimentos de moradores das ocupações e representantes do MST, é possível identificar nesse elemento, dois dos critérios de análise estabelecidos para o trabalho: a emancipação do indivíduo e a comunicação como ferramenta política-ideológica. O primeiro critério, conforme havia sido mencionado, se expressa na preferência por trabalhadores rurais sem-terra como interlocutores do programa.

Já o segundo critério se expressa não somente na recorrência de dirigentes como interlocutores do programa, mas sobretudo no contexto no qual estes se inserem no programa. Dos 6 depoimentos de atividades e dirigentes do MST, em 5 oportunidades estes representantes detalham ações do MST. Dito isso, constata-se que esse reconhecimento da atuação do MST representa uma ferramenta político-ideológica uma vez que atua como divulgação das lutas da organização.

5.1.3 Quadros

Indo ao encontro do que foi colocado no item anterior, o protagonismo dos trabalhadores rurais sem-terra toma forma essencialmente no quadro ‘Hora Camponesa’. A partir dos dados coletados na entrevista com a coordenadora do programa, sabe-se que a este foi criado em contraponto ao Hora do Fazendeiro, um programa de música sertaneja transmitido na Rádio Inconfidência³³.

A existência do quadro por si só já revela a preocupação do programa em expor a perspectiva do camponês, mas além disso, evidencia a identificação do programa com a causa sem-terra, se colocando em posição de contra-hegemônica uma vez que indiscutivelmente a elite do agronegócio é uma hegemonia em muitas instâncias no país.

Ainda sobre o quadro, quando a entrevistada expressa o significado da participação em um programa de rádio transmitido ao vivo para o público de uma grande capital como é Belo Horizonte, reconhece a importância de dar visibilidade ao olhar de quem é sustentáculo do movimento sem-terra: o trabalhador rural³⁴. Com isso, o programa fortalece seu vínculo com a organização, mas, sobretudo, com o trabalhador rural e com o ouvinte, construindo um elo amparado na identificação.

³³ Ver APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA, p. 77, inscrição 11:04 da entrevista.

³⁴ Ver APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA, p. 88, inscrição 1:00:42 da entrevista.

Adiante, ao tratar do caráter educativo do Vozes da Terra, repete-se a premissa apontada em ‘Temas e abordagens’ (item 4.1.1), uma vez que o enfoque educativo do programa se desenvolve em dois eixos, no potencial informativo e no caráter formativo. Primeiramente, o potencial informativo do programa é visível nos quadros ‘Saúde na Mesa’, ‘Momento Agroecológico’, ‘Notícias do Campo’, ‘Receitas da Roça’ e ‘Arte em Movimento’, que pretendem objetivamente levar informações aos ouvintes acerca de temas adjacentes à atuação do MST.³⁵

Quanto ao caráter cidadão e o programa enquanto uma ferramenta política-ideológica, estas estão expressas em conjunto mas não necessariamente em um quadro. Assim como mencionado no elemento temas e abordagens, esses elementos se expressam no incentivo à participação política, convocando os e as ouvintes a mobilizarem-se contra o governo federal e do estado de Minas Gerais, nos quais destacam-se os episódios I08 e I11.

5.1.4 Gênero

A análise do gênero do programa se sustenta com base em Melo (2003). Ainda que em sua pesquisa, Marques de Melo limitou-se a uma análise de gêneros a partir do jornalismo, especialmente referindo-se a mídia impressa as classificações propostas por este contemplam as dimensões do programa. Em *Jornalismo Opinitivo*, Marques de Melo constrói sua argumentação a partir de dois gêneros: informativo, expresso nos formatos nota, notícia, reportagem e entrevista; e opinativo, expresso nos formatos editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta.

Inúmeros outros pesquisadores dedicam-se a classificar e compreender as diferenças entre os gêneros jornalísticos, mas a partir do que coloca o autor, entende-se que o programa Vozes da Terra – nos seus quadros – manifesta-se em ambos os gêneros. O caráter educativo do programa, que ao tratar-se de gênero jornalístico vai ao encontro ao gênero informativo, é expressa em mais de um elemento dessa análise, como está demonstrado neste capítulo. Por outro lado, seria superficial perceber o Vozes da Terra somente como um programa informativo, porque ele também se coloca em condição de formular opiniões críticas.

Dessa forma, da mesma maneira que o critério ‘Caráter educativo’ se expressa nos outros elementos, tanto como material de apoio para pesquisas como um enfoque formativo para a equipe e demais militantes do MST, toma forma nesse elemento. Além disso, quanto ao

³⁵ A descrição de cada quadro encontra-se no item 4.2, p. 38.

programa enquanto uma ferramenta político-ideológica, a expressão deste no programa se coloca da mesma maneira exemplificada nos itens 5.1.1 e 5.1.3.

5.1.5 Distribuição

No elemento ‘Distribuição’, de início, cabe retomar que – por razões de objetividade da pesquisa – a análise voltou-se somente para a distribuição do programa na Rádio Autêntica Favela, na plataforma de *streaming* Spotify e na rede social Instagram, em razão disso, não será levado em consideração a distribuição do programa a partir da rede social WhatsApp. Dito isso, para assimilar por inteiro as possibilidades contra-hegemônicas do programa, a partir do seu processo de distribuição, é fundamental analisar cada formato individualmente, buscando identificar os diferenciais de cada um dos formatos.

Sobre a distribuição do programa a partir de uma emissora tradicional, o fator mais importante a ser levado em consideração é a natureza das duas emissoras nas quais o Vozes da Terra foi vinculado³⁶. Conforme o que foi apurado na entrevista, entende-se que a distribuição do programa a partir de uma rádio estatal com cobertura na maior parte da capital do estado, atribuía muita legitimidade e visibilidade ao programa, contudo, com inúmeras limitações. A possibilidade de dialogar com públicos mais diversificados representa uma oportunidade de divulgação da luta sem-terra, atribuindo ao Vozes um papel de ferramenta político-ideológica. Contudo, a partir das colocações da entrevistada entende-se que tais restrições (motivadas por um conflito de interesses da emissora e dos produtores do Vozes) provocavam um afastamento do programa com o movimento em si, na dimensão identificação deste com o MST³⁷.

Em compensação, a transferência para uma rádio comunitária, a Rádio Autêntica Favela, em 2019, favorece a identificação do Vozes da Terra enquanto movimento sem-terra, assim como aproxima estes de quem realmente buscavam diálogo: os e as trabalhadoras de Belo Horizonte/MG.

Além disso, tratando não necessariamente das emissoras mas do formato radiofônico em si, indiscutivelmente o maior diferencial de um programa de rádio é a sincronicidade. Ainda que essa sincronicidade diminua a vida útil do programa, uma vez que este é transmitido uma única vez, a definição de um horário para transmissão e a relação do programa com o restante da grade de programação – sobretudo aqueles que antecedem e sucedem o Vozes da Terra –, simboliza uma oportunidade para a sistematização de estratégias de aproximação com o público.

³⁶ Ver item 4.2.1 DISTRIBUIÇÃO, p. 45.

³⁷ Ver APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA, p. 80, inscrição 27:50 da entrevista.

Primeiramente analisando em conjunto os formatos *podcast* (Spotify) e *IGTV* (Instagram), como mencionado, o que estes divergem do programa ao vivo é a possibilidade da ampliação da vida útil dos programas. Além disso, conforme o objetivo de cada uma das plataformas, é possível adicionar outros elementos complementares ao programa. No caso do Spotify, cada produtor de conteúdo pode adicionar ao programa uma foto ao programa (Figura 2) e a cada episódio, além de um espaço para uma breve descrição do programa³⁸.

Figura 2 – Identidade visual do programa Vozes da Terra.



Fonte: Perfil do Spotify do Vozes da Terra (2022).

Os termos de uso do Spotify informam que a produção de conteúdos de *podcast* para a plataforma não é remunerada, contudo, o próprio Spotify não hospeda programas, apenas reproduz materiais de outros serviços de hospedagem, a partir de links de feed RSS. O programa Vozes da Terra é hospedado no serviço *Anchor.fm*, que é oferecido pelo próprio Spotify. A partir deste serviço de hospedagem, o Vozes da Terra é assim redistribuído a sete plataformas de *streaming*: Breaker, Google Podcasts, Overcast, Pocket Casts, RadioPublic, Spotify e Copy RSS. O serviço de hospedagem é inteiramente gratuito na plataforma *Anchor.fm* tanto para o ouvinte quanto para o produtor, além disso, é a partir deste serviço de hospedagem que permite remuneração aos produtores³⁹, mas conforme informa a entrevistada,

³⁸ No Spotify, a descrição do programa é a seguinte: O programa Vozes da Terra é uma parceria entre o MST, o CP Mídias e a Rádio Autêntica Favela 106,7 FM de Belo Horizonte. Apresentação: Pereira da Viola; Coordenação: Agatha Azevedo e Guê Oliveira; Produção: Agatha Azevedo, Guê Oliveira, Luana Silva, Dandara D'Araçá, Geanini Hackbardt, Iris Pacheco, Ludmila Bandeira e Leiner Hoki.

³⁹ O sistema de remuneração do *Anchor.fm* funciona de três formas: a) um método de apadrinhamento de programas. Aos criadores de conteúdo é dada a possibilidade de limitar o acesso de determinados episódios à

a equipe do programa opta por não tornar o programa remunerado em troca de mantê-lo gratuito.

No que se refere ao IGTV, este apresenta como diferencial dois fatores: a) a inclusão de uma dimensão visual ao programa (o formato é adaptado para vídeos, não áudios) e b) a interatividade com o público. No que diz respeito ao primeiro item, a possibilidade de inclusão de uma foto/vídeo ao programa, poderia ser implementada de diversas formas, incluindo uma tradução do programa à uma linguagem audiovisual. No Vozes da Terra essa nova dimensão é aproveitada para a divulgação de uma artista militante do MST, Leiner Hoki.

Quanto ao segundo, a interatividade com o público, se dá em razão da própria lógica de funcionamento da rede social Instagram, que permite a inclusão de curtidas e comentários em qualquer publicação. A distribuição do programa na rede social Instagram aproxima o programa do público ouvinte graças a essas ferramentas, possibilidade inexistente nos outros dois formatos, que contam somente com um número de telefone para contato, mencionado no próprio programa.

Além disso, outra consideração acerca desse formato é de que o programa analisado, o Vozes da Terra, este não é reproduzido em um canal de distribuição próprio, ele é publicado semanalmente no perfil do MST de Minas Gerais. Por um lado, esse fator aproxima ainda mais o programa da identidade sem-terra, mas por outro, limita os ouvintes que têm interesse somente em ouvir o programa, que não buscam consumir o restante do conteúdo compartilhado no perfil. Uma alternativa a ser considerada é identificar os programas no perfil a partir de uma #, que pode ser buscada na própria ferramenta de busca da rede social.

No quadro abaixo, um resumo dos argumentos de cada formato.

que contribui financeiramente com os programas: planos de assinatura com conteúdo exclusivo; b) a partir de anúncios do próprio serviço; c) a partir de doações espontâneas;

Quadro 6 – Possibilidades e limitações de cada formato

FORMATO	POSSIBILIDADES	LIMITAÇÕES
Rádio	<ul style="list-style-type: none"> • Sincronicidade; • Tecnicamente acessível; 	<ul style="list-style-type: none"> • Temporalidade do programa; • Tempo de duração; • Atende aos interesses da emissora;
Spotify	<ul style="list-style-type: none"> • Remuneração; • Conteúdo complementar (descrição e capa) • Disponibilidade; 	<ul style="list-style-type: none"> • Depende de um dispositivo com acesso à internet;
IGTV	<ul style="list-style-type: none"> • Remuneração; • Disponibilidade; • Conteúdo complementar (dimensão visual); • Maior identificação com o movimento; • Aproximação com público ouvinte/interatividade; 	<ul style="list-style-type: none"> • Depende de um dispositivo com acesso à internet; • Tempo de duração;

Fonte: Elaborado pela autora.

Por fim, feito esse panorama dos formatos, é possível inferir que nesse critério evidencia-se o caráter do programa enquanto uma ferramenta político-ideológica. Além disso, ressaltado também o caráter cidadão do programa no que toca às possibilidades de ampliação da audiência e de participação desses ouvintes, a partir da distribuição deste nas redes sociais, uma vez que a plataforma do Instagram permite várias formas de interação, como curtidas, comentários e compartilhamentos.

Quanto a isso, evidencio a acessibilidade técnica de cada formato. Para ouvir o programa ao vivo, basta um aparelho de rádio, enquanto para ouvir no formato IGTV ou *podcast* no Spotify, necessita-se somente de um dispositivo com acesso à internet. Nesse momento, cabe mencionar que por mais que isso aqui seja entendido como oportunidade, em decorrência do difícil acesso à internet no interior do país isso pode representar uma limitação. Contudo, avaliando outras possibilidades semelhantes, poucas se diferenciam na acessibilidade técnica. Por isso, cabe um reconhecimento aos esforços da equipe do programa em compartilhar o programa na íntegra pela rede social WhatsApp aos ouvintes e entidades parceiras, uma vez que este exige menos da conexão à internet se comparado à outros aplicativos⁴⁰.

⁴⁰ Ver APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA, p. 86, inscrição 53:07 da entrevista.

Além destes, cabe mencionar também o caráter educativo, que se expressa na atenção que a equipe dá em ampliar as formas de distribuição na finalidade de cobrir um número maior de ouvintes. Nos últimos anos, houve uma preocupação em ampliar essa cobertura e, conforme a entrevistada, o programa tem interesse em ampliar ainda mais essa cobertura, integrando mais militantes à produção do programa e inserindo os episódios em mais plataformas⁴¹.

5.1.6 Lógica de produção

No que diz respeito ao último dos elementos, a lógica de produção do programa será abordada a partir do protagonismo dos indivíduos, tendo em consideração dois vieses. Primeiro, o protagonismo dos indivíduos toma forma na equipe do programa, que é produzido essencialmente por ativistas ou colaboradores do programa. Além disso, a partir do que coloco a entrevistada⁴², a rádio costuma realizar oficinas formativas para profissionalização dos militantes, visando tanto socializar o conhecimento técnico quanto profissionalizar militantes para contribuírem com o programa. Ainda sobre essa formação, a entrevistada ressalta a importância desse compartilhamento de experiências com pessoas de fora do movimento como incentivo para a produção de outros programas. Como exemplo a isso, traz o exemplo de um programa que surgiu a partir da socialização da experiência do Vozes da Terra, que é o Vozes Mulheres, desenvolvido por um grupo de mulheres da região do Mucuri/G.

Retomando o que foi discutido no item 5.1.2, ‘Fontes consultadas’, acerca da diferença na representatividade de narrar ou ser narrado, a autonomia dos sujeitos manifesta-se também nos bastidores do programa, uma vez que, conforme informa a entrevistada, o programa é produzido essencialmente por mulheres no MST de Minas Gerais, não somente da comunicação mas de outros setores da organização.

O segundo fator a ser considerado aqui, é novamente o caráter formativo do programa. Também com base nas colocações da entrevistada, constata-se que a experiência de participar do programa simboliza uma aprendizagem, não só enquanto militantes do MST mas enquanto indivíduos políticos, aprendendo para e com o Vozes da Terra.

Além disso, a entrevistada revela uma preocupação dos produtores em manter a identidade sem-terra e apontando a relação entre este fator e as emissoras nas quais o programa esteve ou está vinculado. Por fim, resgato também que, em razão da pandemia de

⁴¹ Ver APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA, p. 85, inscrição 48:12 da entrevista.

⁴² Ver APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA, p. 82, inscrição 37:38 da entrevista.

COVID-19 e, logo, com a suspensão das atividades presenciais da rádio em março de 2020, este e os demais programas passaram a ser produzidos de maneira remota, tornando o processo de criação do programa muito mais autônomo.

Por último, outra consideração também extraída da entrevista expressa a preocupação em ter uma circulação de pessoas na equipe de produção do programa. Conforme a entrevistada, essa circulação de pessoas permite uma maior socialização de conhecimento técnico, sobre produção de programas radiofônicos, bem como, permite que outros pontos de vista possam ser considerados dentro do programa, que acompanham novos integrantes.

5.2 DISCUSSÃO

Essa seção tem como objetivo articular de que maneira as possibilidades contra-hegemônicas se expressam conforme os critérios analisados do programa, tendo em vista os episódios selecionados para essa análise. Este se trata de um trabalho de caráter documental (GIL, 2008), em razão de ter como fonte dois materiais que não passaram por qualquer tratamento analítico.

Os elementos analisados do programa foram: 1) temas e abordagens; 2) fontes consultadas; 3) quadros; 4) gênero do programa (Melo, 2003); 5) distribuição; 6) lógica de produção (produtores e sua respectiva formação, relação do programa com o MST e, logo, outros produções do movimento). Quanto às categorias analíticas, sustentam essa análise estas categorias: a) Emancipação do indivíduo (EI); b) Caráter cidadão (CC); c) Caráter educativo (CE); e) Criticidade (CR); f) Ferramenta político-ideológica (FPI).

Resgatando as discussões da seção anterior, a emancipação do indivíduo está expressa em quase todos os elementos analisados, relembrando que, neste trabalho, esse processo é entendido a partir da participação ativa dos sujeitos, sendo estes “sujeitos de classe” que confrontam diretamente o projeto político e cultural das elites (GONZÁLEZ; GÍMENEZ, 2017).

Esse primeiro fator se desenha no item ‘Temas e abordagens’ na priorização em apresentar a realidade dos e das assentadas e militantes do MST. Conforme observado nos episódios e indo ao encontro do que é expresso pela entrevistada, o programa Vozes da Terra tem como objetivo apresentar a realidade dos e das trabalhadoras rurais sem-terra. Esse objetivo é refletido também nas ‘Fontes consultadas’ para a realização do programa. No item 5.1.2, discute-se a importância de trazer trabalhadores rurais e militantes do movimento a

contribuir na produção do programa. Conforme apurado, seis dos 15 episódios contam com um depoimento ou entrevista de algum(a) assentado(a).

Dando continuidade, no terceiro critério ‘Quadros’, essa emancipação do indivíduo se expressa novamente no sentido de expressar representatividade à realidade dos trabalhadores do campo. Essa percepção se evidencia no quadro ‘Hora Camponesa’, um dos quadros fixos do programa, que sempre privilegia um(a) trabalhador(a) sem-terra a discutir a pauta do programa, quase sempre a partir de uma experiência pessoal. Assim como nas demais, o caráter de emancipação do indivíduo toma forma no critério ‘Lógica de produção’ por novamente priorizar quem está inserido na realidade do trabalho no campo e militância no MST a participar da produção do programa.

No segundo critério, em dois elementos analisados foi possível identificar o incentivo à participação política como uma expressão do caráter cidadão do programa. Nessas oportunidades, expressas na locução do apresentador Pereira da Viola, este convocava os ouvintes a participarem das mobilizações contra a gestão do governo federal e contra a gestão do governo de Minas Gerais. Nestas oportunidades, entende-se que o caráter cidadão se manifesta pelo entendimento de que a participação política é intrínseca à prática da cidadania. Esse entendimento vai ao encontro do que menciona Rozicki (2001, p. 2) quando esta coloca que o “princípio democrático torna indispensável a participação popular nas tomadas de decisão”.

O caráter educativo foi o critério mais vezes repetido dentre os elementos analisados. Esse caráter educativo apareceu de duas formas no programa, tanto em um viés de formação da equipe produtora, militantes do MST e colaboradores do programa, quanto no viés informativo. No que toca esse primeiro ponto, o caráter formativo dos militantes é observado nos critérios ‘Temas e abordagens’, ‘Fontes consultadas’ e ‘Lógica de produção’ uma vez que este processo de produção representa uma formação e profissionalização a quem se insere nessa produção. Como mencionado pela entrevistada, a participação no programa confere aos militantes do MST uma formação com produções radiofônicas e o compartilhamento de conhecimento técnico tende a fortalecer o MST e demais movimentos populares, que muitas vezes não têm acesso a esse conhecimento técnico. Sobre o potencial informativo do programa, este se expressa novamente nos ‘Temas e abordagens’ e nos critérios ‘Quadros’ e ‘Gênero’. Essa inferência se dá em razão do conteúdo apresentado em determinados quadros e nas temáticas colocadas, que podem ser utilizadas como fonte de consulta para pesquisa, como um material didático de apoio.

A criticidade do programa, assim como o caráter cidadão, se expressam nos ‘Temas e abordagens’ elencados pelo programa, que buscam sempre a denúncia de problemas sociais relacionados à desigualdades, exploração do meio ambiente e liberdade de expressão. Assim como colocado no caráter cidadão, um dos momentos de expressão da criticidade se dá nas locuções de Pereira da Viola. Além disso, bem como no critério do caráter educativo do programa, a ênfase da criticidade se dá no Gênero Opinativo do programa, tendo em vista o enriquecedor ambiente de expressão política construído no programa (De Melo, 2003).

Por fim, o programa enquanto uma ferramenta político-ideológica acompanha o enfoque crítico do mesmo. Nesse critério, a divulgação das lutas que encabeçam o MST, como a Reforma Agrária e, conseqüentemente, importância da redistribuição de terras agrícolas e a denúncia da violação do meio-ambiente no agronegócio representam a maior expressão deste enquanto ferramenta política.

Novamente entende-se que os convites à mobilização do apresentador à participação política podem ser entendidos como ferramenta político-ideológica, por incitar um olhar crítico à gestão do Poder Executivo. A preocupação em distribuir o programa em canais gratuitos e acessíveis também cabe ser mencionado nesse critério, uma vez que isso aproxima os ouvintes do programa e permite que o Vozes da Terra seja descoberto por outros usuários. Essa aproximação fica ainda mais evidente quando se trata da lógica de funcionamento da rede social Instagram, que permite muitas outras possibilidades de interação com os ouvintes.

Em suma, as articulações desenvolvidas neste capítulo do trabalho estão resumidas no quadro abaixo:

Quadro 7 – Resumo dos elementos identificados

(continua)

COMPONENTES/ CRITÉRIOS DE ANÁLISE	EMANCIPAÇÃO DO INDIVÍDUO (EI)	CARÁTER CIDADÃO (CC)	CARÁTER EDUCATIVO (CE)	CRITICIDADE (CR)	FERRAMENTA POLÍTICA-IDEOLÓGICA (FPI)
Temas e abordagens	Apresentação da realidade dos assentados.	Incentivo à participação política.	Formação de militantes; Material complementar de pesquisa.	Denúncia de problemas sociais.	Divulgação da luta pela Reforma Agrária.
Fontes consultadas	Visibilidade e reconhecimento ao olhar dos assentados.		Caráter formativo (experiência na produção de um programa de comunicação).		Divulgação da luta pela Reforma Agrária, a partir da locução dos militantes do MST.
Quadros	Quadro voltado para expressão dos(as) trabalhadores(as) rurais: Hora Camponesa.	Locução do apresentador: incentivo à participação política.	Quadros informativos: Saúde na Mesa, Momento Agroecológico, Notícias do Campo, Receitas da Roça e Arte em Movimento.		Locução do apresentador: incentivo à participação política.
Gênero			Gênero Informativo (material de pesquisa).	Gênero Opinativo (ambiente de expressão de opiniões políticas).	

Quadro 7 – Resumo dos elementos identificados

(conclusão)

COMPONENTES/ CRITÉRIOS DE ANÁLISE	EMANCIPAÇÃO DO INDIVÍDUO (EI)	CARÁTER CIDADÃO (CC)	CARÁTER EDUCATIVO (CE)	CRITICIDADE (CR)	FERRAMENTA POLÍTICA-IDEOLÓGICA (FPI)
Distribuição					Aproximação com os ouvintes (a partir dos comentários do IGTV e definição de horário do programa ao vivo); Gratuidade na distribuição;
Lógica de produção	Equipe composta por militantes e colaboradores do MST.		Caráter formativo (experiência na produção de um programa de comunicação).		

Fonte: Elaborado pela autora.

Algumas considerações podem ser pontuadas diante disso. Primeiro, observa-se que o caráter formativo é o critério que mais vezes foi identificado no programa. Isso se deu em razão da categoria analítica contemplar tanto o potencial informativo do programa, no sentido de oferecer conhecimentos específicos aos ouvintes, quanto o caráter formativo que a produção de um programa radiofônico oferece aos produtores e militantes colaboradores do programa.

Além disso, ressalta-se a importância que a distribuição do programa nas redes sociais têm ao programa enquanto uma ferramenta político-ideológica. Essa aproximação do programa com o público, a partir das ferramentas de interação com os ouvintes da própria plataforma Instagram. Evidencia-se também a relevância que a distribuição no Spotify tem para contemplar ouvintes que não sejam da região de cobertura da emissora. Essa flexibilidade oferecida pela plataforma de *streaming* diversifica o público ouvinte e aproxima o programa dos trabalhadores de outras regiões.

Em conclusão, ressalta-se a atenção dada à manutenção da identidade sem-terra do programa e a preferência por utilizar depoimentos de trabalhadores rurais, militantes do MST e colaboradores de outros movimentos sociais no programa, atribuindo à identidade desejada ao programa. A representatividade observada nesse processo coloca os trabalhadores rurais no papel de protagonistas da produção.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tinha como objetivo identificar as possibilidades contra-hegemônicas da comunicação popular na mídia sonora a partir da presença no Instagram e no Spotify do programa Vozes da Terra. Portanto, passa-se agora a encerrar, mesmo que momentaneamente, a discussão que sustenta essa pesquisa.

Retomando os resultados obtidos no trabalho, verifica-se que os cinco critérios analisados se expressam de diferentes maneiras nos elementos do programa analisados. O caráter educativo é o critério mais vezes identificado, em razão deste se apresentar tanto no caráter formativo – intrínseco a *práxis* da comunicação popular – quanto no potencial informativo do conteúdo abordado nos episódios. Além disso, voltando o olhar sobre a presença do programa nas redes sociais, que essa preocupação em distribuir o programa nas redes sociais representa uma importante ferramenta político-ideológica por aproximar o público ouvinte da produção do programa.

Tendo em vista os objetivos específicos propostos, compreendo um cumprimento parcial a total daqueles elencados. O primeiro objetivo específico (i) Discutir o conceito de comunicação popular, seus desafios e possibilidades no contexto contemporâneo das pesquisas em comunicação, é cumprido com totalidade no primeiro capítulo teórico do trabalho. A fundamentação teórica da área de pesquisa Comunicação Popular se construiu no trabalho desde a comunicação enquanto uma dimensão constituinte dos movimentos sociais nas décadas de 1970 e 1980; continuando com uma contextualização epistemológica do conceito, a partir de Peruzzo (2020); adiante, com uma elaboração do panorama dos debates contemporâneos na área; e encerrando com uma apresentação das apropriações que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) fazem dos veículos de comunicação.

O segundo objetivo específico (ii) Discutir as possibilidades da mídia sonora como território para comunicação popular foi cumprido no segundo capítulo do texto. Para uma melhor compreensão da análise proposta pelo trabalho, neste segundo momento da pesquisa, juntamente com a apresentação das possibilidades oferecidas pela mídia sonora à comunicação e a exposição das possibilidades técnicas da mídia sonora, foi realizada também uma descrição da conjuntura teórica dos termos hegemonia, a partir de Gramsci, e contra-hegemonia, com base em Williams.

Por fim, os últimos dois capítulos foram dedicados à apresentação, análise e discussão do objeto de pesquisa. O cumprimento deste terceiro objetivo específico (iii) Identificar como essas possibilidades contra hegemônicas se expressam a partir de um programa produzido pelo MST, foi cumprido nestes últimos dois capítulos do trabalho.

Em conformidade com a avaliação do cumprimento ou não dos objetivos específicos do trabalho, recupero o problema de pesquisa novamente: Quais as possibilidades contra-hegemônicas da comunicação popular na mídia sonora quando tida como território de luta do MST? No que cabia ser respondido a partir do programa Vozes da Terra, é possível observá-los no Quadro 7 (p. 63). Contudo, reconhecendo o caráter colaborativo da pesquisa científica é imprescindível assumir que as discussões originadas neste trabalho não se encerram aqui. A Comunicação Popular é uma área de pesquisa ampla e recheada de novas oportunidades de pesquisa, sobretudo quando volta seu olhar à apropriação de novos formatos de tecnologia pelos movimentos sociais.

No que toca a essa busca por identificar no programa Vozes da Terra uma afirmação deste enquanto uma manifestação contra-hegemônica, dois pontos têm de ser considerados acerca desse processo. O primeiro deles é que, ainda que esta investigação dedique-se a compreender o objeto enquanto uma prática contra-hegemônica, é possível identificar nos documentos coletados uma reprodução da dominação social em alguns aspectos. Quanto a isso, menciono como exemplo o fato de em alguns episódios do programa pronomes masculinos serem utilizados no tratamento de homens e mulheres. Essa consideração não desconsidera os resultados obtidos na pesquisa, mas serve de reflexão para melhor percebermos os limites da contra-hegemonia e da reprodução sistemática de práticas sociais.

Ainda sobre esse mesmo aspecto, o segundo dos pontos surge a partir das colocações da entrevistada⁴³ quando esta afirma não saber das métricas do programa nas redes sociais. Vale ressaltar que outras pessoas com formação em comunicação atuam e contribuem com o programa, mas as colocações da autora nesse contexto despertam uma reflexão acerca da profissionalização de veículos de comunicação alternativos: em que condições são produzidos os veículos de comunicação alternativos e quais empecilhos atravessam essa produção que tornam inacessível um olhar técnico sobre os meios de produção da comunicação?

Isto posto, aproveito para avaliar tanto o aproveitamento dos documentos utilizados na análise desta pesquisa. A inserção da transcrição da entrevista enquanto apêndice do trabalho se dá em razão de dois fatores, em primeiro lugar, transparência na pesquisa. Houve uma preocupação, justamente por se tratar de uma temática que dialoga diretamente com uma pauta sensível no contexto de polarização política no país, que é a luta dos trabalhadores sem-terra, em manter o máximo de transparência possível com os leitores. E segundo, um incentivo para que outros(as) pesquisadores(as) possam utilizar este documento enquanto objetos para suas respectivas pesquisas. Quanto a isso, compreendo que essa disponibilidade

⁴³ Ver APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA, p. 88, inscrição 1:00:02 da entrevista.

dos meus documentos de análise fortalecem meu trabalho no sentido de torná-lo relevante a outros colegas pesquisadores que compartilham interesses acadêmicos.

Reconhecendo as limitações da utilização da entrevista no trabalho, observo que a entrevista, mesmo muito utilizada, poderia ter sido melhor aproveitada em determinados momentos da análise. No entanto, cabe mencionar que o enriquecedor material fornecido no depoimento da coordenadora do programa contribuiu muito na construção do meu olhar sobre o processo de pesquisa. As trocas de informações e experiências dos últimos meses me sensibilizaram a trazer a realidade dos assentados para dentro da esfera acadêmica.

Avaliando ainda os documentos da análise, a descrição dos episódios representou primordialmente o material de análise dessa pesquisa. Durante a escuta dos episódios, me atentei a refletir sobre o que poderia ser explorado mais a fundo em cada programa. Ainda que muito aproveitada, a descrição dos programas não foi utilizada em sua totalidade. A atenção em transcrever as aparições do quadro Hora Camponesa é um exemplo disso. Durante este momento de escuta dos episódios, este era o que melhor representava a identidade do programa.

Finalmente, feita essa avaliação do que foi possível e o que não foi possível fazer na pesquisa, encerro o trabalho apontando possíveis direcionamentos. Como foi mencionado, a exploração de como novos formatos de comunicação estão sendo apropriados pelos movimentos representa essencialmente a maior contribuição do trabalho e, logo, é o primeiro dos direcionamentos que pontuo. Em razão do pouco tempo desde o seu surgimento, ainda são poucas as pesquisas que se debruçam a entender os processos de criação e circulação de informações a partir do IGTV, no Instagram. Além disso, este trabalho me fez perceber a presença dos movimentos populares nas redes sociais. Investigar quais as estratégias comunicacionais utilizadas pelos movimentos sociais para demarcar seu espaço nas redes sociais é outro possível encaminhamento que evidencio.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Ana Aparecida Frabetti Valim; PERUZZO, Cicília M. Krohling. **A comunicação popular na preservação da memória das lutas populares no Brasil**. Fronteiras-estudos midiáticos, v. 21, n. 1, p. 21-30, 2019.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- BARBOSA, Alexandre. **A comunicação do MST: uma ação política contra-hegemônica**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- _____. **Kaplún e as políticas de comunicação e educação do MST**. Revista Z Cultural, v. 13, n. 1, p. 1-9, 2018.
- BARRETO, Simone Rodrigues; GANTOS, Marcelo Carlos. **Publicações brasileiras no campo da Comunicação Popular: uma análise das dissertações e teses dos últimos dez anos**. Comunicação & Sociedade, v. 42, n. 3, p. 347-377, 2020.
- BELTRÁN, Luis Ramiro. **La comunicación para el desarrollo en Latinoamérica: un recuento de medio siglo**. Anagramas: Rumbos y sentidos de la comunicación, v. 4, n. 8, p. 53-76, 2006.
- BONA, Nívea Canalli; CONTEÇOTE, Marcelo Luis; COSTA, Laílton. **Kaplún e a comunicação popular**. Anuário Unesco/Methodista de Comunicação Regional, v. 11, n. 11, p. 169-184, 2007.
- CASTRO, Gisela G. S. **“Podcasting e consumo cultural”**. E-Compós. Brasília: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, edição 5, 2005.
- CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **La radio en la convergencia multimedia**. Barcelona: Gedisa, 2001.
- CRUZ, Heloísa Faria. **Comunicação popular e trabalhadores: redes de comunicação e impressos dos movimentos sindicais e populares de São Paulo–1970/1990**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 48, 2013.
- DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (Org.). **Revolução impressa: a imprensa na França, 1775-1800**. São Paulo: Edusp, 1996.
- DE MORAES, Dênis. **Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci**. Revista Debates, v. 4, n. 1, p. 54, 2010.
- DORE, Rosemary; DE SOUZA, Herbert Glauco. **Gramsci nunca mencionou o conceito de contra-hegemonia**. Cadernos de Pesquisa, v. 25, n. 3, p. 243-260, 2018.
- FONSECA, Lucas Milhomens. **Ciberativismo e MST: o debate sobre a reforma agrária na nova esfera pública interconectada**. 2009. 116 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

GALLEGO, J. Ignacio. **Podcasting. Nuevos modelos de distribución para los contenidos sonoros.** Barcelona: Editorial UOC, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GONZÁLEZ, Jorge A.; MONTÍEL, Gilberto Giménez. “**NOTAS PARA UNA TEORÍA DE LA COMUNICACIÓN POPULAR**”, DE GILBERTO GIMÉNEZ MONTIEL, Y “**UNA NOTA SOBRE GILBERTO GIMÉNEZ Y SUS NOTAS PARA UNA TEORÍA DE LA COMUNICACIÓN POPULAR. VISIONES, RETOS Y HERENCIAS**”, DE JORGE A. GONZÁLEZ. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 13, n. 25, 2017.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere - Maquiavel.** Notas sobre o Estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 428 p. v. 3.

_____. **Escritos políticos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b. v. 2 (1921-1926).

_____. **Os jornais e os operários.** Marxists Internet Archive, 2005. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/gramsci/1916/mes/jornais.htm>.

_____. **Cadernos do Cárcere.** Vol. 2. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 5ª.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

HERSCHMANN, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **A geração podcasting e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento.** *Revista Famecos*, Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, n. 37, pp. 101-106, dez. 2008.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade;** trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KAPLÚN, Mario. **El comunicador popular.** Quito: Ciespal, 1985.

_____. **Comunicación entre grupos: el método del Cassete-Foro.** Buenos Aires: Humanitas, [s.d.]. 1988.

_____. **El viajero.** *Chasqui*, n. 64, dezembro, 1998.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. “**Cultura da portabilidade – Novos usos do rádio e sociabilidades em mídia sonora**”, Lisboa: Observatorio (OBS*), v. 3, 2009.

_____. **Rádio social: Uma proposta de categorização das modalidades radiofônicas.** *Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.* Recife, PE, set. 2011.

_____. **Rádio social: mapeando novas práticas interacionais sonoras.** *Revista FAMECOS*, 19(2), 410-437, 2012. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2012.2.12323>

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa.** São Paulo: Scritta, 1991.

LEMONS, André. “**Podcast: emissão sonora, futuro do rádio e cibercultura**”. *Salvador: 404nOtfOund*, v. 1, n. 46, 2005.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 1998.

MELO, José Marques. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª ed., Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MST. Nossa História. Disponível em <mst.org.br> Acesso em 30 ago. 2021.

_____. **BOLETIM SEM TERRA**. Porto Alegre, 1ª edição, 1981. Disponível em: <https://mst.org.br/download/boletim-sem-terra-no-01-1981/>

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. 3 ed. São Paulo: Vozes, 2004. 342 p. A versão completa deste livro está disponível para acesso gratuito em http://www.4shared.com/office/hIItKg_o/COMUNICAO_NOS_MOVIMENTOS_POPUL.html Acesso em 21 ago. 2021.

_____. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados**. Reelaboraões no setor. Palabra Clave, Chia , v. 11, n. 2, p. 367-379, Dec. 2008 . Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0122-82852008000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 fev. 2022.

_____. **Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço**. Galáxia, n. 17, p. 131-146, 2009.

_____. **Desafios da comunicação popular e comunitária na cibercultur@**: aproximação à proposta de Comunidade Emergente de Conhecimento Local. C-Legenda-Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual, n. 25, 2011.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Ideias de Paulo Freire aplicadas à comunicação popular e comunitária**. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, v. 24, n. 1, 2017.

_____. **Matrizes epistemológicas da comunicação popular e comunitária**. Memorias del XV Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación, GT 8. Comunicación Popular, Comunitaria y Ciudadanía, p. 242-253, 2020.

PRIMO, Alex. **“Para além da emissão sonora: as interações no podcasting”**. Porto Alegre: Intexto, v. 2, n. 13, 2005.

SARTORETTO, Paola; ROSA, Rosane. **Democratização da Comunicação no MST: a rádio comunitária e o fortalecimento da luta em defesa do direito à comunicação e à terra**. In: CONFIBERCOM-Congresso Mundial em Comunicação Ibero-Americana. 13-16 abril Braga Portugal. 2014.

ROZICKI, Cristiane. **Cidadania: reflexo da participação política**. Revista Espaço Acadêmico, v. 1, n. 03, 2001.

SCHRAMM, Wilbur. **Mass media and national development:** The role of information in the developing countries. Stanford, CA: Stanford University Press, 1964.

URANGA, Washington. **La comunicación comunitaria:** proceso cultural, social y político. In: *Construyendo comunidades... Reflexiones actuales sobre comunicación comunitaria.* Buenos Aires: La Crujía, p. 177-186, 2009.

WANDERLEY, Luiz Eduardo. **Apontamentos sobre educação popular.** In: VALLE, J. Edênio dos Reis e QUEIROZ, José (orgs.). *A cultura do povo.* São Paulo, Cortez, 1979, p. 58-79.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura.** Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Apresentação da entrevistada

De início, solicitar que a entrevistada se apresente, informando nome, de onde fala e qual o vínculo com o programa e/ou MST.

Sobre o surgimento do programa

1. Quando e como surgiu a ideia para a criação do programa?
2. Qual o objetivo do programa e o que vocês buscam comunicar?
3. Quantas pessoas participavam da produção do programa? Qual a formação delas?
4. No início, onde o programa era vinculado? Com quanto tempo de duração e com que frequência o programa era distribuído?
5. Como surgiu a parceria com essa rádio?
6. Qual era o estatuto dessa rádio? Era uma rádio estatal, comunitária? Poderia falar um pouco a respeito?
7. Como o programa se encaixava na programação da rádio?
8. Quanto tempo o programa ficou nessa rádio? Por que teve de ser realocada para outro espaço?

Sobre a nova fase do programa, na rádio Autêntica Favela

9. Como surgiu a parceria com essa nova rádio e quais mudanças você enxerga que foram ocasionados nessa nova fase? No sentido de mudanças na infraestrutura da rádio e relação com profissionais que trabalham na rádio.
10. Você acha que mudou o público ouvinte? Em relação ao que costumava ouvir na outra rádio?
11. Qual a organização dessa nova rádio? Se ela é horizontal, participativa, estatal, etc.
12. Como o programa se encaixa na programação dessa rádio?

Sobre a distribuição do programa para outros meios

13. Quais razões levaram vocês a distribuírem o programa em outros lugares além da rádio?
14. O que levou vocês a optarem pelas plataformas de distribuição, especialmente o IGTV, no Instagram?
15. Outras pessoas passaram a contribuir com o programa?
16. Quais possibilidades você entende que essas plataformas oferecem? Você acha que existe uma diferença na relação entre o programa e os seus ouvintes, em relação ao rádio ao vivo?
17. Você acha que o público que consome o programa no IGTV e no Spotify é diferente

daquele que costuma ouvir o programa ao vivo?

18. Você acha que existe uma diferença entre ouvir o programa ao vivo, inserido dentro da grade de programação da rádio, e ouvir gravado, em casa, especialmente se tratando de lugares de fora de Minas Gerais?
19. Vocês possuem acesso aos indicadores de consumo dessas duas plataformas? Spotify e Instagram/IGTV. Se sim, você acha que essas métricas interferem na produção do programa?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Quadro 8 – Ficha técnica da entrevista

ITEM	DADOS DA ENTREVISTA
Entrevista	Guê Oliveira (G)
Breve descrição da entrevistada	Militante do MST/MG e coordenadora do programa Vozes da Terra
Entrevistadora	Antônia Haag (A)
Data da entrevista	28/12/2021
Duração	01:04:10
Responsável pela transcrição	Antônia Haag
Data da transcrição	Iniciada em 28/12/2021 e finalizada em 30/12/2021

Fonte: Elaborado pela autora.

00:06 A: Certo, está gravando [pausa]. Hã:: então, de início, Glades Cristina de Oliveira, tu me concede autorização para uso da sua imagem e voz como documento pro trabalho de conclusão de curso denominado *Mídia sonora como território de luta do MST: estratégias comunicacionais e possibilidades contra-hegemônicas da comunicação popular*, que é de autoria de Antônia Tâmara Haag?

00:26 G: Sim, concedo.

00:29 A: Certo. Então, de início, eu queria que tu se apresentasse. Falar teu nome, de onde que tu fala e qual que é o teu vínculo com o programa e com o MST.

00:41 G: Então, eu sou Glades Cristina Oliveira, eu tenho um nome-/ vamos dizer um nome social, né, porque eu também sou uma artista, então meu nome artístico é Guê Oliveira e todos também me conhecem na organização com esse nome. Eu sou militante do MST, contribuo no setor de cultura mas também, né, no setor de formação, no gênero, em outras-/ em outras dimensões do movimento. Eu fui assentada em Ribeirão Preto/SP. Eu sou aqui de

Belo Horizonte, fui assentada em Ribeirão Preto/SP, depois voltei para cá, os deslocamentos foi a partir da/ da decisão, também, do MST. Então, eu voltei pro MST de Minas Gerais, éh:: e aí aqui eu comecei a atuar no coletivo de cultura aqui do estado. E aí, hoje eu sou dirigente estadual desse coletivo, né, do-/ do coletivo de cultura e coordeno, junto com Iris Pacheco, o::: o *Vozes da Terra*, esse programa de rádio. Éh::: e também tem outras pessoas que produzem o programa, que apresentam, que editam. Depois, se precisar do nome de todo mundo da equipe, eu posso dar. Eu também sou musicista, toco percussão, canto. Sou formada/ Graduada em História, espec-/ fiz uma especialização pela Fiocruz: Educação, Trabalho e Movimentos sociais. Posso te passar isso tudo por escrito e::: sou brincante também, atuo aí, né, nas várias trincheiras da cultura. E dou essa contribuição aí como militante pro MST, para a classe trabalhadora, pros movimentos sociais.

03:10 A: Perfeito. Então agora sobre o surgimento do programa *Vozes da Terra*, quando e como que surgiu a ideia para a criação desse programa.

03:24 G: Éh::: se não me engano, não to lembrando aqui, eu to com o histórico escrito no computador, mas em 2017, o *Vozes da Terra* surge. Por que ele surge? Ele surge num contexto histórico Pós-Golpe, né, em 2016 teve o golpe contra a presidenta Dilma⁴⁴. E aí, algumas reflexões, né, dos movimentos sociais, das organizações, era que nós precisávamos de ampliar o debate com a sociedade, né. E também, o Programa de Reforma Agrária Popular do MST é isso, é ess-/ a Reforma Agrária ela só se realiza, não só no campo, mas em diálogo com a cidade. E isso sempre se deu, mas agora isso-/ agora sim, né, no Congresso, éh::: a gente foi forjando desde 2007 essa-/ essa-/ [pausa] essa proposta, dessa tática da reforma agrária popular. E para ela se realizar, ela não vai se realizar só a partir dos movimentos do campo, mas também junto às organizações da cidade. Ou seja, para realizar a Reforma Agrária Popular, os sujeitos do campo e da cidade. É a sociedade reconhecendo a importância da Reforma Agrária Popular, para o modelo de campo no Brasil. É importante a gente fazer essa-/ essa observação porque a comunicação é uma parte fundamental nisso, né. Então, essa tática ela é colocada em ações. Então, o *Vozes da Terra* é uma ação nesse sentido. E nesse contexto histórico, no Pós-Golpe, a gente percebe, né, essa-/ esse avanço da-/ da direita no país, e portanto a gente precisava de pensar elementos de luta, né, para fortalecer as organizações sociais. Então várias ações foram desenvolvidas, e dentre elas, né, o *Vozes da Terra*, como uma forma de ampliar, né, e dar voz ao nosso projeto político, né, de país, e lógico, fazer o contraponto às perspectivas do golpe, né. Então... aqui em Minas Gerais, nós estávamos com o governo Pimentel⁴⁵, e aí a [Rádio] Inconfidência, nós em contato com o pessoal da Inconfidência, foi então cedido um tempo para a gente fazer um programa na Rádio Inconfidência. Bom, nós começamos então a fazer o programa *Vozes da Terra*, na Rádio Inconfidência, que é uma rádio pública e aí, a necessidade da gente ter as várias vozes naquela rádio, né. E nesse momento, a necessidade da voz do MST naquela rádio. Nós então convidamos para apresentar o programa, enquanto MST, né, o Pereira da Viola, éh::: começamos a montar a equipe. Nessa equipe quem coordenava era a Geanini Hackbardt, que

⁴⁴ Dilma Rousseff. Presidenta da República de 1 de janeiro de 2011 a 31 de agosto de 2016, quando teve seu processo de *impeachment* aprovado pelo Senado Federal.

⁴⁵ Fernando Pimentel. Governador de Minas Gerais de 1º de janeiro de 2015 a 1º de janeiro de 2019.

é-/ que era dirigente estadual da comunicação, nesse momento. Éh::: E aí, foi uma ação intersetorial, entre o setor de cultura e o setor de comunicação, né. Então, eu estava na-/ na produção, a Luana...Oliveira da Silva também, a Geanini, aí depois essa equipe foi crescendo. **08:01** Veio depois a Agatha Azevedo, tem a Ludmila, aí veio a Dandara, veio a Íris também. E hoje ela, inclusive, coordena comigo. E existe então-/ e o Pereira da Viola como apresentador, e o Pacífico como diretor artístico. E quem editava na época, era o Carlos, que era o técnico, né. Bom, aí o *Vozes*, nós começamos a realizar o *Vozes*, e foi uma verdadeira oficina de construção, desse-/ desse programa. Então, nós fomos aprendendo a construir roteiro, nós fomos dando uma-/ nós não queríamos um programa de notícias-/ ah, inclusive, o *Vozes da Terra* é um-/ é uma produção também em parceria com o CP Mídias e o com Brasil de Fato. Éh::: então, era o MST, a Inconfidência, CP Mídias e o Brasil de Fato. Então pronto, eu já falei um pouco da-/ em que tática veio, né, em que momento histórico veio o *Vozes*, eu tô falando como ele foi construído, né, quem compõem essa parceria. Então, a forma como ele foi construído, foi a partir realmente de oficinas, Pacífico foi o diretor artístico, nos dando-/ ele foi fundamental nesse processo, nos dando vários toques. E::: e aí, então, o *Vozes da Terra* assume a identidade do Movimento Sem Terra, né, era um programa destinado ao público do campo, né, mas também da cidade, e aí, trazer para cidade, né, elementos do conhecimento, da forma, né, de expressão, de trazer todo um-/ um debate de projeto pro campo brasileiro, em diálogo com a cidade. E aí, nós falávamos isso pro Pacífico, o Pacífico também trocava ideias com nós, no sentido-/ como que isso poderia ser, e aí nós fomos forjando a estética do nosso programa, né. Era uma estética política, artística e cultural, né. Também nessa perspectiva de uma comunicação popular, né, falar de um jeito como se você tivesse fazendo uma conversa, entendeu? E não aquele jeito mais, quadradinho dos noticiários, e tal, e::: e nesse estilo, do podcast. **11:04** A gente começar com algo mais curtinhos mesmo, para a gente ir tomando pé, exercitando esse lugar, e tal. E aí, também nós-/ foi uma coisa muito interessante, porque aí nós fomos criando os quadros, né. Então, o nome *Vozes da Terra*, a gente foi pensando esse nome junto, tudo muito coletivamente. Fomos pensando os quadros, né, então nós iniciamos o *Vozes da Terra* com uma mística, que a mística ela é um elemento que caracteriza muito o MST. E aí, dar o-/ trazer o contexto do tema, a partir das linguagens artísticas, éh::: de linguagens-/ de uma linguagem poética, musical, né, então, quem ouviu o *Vozes* vai entender o que é a mística. Depois, vinha-/ vem uma locução principal, para tratar de um modo geral do assunto, e aí, virem os quadros. Então os quadros é... é o Notícias do Campo, que é mais falas, né, de forma-/ de gente de outras organizações, de dirigentes, né, então Notícias do Campo é isso. Aí, o quadro [pausa] Momento Agroecológico, então a necessidade de trazer esse elemento da Agroecologia, da forma de produzir, nessa perspectiva de como a Agroecologia é importante como matriz produtiva para o país. Trazendo essa questão dos alimentos saudáveis, da produção de alimentos saudáveis, das campanhas contra o agrotóxico, contra os transgênicos. Então, trazer o projeto, né, os elementos da Agroecologia, as relações de trabalho, cooperação, e tal. Então, esse quadro tinha esse papel. Depois, veio-/ depois não, a gente foi continuando, pensando... no Hora Camponesa, porque antes, na Inconfidência, havia o-/ aí, como é que é? a Hora do Fazendeiro. Então, por que não fazer a Hora Camponesa? Quer dizer, fazendo um certo contraponto, e aí, a fala do povo, lá, nossa, do campo, dos assentados, dos acampados, dos quilombolas, dos né, então, ali das bases das organizações sociais, né, da experiência com o jeito de falar, né, de falar dessa vida cotidiana,

né, do campo, nas suas variações dimensões, não só da produção, nas suas várias dimensões da vida. Éh:: também, veio o Arte em Movimento, o Arte em Movimento é trazer música, poesia, falas poéticas, que-/ para dizer assim, o Movimento Sem Terra, produz arte. Então veio o Arte em Movimento. **14:42** E... éh:: [pausa] tomara que eu não esteja esquecendo aqui algum. O Saúde na Mesa, esse Saúde na Mesa, ele veio éh:: já como uma proposta de trazer essa questão da saúde. Nós temos um coletivo de saúde bem fortalecido no MST, principalmente aqui em Minas Gerais, e toda uma concepção de saúde. Então trazer a questão dos cuidados, né, uma-/ uma saúde mais preventiva, o uso das ervas, os conhecimentos populares, receitas, né, de-/ de cuidados. Então veio nessa perspectiva também. Éh:: e aí, nós pensamos, entremeando esses quadros, o programa não tem-/ todos os programas, não tem todos esses quadros, cada programa de acordo com o seu tema, a sua característica, a gente escolhe os quadros que a gente vai colocar. E, tem um-/ sempre então, a Mística, a locução 01, a locução 02, a despedida e a música final. E as vinhetas, iniciando e finalizando. Tinha um corpo, tem, né. O corpo do programa. O Pacífico falava isso para nós, a necessidade da gente trazer essas várias dimensão-/ dimensões do MST, a partir dos quadros, para as pessoas terem o conhecimento de que-/ do que que é o MST, mesmo, né. Porque até então, os-/ os jornais, impressos, jornais... os telejornais, as rádios, muitas vezes mostrava apenas o lado do conflito, e de uma forma inclusive negativa. Porque para nós, o conflito não é negativo. Nós, na realidade, nós trazemos à tona as contradições da sociedade, né. Ou seja, os conflitos existem, a gente só escancara esses conflitos a partir das nossas ações, né, e também o programa foi uma forma justamente, pedagógica, de mostrar o que é movimento, e a forma como a gente tem a concepção de campo, e constrói a sociedade. **17:25** A nossa proposta de sociedade, né. E aí, claro, trazemos a questão do gênero, os programas eram temáticos, são temáticos. Éh:: aí fomos forjando essa cara, desse-/ desses programas, a gente dialogando com as datas comemorativas, mas não só essas tão oficiais, mas trazendo... né, os elementos, por exemplo, quando era-/ quando-/ datas como das revoluções, dos levantes, dos lutadores e lutadoras do povo. Então, trazendo todo esse legado de luta e resistência da nossa história também, né. E isso tudo permeando, na mística, na música final, nas despedidas, nas locuções, nas falas das pessoas, dando-/ isso era... são elementos que transversam... né-/ transversam ficou até interessante, né. Porque há a parte de versos, de poesias, também e tal. Éh:: que mais, que você quer que eu fale? Eu acho que eu já falei tanto [risos]. Ah, e na sua maioria-/ engraçado assim, a maioria da equipe são mulheres [risos] e, o *Vozes*, como que ele é divulgado, né? Então, ele começou como uma-/ uma parceria com a Inconfidência e nós divulgávamos nos *zaps*, nas redes sociais e tal. Mas basicamente na Inconfidência e nos *zaps*. Depois... para chegar na nossa base também, e tal. Depois, nós fomos-/ nosso programa foi convidado a se retirar da Inconfidência [risos] porque teve as eleições de 2018, e o Zema⁴⁶ assume-/ né, e aí, com toda aquela luta de... querendo privatizar a Inconfidência, né, teve isso aqui, teve esse histórico em Minas Gerais, né, todo esse programa neoliberal, e tal. E o Zema lendo essa cartilha. E aí nós fomos convidados a se retirar. E aí nós fomos então para a Rádio Favela [pausa], eu não me lembro aqui o nom-/ o número, é tanto número né, a Inconfidência tem um número, lá. Depois cê olha direitinho, FM, né. E também a Rádio Favela tem. Só que cê me desculpe, mas tem tantas outras que a gente faz programa que eu não tô me lembrando o

⁴⁶ Romeu Zema. Governador de Minas Gerais desde 1º de janeiro de 2019.

número. E aí, nós então fomos para a Rádio Favela. E foi muito interessante, porque aí assim, a gente assumiu mesmo a nossa identidade de Movimento Sem Terra. Se a gente tinha algum cuidado ali na Inconfidência, e tal, porque a gente tem que ter esse cuidado, né, do diálogo. Ali na Rádio Favela, a gente podia falar o que a gente quisesse mesmo, e sem medo de ser MST. E aí, nós então, conversamos com o Misael, né, e fomos para a Autêntica Favela, e continuamos a fazer o programa. E a partir disso, éh::: nós pensávamos o programa também-/ ele foi tomando, como eu falei, ele foi tomando formas. Então, por exemplo, a gente percebeu a dimensão formativa, né. Sendo na Rádio Favela, a Rádio Favela hoje tem uma imensa capacidade de diálogo com a sociedade, né, e uma diversidade de públicos muito grande, também. Então foi isso mexendo na nossa forma-/ na nossa forma de comunicar ali. Principalmente-/.

21:22 A: Posso-/ posso te interromper um momentinho? Porque-/ é porque como eu elaborei um roteiro, essas perguntas elas vão vir mais para frente. Só para a gente-/.

21:29 G: Aaah, tá bom.

21:30 A: É só que-/ que assim a gente mantém uma linearidade, que assim tu tem mais tempo de detalhar um pouco mais cada uma das questões.

21:38 G: Tá bom.

21:40 A: Muito obrigada. Tu já falou um pouquinho sobre a equipe que participava da produção do programa no início. Tu pode falar quantas pessoas eram e qual a formação dessas pessoas?

21:51 G: Pronto. Pera aí. Eu não vou me lembrar aqui exatamente quando alguém entrou, quando...

22:00 A: Sim

22:03 G: Bom, em relação a equipe. Eu já falei que o Pereira apresenta. Éh::: a coordenação do programa são duas pessoas, ou às vezes uma, né, dependendo do-/ do tamanho da equipe. Então, ela já foi uma pessoa, agora são duas pessoas. Éh::: qual que é a organicidade do programa, vamos dizer assim, do programa. Tem as duas pessoas que coordenam, mas quem coordena também produz o programa. Éh::: e hoje, nós temos oito pessoas na equipe. Mas ela já foi quatro, já foi cinco, foi-/ foi chegando pessoas. E quem são essas pessoas? Iniciamos com pessoas da comunicação e da cultura, fazendo parte do setor da comunicação e da cultura. Depois, éh::: veio a Leiner que é uma-/ uma artista, uma parceira do MST, e a Ludmila que é do setor de saúde, né. Então hoje, a formação da equipe é: pessoas do setor da comunicação do MST, pessoas da cultura, do setor de saúde, e a Leiner, que é do coletivo de artistas. E o Pereira, que apresenta, que também é do coletivo de artistas. E o Pacífico, como diretor artístico, né, desde o início nos dando os elementos aí para a gente ir forjando esse-/ esse programa. Nós tentamos colocar, ah não-/ bom, a equipe é essa. E as parcerias é o Brasil de Fato, o CP Mídias, éh::: inicialmente a Inconfidência e depois, a Rádio Favela. Deixa eu ver o que mais. E hoje a gente ampliou, mas aí depois a gente pode falar da ampliação do programa.

24:14 A: Perfeito. Tu falou que no início ele era vinculado na Rádio Inconfidência Mineira, né, quanto tempo o programa tinha de duração nessa época e com qual frequência que ele era distribuído na rádio?

24:27 G: Ah, tá. Primeiro, a frequência dele não mudou. Desde essa época, da Inconfidência, ele é uma vez na semana, na sexta de manhãzinha. E foi pensado nesse público dos trabalhadores, né, que sai para trabalhar entre 06h50 e 07h da manhã. Éh::: tanto na Inconfidência, quanto na Rádio Favela. Aí depois que a gente ampliou, aí nas rádios comunitárias, em vários-/ em vários horários, né. Aí depois, nesse ano passado [2020] ele já tá passando em rádios no Jequitinhonha, na Zona da Mata, no Mucuri, ele também-/ ai ele é passado em muitos lugares, eu posso ver para você uma lista depois, assim. Mas nós fomos ampliando éh::: onde que o *Vozes* ia-/ onde que o programa ia passar, né. Então ao longo desse tempo também, foi se ampliando, mas essas duas rádios foram as primeiras, as pioneiras, onde a gente foi desenvolvendo e dando as características que hoje o *Vozes* tem.

25:43 A: E qual que era o estatuto dessas duas rádios? Elas eram rádios estatais, comunitárias? Tu poderia falar um pouquinho a respeito?

25:51 G: A Inconfidência é uma rádio pública, né. Eu não sei direito, assim-/ aí depois cê pode dar uma pesquisada, se ela é... porque assim, depois do golpe, o Zema e tal, mudou muita coisa, né, então muito difícil a gente acompanhar tudo. Mas ela, inicialmente, era estatal, e a Rádio Favela é uma rádio comunitária. Com licença, inclusive. Agora as outras rádios onde ele passa, tem rádios que são comunitárias, né, assim.... sem-/ ampla. Éh::: outra rádio que está em fase, a rádio impacto, que hoje passa em Mucuri, ela está em fase de-/ de conseguir a concessão, aí tem vários-/ ai tem uma diversidade grande. Mas até então, aí, é a Rádio Inconfidência e rádios comunitárias.

26:51 A: Certo-/.

26:51 G: Ah, hoje ele não passa mais na Inconfidência, né.

26:56 A: Sim. E na rádio Inconfidência... como tu descrevia-/ como que o *Vozes da Terra* se encaixava na programação da rádio, ele tinha alguma relação com-/ tu falou sobre o Voz do Fazendeiro, né, além dessa, tinha outras relações com o resto da grade da Rádio Inconfidência?

27:14 G: Não. Era ali no momento, dez minutos. Passava na sexta de manhã, inclusive a gente foi chegando de um-/ em algum momento, ali no contexto, né, a gente-/ de ser mais discreto mesmo, não chegar chegando, para ir conquistando espaço.

27:36 A: Certo. E como que surgiu a parceria com essa nova rádio, na qual o programa é vinculado, e quais mudanças tu enxerga que foram ocasionadas... ãh, com essa mudança.

27:50 G: Ah, assim... como eu disse, assim quando ele muda da Inconfidência para rádio comunitária, a Rádio Favela, realmente assim, sendo uma rádio comunitária isso fez uma diferença, porque a gente tinha uma liberdade ainda maior, entendeu? Assim, a gente era menos cauteloso, vamos dizer assim, né. Então falava as coisas de forma mais, éh::: mais

ampla ainda, de forma assumindo mesmo a nossa identidade sem-terra. E:: e foi muito interessante assim, porque é uma-/ e um vínculo que dá uma característica mais de uma comunicação popular. Na realidade foi isso, né [risos] isso nos ajudou na-/ em ampliar nessa perspectiva de uma comunicação popular.

28:47 A: Certo. E tu acha que mudou o público ouvinte? Quando mudou de rádio.

28:55 G: Ah, com certeza. Porque assim, a Rádio Favela, ela é uma rádio de luta, né. É uma rádio que tem uma-/ uma capacidade de-/ de diálogo muito grande com a sociedade, aqui, em Belo Horizonte, mas também ela atinge outras regiões, éh::: a Inconfidência também, né, ali. Depois-/ porque assim, teve uma mudança que era-/ ela passava na FM e na AM, o-/ o *Vozes*, depois parece que eles cortaram as ondas AM, né. Aí, então, a gente passava só na FM, éh::: e a Rádio Favela, ela tem uma-/ uma-/ vamos dizer assim, uma capilaridade grande na sociedade, né. Mas a::: a Inconfidência também, só que são públicos mais amplos, são públicos mais populares, vamos dizer assim. Mas assim, é difícil a gente saber também, em rádio, assim, onde que chega, como chega, né. Esse feedback eu acho que falta muito ainda do *Vozes da Terra*, para te falar a verdade, assim. Eu acho que a gente precisava de ter mais elementos sobre isso, eu acho que a sua-/ a sua pergunta nos instiga a saber mais sobre a capilaridade do-/ do programa, né. Mas muita gente fala que ouviu, que gosta do *Vozes*, que, né... eu acho que é por causa dessa característica diferente de programa, também, né. Ele é-/ essas várias-/ e também assim, depois a gente ampliou para rede social, hoje a gente tá no *Instagram* do MST também. Então isso diversifica muito o grupo, né, nos *zaps*. Então de acordo com os temas do programa, a gente vai mandando para parceiros e parceiras que a gente sabe que vai, éh::: dar amplitude, né. Então hoje em dia, essa coisa da comunicação ela tá muito-/ [pausa] ela tá, né, assim. É-/ agora sim, vamos dizer assim, nós quebramos a bolha? Né. Nós dialogamos para além da esquerda? Essa era a nossa-/ bom é legal a gente falar isso daqui, porque cê já até sabe disso. Nós conseguimos quebrar a bolha, com o *Vozes da Terra*, entendeu? Nós dialogamos para além da esquerda, né. Nós dialogamos com a população. E a-/ com a rádio Inconfidência isso aconteceu, e com a Rádio Favela eu tenho a impressão de que isso ampliou-se ainda mais essa capilaridade de chegar na classe trabalhadora, né. Então acho que isso aconteceu. e::: a rádio-/ dando uma opinião-/ [risos] eu acho que a rádio, assim, pelas experiências, né, com as rádios comunitárias e tal, eu acho que a rádio, principalmente a rádio comunitária, ainda-/ tem uma capacidade de-/ de diálogo com a população muito grande, assim, muito grande. E que vai além da bolha, sabe? Então acho que o *Vozes* ele consegue cumprir esse papel sim, né, do nosso diálogo, mesmo pequeno, de 10 minutos. Mas imagina, toda sexta-feira a gente fazendo um diálogo de 10 minutos, poxa, é muito significativo. Em lugares que a gente, né-/ difícil hoje, a gente conseguir fazer uma reuniãozinha aí, que a gente fazia, de trabalho de base, e tal, né. E a gente consegue, né. E é isso, dialogar com a população, e a população saber-/ é ter uma informação direta, sabe. Não-/ não tem-/ a gente não tá dependendo de um-/ de um instrumento, né, de comunicação que-/ que vai filtrar, sabe? Não, nesses lugares a gente falava-/ a gente fala de uma forma direta, do nosso jeito de falar. Isso é legal na rádio também. Chega a nossa voz, então *Vozes da Terra*, né. Chega as nossas vozes, o nosso jeito de falar, de forma direta, né, éh::: com a nossa música, com a nossa poesia, com as nossas-/ com as nossas várias vozes inclusive, né, de mulheres LGBTQs, dos

vários sujeitos, das crianças, dos jovens, dos-/ dos, dos idosos, né. Então isso tudo traz a riqueza, né, do nosso movimento, a partir dessa forma de comunicar, que é a comunicação popular, a partir das rádios comunitárias, e a partir da rádio de forma geral.

34:04 A: Perfeito. Eu tinha feito a pergunta sobre como que o programa se encaixava na grade de programação da Rádio Inconfidência Mineira, agora eu vou repetir, só que a respeito da Rádio Autêntica Favela. Como tu acha que ela::: como tu acha que o programa se encaixa dentro dessa grade?

34:25 G: Então, nessa programação também é assim, né, assim. Na Inconfidência, a gente ia gravar lá-/ eu tô fazendo um paralelo aqui, a gente ia gravar no estúdio. Éh::: depois, né, a gente achou melhor-/ até com a coisa do golpe, e tal, Zema, nã nã nã... que a gente gravasse e mandasse, né. Então, por exemplo, o Pereira apresenta-/ eu esqueci de falar, o Pereira apresenta e edita, né. Então, [gaguejando] antes o programa era editado na rádio, gravado e editado. Aí a gente passou a gravar num estúdio mais caseiro, mas que não perdia a qualidade, e éh::: [pausa] como é que fala? Ai, meu Deus. Ah, sim. Editado-/ gravado e editado mas num estúdio caseiro. E aí-/ é claro, né, assim, o nosso diálogo é muito pontual, só a partir do programa mesmo. E na Rádio Favela também. em alguns momentos a gente foi na Rádio Favela, visitou o Misael, conversa com ele, é::: nós participamos de outros programas na rádio, né, porque o Pereira é um artista também, e aí eu também fui, falando sobre a nossa-/ a nossa... né, a questão do movimento, e tal, em outro programa que chama *Roda de Conversa*. Então, o diálogo se deu a partir disso assim, a partir desses dois programas de forma pontual, e a gente manda gravado, então assim, a gente não tem muita inserção orgânica na rádio, não. É muito mais uma rádio parceira mesmo, e que passa o nosso programa, e a gente grava em casa e manda para eles, e tal. Então, a gente vê também esse desafio, de::: de dialogar mais, sabe? Organicamente com as rádios. Mas, a realidade, ainda, a pandemia... também depois. Mas assim, antes disso também, eu acho que falta um pouco esse-/ esse contato orgânico, que antes era mais com a Inconfidência e que depois isso foi se dando de forma diferente. E também assim, o tempo das coisas, a rede social, isso tudo, né, foi mudando. A dinâmica foi mudando. Então, é isso. Ah, e eu queria falar duma coisa assim, dos desdobramentos, não sei se você vai falar isso, assim, do *Vozes*.

37:06 A: Pode-/ pode ficar à vontade.

37:08 G: Éh::: o *Vozes da Terra*, ele passa então a desenvolver uma metodologia, né, de produção de rádio. Então a partir do *Vozes*, nós, por exemplo, desenvolvemos oficina de rádio. Isso foi nos-/ porque, essa dinâmica cotidiana de produzir programas, então pessoas que nunca tinham produzido programa, aprendeu a produzir. Então, ele sempre foi uma-/ um programa oficina, vamos dizer assim.

37:35 A: Tinha um caráter formativo.

37:38 G: Um caráter formativo, tanto na forma de fazer quanto na chegada nas pessoas. Ele tem um caráter formativo de informar e formar. E::: de socializar conhecimentos nossos, desde-/ para a nossa base interna, mas também para fora do movimento. E também na sua forma de produzir, ele também é formativo porque as pessoas começaram a se apropriar de:

“Ai, eu posso fazer um programa de rádio. Eu sou da saúde, mas eu posso fazer. Eu sou da cultura, eu posso fazer”, e foi exercitando isso. E agora, a gente até tá querendo que outras pessoas entrem para ir aprendendo e se apropriando dessa ferramenta de comunicação popular, né. E::: tanto foi que, agora em Teófilo Otoni nós demos oficinas e nós ajudamos a criar um programa que chama *Vozes Mulheres*. Que::: lá no Mucuri, na Rádio Impacto, e-/ e aí, foi muito interessante, porque foi a partir das vivências do *Vozes da Terra*, que nós demos essas oficinas e ajudamos as mulheres a criar e mulheres também que nunca tinham feito um programa na vida, militantes lá-/ do grupo de mulheres de organização-/ organizadas do Mucuri, que o MST faz parte ali na parceria. O Pereira da Viola, éh::: também deu oficina, né, e também ele é gestor da Secretaria de Cultura, nesse momento, lá, está como secretário. E aí, ele foi, deu oficinas também, de oralidade, e tal. Eu dei oficina de roteiro, e fomos ajudar a pensar, dentro dessa metodologia, da forma como foi o *Vozes da Terra*, ajudando a pensar outro programa. Uma outra coisa também, no curso formação de formadores de Minas Gerais, nós demos oficinas de rádio. Então a Agatha, que nessa época coordenava o programa-/ eu não lembro, se ela coordenava-/ acho que sim, que ela coordenava esse programa. Éh::: ela deu uma oficina de rádio, e aí, no formação de formadores a gente foi, deu essa oficina porque era-/ era... como fala? Online, como fala? Assim, uma oficina... gravada, um vídeo. Videoaula, videoaula, né. Porque os nossos cursos tavam sendo realizados assim por causa da pandemia, né, e aí demos a oficina de rádio, a partir de um vídeo e tal, e aí, fez parte da programação do curso, produzir um programa de rádio. E COM CERTEZA [ênfase] isso é uma influência do *Vozes da Terra*. Entendeu? Inclusive nós, da equipe, que estamos ajudando a construir outras ferramentas a partir da rádio. Então, ele foi-/ o *Vozes da Terra*, é uma forma de enraizar, né, a forma de comunicação de rádio de-/ e pautando o próprio movimento, a importância da rádio num processo da comunicação popular, da formação e da socialização de conhecimentos, tanto para fora, quanto para dentro.

40:54 A: Perfeito. Tu tinha mencionado antes sobre-/ que o programa ele tá sendo distribuído em outras plataformas além do rádio, tu poderia me citar quais são essas plataformas?

41:08 G: Então. Ai, cê-/ por isso que eu to te falando como é importante cê conversar com outras pessoas [risos]. Porque, por exemplo, as meninas que tão responsáveis por isso. Então, me parece que ele já está, e aí eu tenho que confirmar isso para você, no::: [pausa]. Ai, meu Deus, como é que chama esse programa? [pausa] Esse de tocar música, muito popular aí, agora eu esqueci [risos].

41:29 A: Spotify?

41:30 G: Spotify. éh::: está no instagram, do MST, né. Inclusive, nós-/ as linguagens artísticas, eu queria muito falar sobre isso, assim. As linguagens artísticas, éh::: elas permeiam muito o *Vozes da Terra*. E aí, nós usávamos-/ usamos músicas, e::: poesia, mas agora nós avançamos, principalmente assim, nessa metade do ano, né. Nós experimentamos trazer as artes plásticas, porque como tá sendo levado pro Instagram, tinha uma menina, a Leiner, ela teve ideia de-/ a partir dos temas, fazer a arte da::: do que vai lá né, não sei como que chama [risos]. Cê não tá falando com uma pessoa da comunicação, cê tá falando com uma pessoa da cultura [risos].

42:27 A: Sim [risos].

42:29 G: Cê releva isso, aí. Por isso que eu acho que [inaudível] conversar com alguém da comunicação [risos]. Mas, éh::: ela tá produzindo artes plásticas, sendo o rosto, aí, né, daí [risos] o fundo artístico, aí. E aí, o som vai passando e a arte fica ali, na tela. Então::: isso já tá no Instagram, mas os últimos programas nós não conseguimos fazer, porque exige uma produção artística, aí, das artes plásticas e tal. Então, quando a gente não consegue, aí a gente coloca a logo do *Vozes da Terra*. O *Vozes*, é importante isso, né, tem uma logo também. Depois a gente pode socializar com você a logo. Que é aquele símbolo, da mulher e do homem, e uma anteninha de comunicação [inaudível] então acho que-/ cê já recebeu o programa, e acho que cê já deve ter visto, mas eu posso te passar também.

43:24 A: Obrigado.

43:24 G: Agora, eu não sei quantos programas já foram produzidos. Foram produzidos::: eu acho assim, mais de 200 programas já, durante esse tempo todo. Éh::: e::: e é isso, o *Vozes* para nós, é uma verdadeira escola de comunicação popular, eu acho importante falar isso. Éh::: de apropriação dessa-/ dessa ferramenta de luta, de comunicação popular, que é a rádio. O povo ainda ouve muito, eu estando aqui na cidade eu não tinha tanta noção, mas no interior é impressionante como a rádio ainda é um dos maiores veículos de comunicação, né. E::: e eu acho importante ainda que os movimentos reconheçam essa ferramenta, e::: e a gente ainda tem muito que avançar, nessa perspectiva, enquanto organização social... de luta.

44:28 A: Certo, certo. E quais as razões que vocês-/ que levaram vocês a distribuir o programa em outros lugares além da rádio?

44:35 G: Ah, então. Éh::: primeiro, porque assim a gente quer-/ o programa dá muito trabalho para fazer, então quanto mais ele for ampliado, para rádio, para internet, qual que é a questão? É comunicar... entendeu? É comunicar. Então, se for na rede social, se-/ e se apropriar, e de fazer também, ocupar a rede social é importante. Ocupar a rádio é importante. Então essa estratégia do MST de ocupar, né, um lugar que é nosso. Quando você ocupa, você se apropria do lugar, né. A comunicação, são ondas, né. A internet-/ o que eu quero dizer, isso tem que ser popular, não deveria ser-/ éh::: não deveria ter dono. Então é uma forma de-/ de dizer isso. É direito das pessoas terem informações, formação, conhecimento, né. Então acho que... o *Vozes*, é esse lugar, de botar o pé na porta [risos]. E::: então, é isso. Quanto-/ onde a gente puder estar mais, e ampliar, e tal. Mas tipo assim, não só ser na rede social, não só ser no rádio, mas nas várias formas de comunicar, o que for possível, a gente está. Então hoje, a gente está-/ a gente divulga o *Vozes* em rede social, em::: e aí depois eu posso pedir as meninas em que rede, e tal, direitinho. Em que rádios nós estamos, mas nós estamos em rádios tanto, éh::: rádio [pausa] na cidade quanto no-/ nas rádios comunitárias no interior, e::: éh::: mas a gente ainda tem muito que avançar. É muito pouco, assim. A gente ainda-/ né, assim, eu acho que o potencial do programa é muito grande. Eu acho que a gente tem muito que avançar ainda. Éh::: e as rádios que a gente tá, são rádios-/ é isso, são rádios, é muito interessante quando a gente vai, conversar com os locutores, né. Éh::: com o pessoal que, que é responsável pela rádio, e tal. Como a gente tem tido uma recepção legal, entendeu? Muito legal, isso também é interessante. As pessoas gostam do *Vozes da Terra*, éh::: a gente

conversou com o Decanor, que é um dos comunicadores populares aqui, uma pessoa bem interessante de você conversar. E aí ele adora o *Vozes da Terra*, ele fala: “Nossa, vocês tem uma qualidade de produção. É um *know-how* interessante. A gente percebe a forma artística como vocês fazem o programa”, então eu tô falando aqui, não-/ eu, me gabando, gabando nós, não, né. Muito mais falando de uma pessoa que falou e tal, e que se você quiser até a opinião dele, eu acho que cê pode conversar com ele, e tal. Éh::: mas eu acho que é isso, o *Vozes* ele é muito bem aceito também, todo lugar que a gente chega e oferece. E ele chega de forma gratuita também, nós não recebemos nada para ele chegar em qualquer lugar, né. Então ele também tem esse caráter popular.

48:06 A: A equipe continua a mesma, nessa nova de distribuição dos programas-/ do programa em outros meios?

48:12 G: É, aí nós somos oito pessoas hoje. As meninas vão... né, vão contribuindo nisso porque elas têm conhecimento, né. E aí é realmente as meninas da comunicação, é a Agatha, é a Iris, a Geanini, e elas... ajudam a::: a ir pensando essa possibilidade de ampliar nas redes, né. Porque-/ aí é alimentar e tal as redes, né. Agora os programas de dezembro precisa de entrar na-/ no Instagram, eles ainda não entraram, então eles vão entrar ainda. Éh::: porque foi, um fluxo de-/ porque com essa volta, né, dos trabalhos, foi um fluxo maluco né, de-/ então, nós perdemos um pouco esse pique. Mas assim, de 2022, a nossa perspectiva é ampliar agora para mais rádios, mais redes sociais, éh::: aumentar a equipe inclusive, então nós vamos conversar sobre isso, né, de aumentar a equipe. E::: e é isso. E de repente assim, até aumentar o tempo do programa, de ser, invés de dez, quinze minutos. Então a gente vai conversar, hoje eu tenho uma reunião com uma das coordenadoras. E, também, nós vamos mudar a coordenação. Porque a coordenação é bom que ela seja uma coordenação itinerante, isso é legal falar. Por que? Porque as pessoas vão se apropriando da, né, da-/ do processo de organização do programa, né. Então::: eu já quero sair inclusive da coordenação [risos], porque aí outra pessoa vai assumindo, e vai dando dinâmicas diferentes, cada, né-/ cada um tem uma forma de conduzir, de-/ né, ali. Então, é isso também, todas nós ajudamos a-/ a reverberar o *Vozes da Terra*, é tarefa de todos e todas nós, da equipe, mas também de quem recebe o programa, de divulgar o programa.

50:28 A: Certo. E quais possibilidades você entende que essas plataformas oferecem? Quais novas possibilidades vocês adquiriram?

50:38 G: Ah, por exemplo... ai assim, por isso que eu acho que é o pessoal da comunicação que cê tinha que conversar, porque assim, do que eu entendo-/ vamos dizer assim, o Spotify, ele ajuda a chegar em mais pessoas, né? Também é a facilidade, a::: a memória, né. Então assim, isso é uma coisa interessante, eu acho que o *podcast*, né... que é ele-/ ele permanecer como registro, porque assim ó se é um programa só que passa na rádio, pronto, passou, ninguém nunca mais vai ver ele, entendeu? Agora não, agora quando tá na-/ na, no Instagram, por exemplo, tá lá. Se vc quiser ver o programa do Cerrado que a gente fez e tal, vai tá lá. Então assim, como material pedagógico, poxa eu vou dar uma aula sobre Cerrado, éh::: sei lá, eu vou fazer uma formação sobre questão negra: “Ah, tem um programa *Vozes da Terra* aqui que eu vou poder resgatar, para trabalhar”, entendeu? Então eu acho que também éh::: é um

material que fica permanente, né, de formação, de acesso, né. Então acho que isso é um tempo diferente, né, não é: “Ah, perdi o programa”. Não, você pode ouvir ele em qualquer outro lugar, isso é legal também. Eu acho que isso dá uma vida::: útil ao programa maior, sabe?

52:15 A: Sim.

52:15 G: : Isso eu acho interessante.

52:19 A: Hã::: e você acha que o público que consome o programa no IGTV e no Spotify, ele é diferente daquele que costuma ouvir o programa ao vivo?

52:29 G: Ah, eu acho que sim, eu acho que sim. inclusive... [pausa] nossa, não sei se-/ [risos] é que assim, os seguidores do MST, é-/ é muita gente. Hoje, com a pandemia, cresceu o número de gente que segue aquele Instagram que é um negócio impressionante, assim. Mas, éh::: [pausa] eu acho que é-/ olha, para cê ver assim, eu moro no interior, né. Éh::: a internet não é TÃO [ênfase] potente assim, né.

53:07 A: Sim.

53:07 G: Então, ((pausa)) assim, para cê ter uma ideia, vamo lá, né. Tô tentando aqui refletir com você. nosso pessoal, por que que tem acesso a um-/ no *zap*, ao nosso programa? Porque se fosse no Instagram talvez fosse mais difícil, a internet não aguenta. Tem muita gente ainda que vive de internet de dados. Então às vezes, é mais fácil baixar o programa, aí cê vai em algum lugar, baixa, depois cê ouve, ou ouve lá, e tal. E::: e aí, para tocar no Instagram, para tocar-/ talvez-/ eu não sei como é que é isso, em termos de velocidade, por exemplo, quem tem conhecimento, talvez você tenha, você sabe. Mas, eu acho mais fácil a pessoa ouvir baixado ou o ouvir lá na rádio, do que conseguir ver o Instagram, sabe, e-/ principalmente o áudio, é mais pesado. O acesso ao Spotify, né, assim, tem gente que tem Instagram, mas muita gente ainda não tem Instagram, mas tem o *zap*. Eu acho que o *zap*... né, mas tem a rádio-/ o rádio, então são coisas mais populares.

54:32 A: Certo. E tu acha que existe uma diferença entre ouvir o programa ao vivo e ouvir gravado?

54:40 G: Nossa, é muito diferente. Eu já ouvi-/ porque assim, né, não é todo dia que a gente ouve na rádio, né. Nós que fazemos o programa, imagina. Já é difícil a gente ter o tempo para permanecer [risos] o programa. Inclusive, depois é legal a gente falar a metodologia de produção do programa. Mas, éh::: eu já ouvi algumas vezes, é muito interessante, assim. É muito interessante, é emocionante, sei lá, é uma coisa diferente assim de ouvir na rádio. Eu não sei direito te falar o que que é, mas tem muita diferença, muita diferença, muita mesmo.

55:22 A: Agora pode desenvolver então sobre isso que você mencionou? Sobre a metodologia de produção do programa. Como funciona nessa-/ como que vocês se organizam para a produção?

55:31 G: Ah, então. Isso é legal. Nós temos uma metodologia assim: uma semana antes de começar o mês, nós soltamos, éh::: uma ga-/ uma programação e dividimos por duplas cada

programa. Então, o programa, éh::: vamos dizer assim, o programa de sexta-/ das sextas-feiras éh::: então é cada dupla, e esse programa tem que tá pronto até quarta à noite, né. Então::: o primeiro programa, o segundo programa, então você tem que-/ se o programa é na sexta-feira, a quarta que antecede aquela sexta-feira ele já tem que tá pronto, né. O roteiro, [inaudível] tudo isso e tal. E aí, é por duplas, então somos oito, então uma dupla faz um programa por mês. E essa dupla, ela vai mudando, e::: né, para vc também trabalhar com as várias pessoas, cada um tem uma característica, cada uma né, porque só tem mulher, cada uma tem uma característica e tal. Agora quem edita, é só o Pereira e::: inclusive, nós estamos querendo agora desenvolver oficinas de edição para ir ajudando ele para não-/ não sobrecarregar. É isso, da metodologia, e::: a coordenação do programa, éh::: faz essa proposta, de que programa adapta, quem vai ficar responsável por cada data, e propõe temas. Mas isso não quer dizer o que a coordenação propõe é o que vai ser, a gente propõe às pessoas que estão produzindo o programa, a dupla, é que vai dando a cara do programa. E o programa, ele conversa muito com a conjuntura, e com o tema do mês. Vamos supor: “Ah, a gente tá no Mês da Consciência Negra, a gente tá no Mês das Mulheres”, então já teve situações de, por exemplo, que a gente fez temas variados, ah, primeiro é o violência-/ perpassar o tema da violência contra mulheres, o outro, as mulheres e o trabalho, aí, entendeu? Éh::: aí, no-/ no mês do-/ que tem a questão LGBT, ah, então a gente vai dialogar com esse tema, ele vai perpassar pelos programas, a partir de mística, de música, de algum quadro, então, sabe assim. Cada-/ cada-/ cada coisa varia, assim. Éh::: nós temos uma reunião a cada dois, três meses, da equipe, para, né, assim acertar alguma coisa. E ir dando a cara pro movi-/ pro programa. E o programa ele é orgânico dentro do MST, é uma tarefa orgânica permanente dentro do MST, das nossas tarefas enquanto militantes.

58:37 A: Hã::: você acha que o programa ele tem alguma relação com outras produções do MST, outros programas de rádios, outras mídias?

58:48 G: Tem. Éh::: por exemplo, o *Bom Dia*, né, que é um podcast também, muitas vezes aquele material a gente já usou. Éh::: ou então nos dá ideia, aí o movimento solta um *card*: “Ah, essa semana morreu fulano” ou éh::: um mês-/ um dia que sei lá foi aniversário do Fidel, nã nã nã. Aí a gente fala: “Ah, legal, vamo-/ vamo pautar isso dentro do *Vozes*”, então vários materiais, outros materiais produzidos pela comunicação do MST, a gente utiliza ou como referência ou como material mesmo.

59:27 A: Sim.

59:28 G: Dentro do próprio programa. O *Análise de Conjuntura* a gente já usou, o *Bom Dia*. Éh::: [pausa] ah, falas né, do nosso povo, vídeos produzidos e tal, a gente já usou em vários nossos papos. Então há uma interface entre as produções da comunicação do MST de forma geral com o *Vozes da Terra*.

59:54 A: Certo. E vocês possuem acesso aos indicadores dessas duas plataformas de distribuição, o Spotify e o Instagram?

1:00:02 G: Ah, aí é com as meninas mesmo. Eu não sei te falar porque aí nessa parte eu realmente... não entendo.

1:00:10 A: Não tem problema, sem problemas. [pausa] Hã... essa era minha última pergunta, então se tu-/ vou te dar um momento, se tu quiser adicionar mais alguma pergunta, algum comentário que eu ainda não tinha te feito pergunta.

1:00:25 G: Ah, primeiro, te agradecer, né, assim, em nome do MST, porque é um-/ [pausa] é uma forma, né, de valorizar essas vozes.

1:00:39 A: Sim.

1:00:42 G: E:: ah, eu acho importante que as pessoas tenham esse olhar, né, de que a comunicação popular ela será popular mesmo quando ela for feita pelo povo, né. Quando éh:: não-/ quando nós nos apropriarmos [inaudível] e a impressão que dá, é que o povo só não faz, porque não-/ não tem a-/ a ferramenta, né. Então, por exemplo, quando eu aprendi a fazer programa de rádio, para mim foi muito importante, eu me apropriei de vários conhecimentos, né. E:: e eu gostaria que outras pessoas se apropriassem também. Então assim, eu acho que quando você faz um trabalho que valoriza o que a gente faz, você também nos dá essa voz, [voz emocionada] então assim, eu me emociono mesmo, porque a gente tem um verdadeiro amor por esse programa, impressionante assim. Todos nós adoramos fazer o *Vozes da Terra*, é um momento muito criativo. Existe-/ exige muita criatividade nossa, o Pereira da Viola fala também assim, que ele ama fazer esse programa, porque éh:: porque ele é forte mesmo, ele nos-/ a gente se emociona fazendo o programa. E é uma forma de pautar a luta éh:: com-/ com um olhar mais amplo, então eu acho que o *Vozes da Terra* ainda-/ ele ainda tem muito o que crescer, o que éh:: o que aprofundar, né, tanto nessa forma de divulgar quanto na forma de fazer, né. Nós conhecemos assim, éh:: nos apropriamos de muitos poemas, de muitas músicas, de muitos conhecimentos, nós precisamos de pesquisar muito para produzir esse programa, sabe? Assim, éh:: é um aprendizado constante, é-/ nós trabalhamos nos elementos de formação das pessoas, mas para isso também nós também precisamos nos formar, e como que isso, assim, as pessoas gostam de dizer: “Nossa, eu participei do Vozes da Terra! Eu participei de um programa de rádio!”, as pessoas depois recebem o programa e ouvem as suas vozes, né. Valorizam o conhecimento que essas pessoas têm, é muito forte, né, isso assim. Então é isso, é-/ é a importância do povo se apropriar para se reconhecer enquanto sujeito e enquanto protagonista. E eu acho que o *Vozes da Terra*, ele é tão pequenininho, ele é 10 minutos, ele é semanal, mas ele é grande no processo formativo, de modo amplo, de formação humana também.

1:03:49 A: Hã:: então, queria te agradecer também, tanto pela tua disponibilidade quanto pela-/ pela conversa, por tudo. Porque eu-/ eu também sou apaixonada por rádio, eu gosto muito de rádio, então é muito-/ foi muito importante para mim, para minha formação, foi muito para a minha pesquisa, e também para a minha formação como profissional da comunicação ouvir o teu depoimento.

APÊNDICE C – DESCRIÇÃO DOS PROGRAMAS

SPOTIFY

1) Ocupação

- a) Vinheta de abertura;
- b) Mística;
- c) Música (Não somos covardes, do cantor Zé Pinto);
- d) Locução I do Pereira da Viola: introdução da temática;
- e) Hora do Camponês (Depoimento);
 - i) **Entrevistado(a):** Moradora da ocupação Maria da Conceição, em Itatiaiuçu; **Transcrição do depoimento:** “Meu nome é [anônimo], sou da ocupação de Itatiaiuçu, e no primeiro dia que eu cheguei na ocupação, eu vi meus pés todos vermelhos, sol de rachar. E quando chegava a noite um frio que eu falei: ‘Meu Deus do céu, que que é isso’. Esse pessoal não tem roupa que chega não, o frio era demais. Você acordava às seis horas da manhã, e a neblina. ‘Eu não vou ficar aqui’. Eu falei: ‘Não, eu tenho que ficar aqui’. Se eu que sou eu, eu to querendo ir embora, e os meus filhos tão querendo ficar aqui, que eles estão aqui a vontade, como se tivessem num acampamento de férias, por que eu vou proibir eles de ter essa oportunidade? Deles crescerem, aprender coisas diferentes. Eu tenho três filhos, mas atualmente só moram dois comigo, que é a [nome], que tem seis anos, e o [nome] que tem cinco. E para mim, eu cheguei na ocupação motivada. Saí da Bahia e vim pro estado de Minas Gerais. E logo que eu me centralizei, foi dentro de uma favela, e criando meus filhos presos, na roda dos traficantes. E eu pensei que isso não era vida, porque eu posso cumprir as minhas tarefas dentro do acampamento e deixar meus filhos sozinhos brincando dentro do acampamento. Nas minhas tarefas, no setor de produção, a gente agua elas, a gente planta. E nós temos mostarda, alface, almeirão, cebolinha, brócolis, agora a gente tá começando a plantar beterraba, jiló, couve-flor e pimentão. Para que a gente possa ter a nossa renda no acampamento mesmo. E a gente chegou, e fizemos uma família. Todo mundo nos abraçamos, chegando a estar disposto a estar nos ajudando. Aqui é todo mundo igual. O que me fortalece na ocupação, é saber que ali tem uma população que está lutando para ter uma vida digna. Porque é só lutando que a gente conquista”.
- f) Locução II do Pereira da Viola: discurso acerca da democratização no acesso à terra;
- g) Encerramento.

2) Alimentação saudável

- a) Vinheta de abertura;

- b) Mística;
- c) Locução I do Pereira da Viola: a incoerência da superprodução de alimentos e da miséria do Brasil e no mundo;
- d) Hora Camponesa (Depoimento);
 - i) **Entrevistado(a):** Não há descrição da entrevistada, somente o nome.
 - ii) **Transcrição do depoimento:** “O que eu entendo, assim, de agroecologia, é a gente conseguir associar várias coisas. Desde uma produção de grãos, com árvores, a gente ter galinhas, conseguir engordar porcos, ter umas vacas, respeitar o ambiente onde a gente vive e trabalha. Por exemplo, eu tenho perto da minha casa, 1200 pés de cafés, que é associado com abacateiro, com goiabeira, tem algumas bananeiras, num pequeno espaço a gente conseguir tirar uma variedade de produção, em pequena escala. É bem mais saudável o que a gente consegue produzir sem agrotóxicos, é melhor, o sabor. É mais difícil, sim, por exemplo, dá mais mão de obra, mas o resultado é bem melhor do que o convencional, que a gente fala. Que é feito com o uso de agrotóxico”.
- e) Locução II do Pereira da Viola: problematização da falta de opção de produtos sem agrotóxicos disponíveis no mercado brasileiro (monopólio) e sobre os males dessa prática para a saúde dos trabalhadores rurais;
- f) Momento Agroecológico: breve descrição da atuação do MST no Festival Estadual de Arte e Cultura da Reforma Agrária e presença do ex-Ministro da Saúde, Alexandre Padilha, no evento;
- g) Encerramento.

Observação: O episódio foi lançado em razão do Dia Mundial da Alimentação, celebrado em 16 de outubro.

3) Crime da Vale em Mariana

- a) Vinheta de abertura;
- b) Mística;
- c) Música de transição: Índios Krenak;
- d) Locução I do Pereira da Viola: introdução à temática;
- e) Hora Camponesa (Depoimento);
 - i) **Entrevistado(a):** Morador do Acampamento Esperança, no Vale do Rio Doce.
 - ii) **Transcrição do depoimento:** A pesca no [inaudível], o rio se tornava uma firma para nós. Quando nós *tava* desempregados, a maioria sobrevivia dele [do rio]. A dificuldade de emprego é muito grande para nós aqui, igual tá sendo igual hoje. Então nós *passava* a mão no bote, e ia pro rio pescar. No final do mês, nós *tinha* aquele pagamento, aquele salário, [inaudível] aqueles peixes, e nós *fazia* a compra para dentro de casa, para sustentar nossos filhos. Nós *vendia* dentro da Pedra Corrida

mesmo, vendia para Valadares, vendia para talvez, vinha pescador, vinha comprador, de Belo Horizonte. O mais comum é o Bagre Amarelo, que eles falam [inaudível]. O mais gostoso, que era mais perseguido aqui, era o Pacumã e o Dourado. Comprava na nossa mão, não tinha uma peixaria fixa para nós entregar. Porque a maioria nossa não tinha condições de pescar. Minha mulher planta uma horta, e ela sobrevivia com a renda dessa horta. Com esse rompimento que teve, da Samarco, a barragem lá. Ela ficou umas três [inaudível] sem conseguir vender verdura, lá no patrimônio, porque as pessoas não queriam comprar as verduras, porque achavam que as verduras *tavam* contaminadas, porque a água saía do rio para molhar a horta. Nós ter vindo para aqui, foi fundamental para nós, que nos contou que era um meio da pessoa fugir do aluguel e ter um pedaço de terra para ele poder plantar, para ser suficiente de ter o pão de cada dia, para tá dando para a família dele. Porque o meio que podia ter, que dependia do rio, foi destruído”

- f) Locução II do Pereira da Viola: menção à outros movimentos sociais, o Movimento dos Atingidos por Barragens/MAB e Movimento Pela Soberania Popular na Mineração/MAM e o que é possível fazer diante de uma situação como esta;
- g) Notícias do Campo: informes sobre ações do MST para recuperar o que foi perdido com o desastre em Mariana/MG). Fonte: Radioagência Brasil de Fato, de Periquito/MG;
- h) Música (Brasil Mestiço, Santuário da Fé, de Paulo César Pinheiro e Mauro Duarte, na voz de Clara Nunes);
- i) Encerramento.

4) Armazém do Campo e Arroz Orgânico

- a) Vinheta de abertura;
- b) Mística;
- c) Música de transição.
- d) Locução I do Pereira da Viola: propaganda do Café Guaií, encontrado no Armazém do Campo (rede de comercialização de produtos produzidos pelo MST); introdução à temática.
- e) Momento Agroecológico: descrição dos tipos de arroz e a diferença entre eles, menção à produção do MST, o maior produtor de arroz orgânico da América Latina. No momento Agroecológico desta edição, depoimentos de três trabalhadores rurais do movimento envolvidos na produção de arroz nos assentamentos.
 - i) **Entrevistado(a) 01:** Assentado do MST no Rio Grande do Sul (fala acerca da qualidade do arroz orgânico da marca Terra Livre, produzida e comercializada pelo movimento).
 - ii) **Transcrição do depoimento:** “Trata-se de um produto de primeiríssima qualidade, ele não deixa nada a dever nenhum tipo de produto similar, que você encontra no mercado. Ele tá

dentro de todos os padrões sanitários, dentro de todos os padrões de qualidade exigidos pelo Ministério da Agricultura. Possui, além disso, o selo, a certificação de produção orgânica e é um produto produzido por famílias da Reforma Agrária, assentados da Reforma Agrária, que tão dando aí a sua resposta para a sociedade. Além de tudo isso, ainda é o arroz orgânico mais barato do mercado”.

- i) **Entrevistado(a) 02:** Assentado do MST também envolvida na produção do arroz orgânico Terra Livre (fala acerca da cadeia produtiva do arroz).
 - ii) **Transcrição do depoimento:** “Quando a gente organiza a cadeia produtiva do arroz, nós organizamos ela desde os insumos, desde a semente. A produção, a indústria, o mercado, está no controle dos agricultores. Está no nosso controle. Então hoje, por exemplo, o arroz está 100% no controle nosso, dos assentados. Isso significa que é um processo também de resistência para a agricultura”.
- i) **Entrevistado(a) 03:** Dirigente nacional do MST (fala acerca da importância de uma boa alimentação para o movimento).
 - ii) **Transcrição do depoimento:** “Aqui é a prova concreta de que é possível você praticar uma agricultura saudável, com base nas técnicas da agroecologia, para produzir alimentos pro mercado interno, pro povo brasileiro comer bem, e bom”.
 - iii)
- f) Locução II do Pereira da Viola: divulgação da inauguração do Armazém do Campo em Belo Horizonte/MG e a relevância da contribuição do MST para a alimentação dos e das brasileiras;
 - g) Depoimento de um dos idealizadores do Armazém do Campo no Brasil;
 - i) **Entrevistado(a):** Um dos responsáveis pela ampliação do Armazém do Campo no Brasil.
 - ii) **Transcrição do depoimento:** “As experiências de comercialização do MST já vem de anos, e no caso específico das lojas da Reforma Agrária, a gente vem com uma experiência de mais de 15 anos do MST no Rio Grande do Sul dentro do Mercado Municipal de Porto Alegre, uma experiência bem sucedida. E a partir dessa experiência que um grupo em nível nacional se desafiou a pensar uma organicidade e uma expansão, de nós criar várias lojas com uma cara mais do MST. E aí surge o Armazém do Campo, em São Paulo, e agora já em expansão para várias outras cidades do Brasil, como Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Brasília, Salvador, Campinas, entre outras”.

- h) Locução III do Pereira Viola: convocação para as mobilizações organizadas pela Frente Brasil Popular, em oposição ao governo federal (em 2017, governo do presidente Michel Temer);
- i) Música (Já não gingam por gingar, do Zé Pinto);
- j) Encerramento.

5) Felisburgo

- a) Vinheta de abertura;
- b) Mística;
- c) Locução I do Pereira da Viola: introdução da temática⁴⁷;
- d) Hora Camponesa (depoimento):
 - i) **Entrevistado(a):** Assentada do acampamento Terra Prometida/MG.
 - ii) **Transcrição do depoimento:** O massacre foi uma tragédia anunciada, nós vivemos dois anos de ameaça, e durante esses dois anos nós fizemos denúncia ao Ministério Público, na polícia, onde foi possível fazer. E toda a região sabia que Adriano anunciava que ia lá matar os sem-terra. E o Estado então, não tomou nenhuma providência. Até que, 20 de novembro de 2004, às dez e meia da manhã, 18 homens armado invadiu o acampamento atirando para todo lado, matou cinco companheiros, queimou vários barracos, incluindo a casa de semente, a escola, a biblioteca, cortou a cerca das roças, colocou os gado dentro. Ficou treze companheiros feridos. É triste saber também que mesmo depois de treze anos ainda não conseguiu desapropriar a terra, nenhuma justiça foi feita, para gente acha que só julgar o Adriano e não ficar preso, não é fazer justiça é brincar de fazer justiça. Já fizemos o assentamento por conta, já conseguimos dividir a área, lotear, as pessoas fizeram a casa por conta própria. Mas se eu falar que numa situação dessas o povo tá bem, eu tô mentindo. Quando não faz justiça, parece que a gente não é nada”.
- e) Locução II do Pereira da Viola: reconhecimento à resistência do povo de Felisburgo; convite ao Festival de Arte e Cultura da Reforma Agrária da região (Vale do Jequitinhonha); denúncia sobre a censura e perseguição de artistas;
- f) Arte em Movimento;
- g) Locução III do Pereira da Viola: outra fala sobre a perseguição à artistas; menção ao Fórum Nacional contra a Censura, em Belo Horizonte/MG;
- h) Poesia (Carlos de Assunção, do álbum Quilombo de Palavras);
- i) Encerramento.

6) Diga não à violência contra a mulher

- a) Vinheta de abertura;
- b) Mística;

⁴⁷ O Massacre de Felisburgo foi um ataque violento ao acampamento Terra Prometida, em Felisburgo/MG em novembro de 2004. O massacre culminou no assassinato de cinco agricultores, dezenas de feridas, além de casas e plantações destruídas.

- c) Locução I do Pereira da Viola: introdução à temática; menção às ações do setor de gênero do MST em prol da igualdade dentro e fora do movimento;
- d) Momento Agroecológico: descrição da presença de coletivos de mulheres do movimento em Minas Gerais e a organicidade desses coletivos;
- e) Locução II do Pereira da Viola: números da presença feminina atuando na produção rural no país e no MST.
- f) Receitas da roça (depoimento):
 - i) **Entrevistado(a):** Assentada na região do Triângulo Mineiro.
 - ii) **Transcrição do depoimento:** “Meu nome é [anônimo]. Quando eu era criança, a gente de família negra, quando eu era criança, aí sempre chegava da escola meus irmão reclamava, porque as outras criança me chamavam de negra. A minha mãe sempre dizia: “Quando te chama de negra, diz assim: você me chama de negra, mas eu sou uma negra dengosa, a pimenta-do-reino é negra e faz a comida gostosa”, e aí com isso eu cresci sentindo orgulha de ser negra, porque eu amo pimenta-do-reino [risos]. Gueroba, que muitos fala gueriroba, no popular mesmo, quando se diz, na roça fala gueiroba, então, ele é aquele coquinho, ele dá tipo, é uma palmeira, né. A gente aproveita o coquinho dela, se deixa ela espera para dá coco, cê pode fazer aqueles doce de coco, o coco de gueiroba, que eles fala, sabe? E tem também o doce do coquinho de gueiroba. É uma delícia. Agora gueiroba, se você deixar ela crescer muito, a cabeça dela, que é palmito, parece um palmito, não é boa. Tem que tirar ela num corte de uns dois metros, dois metro e meio. Aí sim, você pega uma cabeça da gueiroba boa, o palmito tá ótimo pra gente fazer. Eu corto ela na água, com sal, né, para ela não ficar escura, arroxeadada. Porque se cê não colocar ela na água, e um pouco de sal, ela fica quase preta, na hora de fazer. Aí, eu corto ela na água, com um pouco de sal, deixo ali um pouco, depois eu lavo ela, aí eu fermento ela um pouquinho, fermenta eu coloco na água o tempero, para ela já ir pegando um gostinho, coloco a gueiroba, e depois eu ponho para escorrer. Aí é que eu vô refoga ela, ai eu refogo ela, e já coloco, vo pingando a água, sabe? Faço aquele molho, e coloco os tempero, e tá pronto para servir”.
- g) Locução III do Pereira da Viola: solicitação de sugestões para o programa;
- h) Encerramento.

INSTAGRAM

7) Não ao marco temporal

- a) Abertura;
- b) Mística;
- c) Locução I do Pereira da Viola: introdução à temática; menção aos seis mil indígenas em Brasília no acampamento “Luta pela Vida” (agosto de 2021).
- d) Notícias do Campo (Depoimento):

- i) **Entrevistado(a):** Integrante da Coordenação Nacional do setor de gênero do MST e indígena do povo Terena, no Mato Grosso do Sul.
- ii) **Transcrição do depoimento:** “Olá, sou a [nome] do estado do Mato Grosso do Sul, componho a Coordenação Nacional do setor de gênero do MST, pertenço ao povo Terena aqui do Mato Grosso do Sul. O povo tá situado aí no grande embrenhado do Pantanal Sul-Mato Grossense e fui convidada para falar dessa luta indígena em defesa dos nossos territórios. Essa luta que nos abrihantou com muita força nas últimas semanas. Essa luta que povoou Brasília com mais de seis mil indígenas, mostrando a força da diversidade de povos. E a luta não vai parar por aí. Setembro inicia com uma grande marcha das mulheres indígenas, ocupando Brasília, trazendo a força, o colorido, a determinação das mulheres. Trazendo a nossa ancestralidade na certeza do que queremos: territórios livres onde possamos viver com dignidade. O tema central deste movimentar são os absurdos deste governo de morte, principalmente o Marco Temporal. Essa proposta, primeiro quer negar nossa história como povos originários do Brasil, querem demarcar nossa existência a partir da Constituição de 1988. Estão querendo aprovar a tese que só é nosso território onde estivéssemos no marco de 05 de outubro de 1988, dia da promulgação da Constituição. Mas isso não está sendo feito para garantir direitos dos povos, mas sim para privilegiar o modelo do capital a partir do hidro-agro-minério negócio. Para seguirem destruindo, explorando a natureza em nome de um desenvolvimento mas que traz lucro, riqueza para uns poucos ricos, fazendo maior concentração de terras. A natureza está gritando por socorro, ela já não consegue ter estabilidade. Não temos harmonia no clima, estamos tendo uma grande perda na nossa diversidade. E isso acontece por conta de uma ganância de uns poucos. Dizer NÃO ao Marco Temporal é defender a vida dos povos indígenas sim, mas também defender a existência do ser humano, pois salvando a natureza, estamos salvando nossas vidas, a diversidade dos nossos biomas, garantindo uma vida saudável para as futuras gerações. Vamos juntos nos somar nessa luta. Para vencer esse projeto de morte: vacina no braço, comida no prato, fora Bolsonaro”.
- e) Locução II do Pereira da Viola: dados sobre a população indígena no Brasil e um reconhecimento à resistência dos povos.
- f) Hora Camponesa:
 - i) **Entrevistado(a):** Vários depoimentos retirados do Documentário *Íandê Yby*⁴⁸.
 - ii) **Transcrição do depoimento:** “Depois de 519 anos, você vai ter índio que não tem aquele fenótipo idealizado de índio do Século XVI ou índio do Xingu, ou do Alto Amazonas, que não tiveram esse contato de 519 anos com não-indígenas. [Muda o interlocutor] Os europeus invadiram

⁴⁸ Disponível para acesso no link: <https://www.youtube.com/watch?v=N2DKI2UaZxQ>

aqui *estruparam* nossos antepassados, mataram, roubaram nossas madeiras, roubaram nosso ouro, acabaram com nossas nascente, grilaram nossas terras, né, fizeram dela [inaudível] acabaram com nossos territórios. Então, na verdade, o interesse deles é esse, é muitas vezes tirar nossa identidade para ocupar os nossos território. [Música] [Muda o interlocutor] Tu achar que o índio é aquele lá do livro de história, sofre muito com isso, por causa do cabelo caralocado, cabelo pouco crespo, aí falam que nós não somo indígena, né. A gente tá na rua as vezes e as pessoas, chega um momento de perguntar para mim assim: “Sim, mas você é índia, seu cabelo tão caracolado?”. É, mas o meu ser índio, é tá no meu sangue, tá no meu tronco, não tá no meu cabelo. As crianças às vezes as que mais sofrem, a ponto das mães pedirem para não pintarem as crianças. Não pintar, porque quando vai no centro, até dentro do ônibus, sofre preconceito, né. Ou crianças que são indígenas que estudam em outra escola, quando chegam com a pintura, muitas vezes elas serve de chacota, né. [Muda o interlocutor] De onde vem esse fenótipo introjetado na cabeça das pessoas, para dizer que índio tem que ter essa aparência, é um fenótipo imposto tanto pelas escolas, universidades, né. [Muda o interlocutor] Só que quando alguém vem com essas piadinhas: “Você é índia?” Eu falei: “Eu sou, e você? Qual que é a sua origem? Eu sei a minha, você sabe a sua?” [Muda o interlocutor] Pensar, então o chines para ser chines ele tem que andar com a roupa do último imperador chines. O índio, para ser índio, tem que andar como ele andava no Século XVI, então não tem sentido. Nós temos uma dinâmica cultural [inaudível], uma dinâmica social, e essa dinâmica não faz com que deixamos de ser índios por não usarmos a roupa do Século XVI. [Muda o interlocutor] Minha família quem reconhece sou eu, meu povo quem reconhece sou eu”.

- g) Locução III do Pereira da Viola: despedida;
- h) Música (Rap Indígena, de Luiz Pituna);
- i) Encerramento.

8) Especial Grito dos Excluídos

- a) Vinheta de abertura;
- b) Mística;
- c) Locução I do Pereira da Viola: balanço das mobilizações populares contra o governo federal em 7 de setembro de 2021;
- d) Notícias do Campo: análise geral acerca das mobilizações e do propósito do protesto; menção às organizações que encabeçaram os atos;
- e) Locução II do Pereira da Viola: menção à dificuldades que o povo braisleiro tem enfrentado (fome, desemprego, pandemia do COVID-19);
- f) Arte em Movimento (Música Apesar de Você, de Chico Buarque);
- g) Fala III do Pereira da Viola: despedida e chamamento à população que se vacine contra a COVID-19;

- h) Música (E Vamos À Luta, do Gonzaguinha);
- i) Encerramento.

9) Resistência dos povos do Cerrado

- a) Vinheta de abertura;
- b) Mística;
- c) Locução I do Pereira da Viola: introdução da temática; dados sobre a biodiversidade da região do Cerrado;
- d) Notícias do Campo (depoimento):
 - i) **Entrevistado(a):** Integrante da Coordenação Executiva da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado e da Comissão Pastoral da Terra no Tocantins;
 - ii) **Transcrição do depoimento:** “Quero falar hoje sobre o tribunal permanente dos povos, em defesa dos territórios do Cerrado, que é uma iniciativa da Campanha do Cerrado, que é uma articulação composta por 50 movimentos e organizações sociais. A campanha juntamente com as comunidades peticionou ao Tribunal Permanente dos Povos, o TPP, que tem sede na Itália, para a realização de uma sessão especial, para julgar o crime de ecocídio contra o Cerrado. A campanha, junto com as comunidades, denuncia que se nada for feito para frear a devastação do Cerrado, estaremos diante de uma ameaça de aprofundamento irreversível do ecocídio em curso, com perda e extinção do Cerrado nos próximos anos, e junto com ele, toda uma base material de reprodução social dos povos indígenas, comunidades quilombolas e tradicionais do Cerrado, como povos culturalmente diferenciado. Ou seja, estaremos diante de um genocídio cultural. E os povos do Cerrado, toda a sua identidade são construída a partir dos território, a exemplo das quebradeiras de coco babaçu, que só são quebradeiras de coco babaçu, enquanto coletivo, porque existe os territórios de babaçuais, assim também os geraizeiros, que só são geraizeiros, porque tem uma relação direta com os Gerais⁴⁹, né. As raizeiras do Cerrado, né, que tem uma relação direta com as raízes das árvores e plantas do Cerrado, os fundos de feixe de pato. Então o cerrado tem uma diversidade de povo, que se constituírem enquanto povos essa relação sociocultural direta com os territórios, com a sociobiodiversidade do Cerrado. por isso, que trata-se de uma peça de acusação que traz aí essa imputação do crime de ecocídio, né, contra o cerrado e uma ameaça de genocídio cultural. E os tribunais, foi lançado dia 10 de setembro mas segue aí o processo com várias audiências e a previsão da audiência final em novembro de 2022. O tribunal então traz um lema: ‘Fazer acontecer a justiça que brota da terra, fazer acontecer a justiça que brota da terra’”.

⁴⁹ Região do norte do estado de Minas Gerais.

- e) Locução II do Pereira da Viola: dados sobre a devastação do Cerrado e a relação dessa exploração com o agronegócio;
- f) Arte em Movimento: poesia sobre o Cerrado e pertencimento cultural;
- g) Locução III do Pereira da Viola: menção aos 48 anos do Golpe Militar no Chile; despedida;
- h) Música (Venceremos, de Inti Illimani);
- i) Encerramento.

10) Centenário Paulo Freire

- a) Vinheta de abertura;
- b) Mística;
- c) Locução I do Pereira da Viola: introdução da temática; menção às contribuições de Paulo Freire para a educação brasileira;
- d) Hora Camponesa (depoimento);
 - i) **Entrevistado(a):** Assentada do MST, sem especificações.
 - ii) **Transcrição do depoimento:** Durante todo esse ano de 2021, o Movimento dos trabalhadores rurais sem terra vem fazendo atividades que tem como objetivo aprofundar o pensamento e a obra do educador Paulo Freire. Nossa campanha é: ‘Viva Paulo Freire, um educador do povo’. Essa é a nossa jornada nacional, e durante a semana de aniversário do Paulo Freire, nós participamos junto com o coletivo Paulo Freire de Belo Horizonte, de atividades de aprofundamento destas comemorações. E entre elas fizemos uma live no próprio dia 19, no dia do aniversário, trazendo também as nossas práticas que retratam a pedagogia, a obra e o pensamento do Paulo Freire. Mas essas comemorações e atividades continuam até o final do ano. E nesta semana do aniversário, nós intensificamos nas comunidades, assentamentos e acampamentos o estudo da obra O Menino Que Lia o Mundo, que traz, onde o Carlos Rodrigues Brandão, traz com força a vida e a obra do Paulo Freire, inclusive para adolescentes e crianças. E essa atividade continua ainda até o final do ano. Viva Paulo Freire, um educador do povo”
- e) Locução II do Pereira da Viola;
- f) Arte em Movimento (cordel do Instituto Paulo Freire, com a música Presepada, de Sérgio Campelo e Cláudio Moura);
- g) Locução III do Pereira da Viola: despedida;
- h) Música (Esperançar por esse chão, de Anabela e Edu de Maria);
- i) Encerramento.

11) Primavera nos dentes pelo Fora Bolsonaro

- a) Vinheta de abertura;
- b) Mística;
- c) Fala I do Pereira da Viola: menção à Semana do Meio Ambiente;
- d) Hora Camponesa (depoimento);
 - i) **Entrevistado(a):** Militante e dirigente do MST.

ii) **Transcrição do depoimento:** “Olá a todos e todas, é uma alegria poder estar aqui com vocês hoje, falando um pouquinho do nosso Plano Nacional 'Plantar Árvores, Produzir Alimentos Saudáveis', que foi lançado pelo MST em 2020. Esse plano vem para denunciar a crise estrutural do capitalismo em sua dimensão ambiental, e o que que significa isso, né? Significa denunciar os verdadeiros criminosos dos nossos bens, da natureza, como a água, o solo, o território, a biodiversidade. e esses criminosos são o agronegócio, a mineração, a utilização de agrotóxicos e de sementes transgênicas que contamina nossa água, nosso solo através de várias empresas do agronegócio, também. E as queimadas, né, que vem aí avançando cada vez mais em cima de territórios tradicionais, em cima das nossas florestas, dos nossos biomas. Bom, esse plano, a gente tem a meta, né, o objetivo de plantar cem milhões de árvores em todo o país, no intuito de anunciar a Reforma Agrária Popular, a agroecologia, os nossos bens comuns como vida, então, é muito importante isso para nós. E a gente segue realizando o plantio, né, de forma coletiva, para recuperar esses ambientes, na implementação também de sistemas agroflorestais, de quintais produtivos, no intuito de plantar árvores mas também produzir alimentos saudáveis, esse é o nosso objetivo. Na última semana da árvore, que realizamos aí no dia 20 a 25 de setembro, com o lema: ‘Semear o presente, respirar no futuro, árvores vivas e fora Bolsonaro’, em Minas Gerais tivemos atividades em todas as regiões, em todas as nossas áreas com assentamentos e acampamentos, com atividades de plantio, plantios também de árvores, em comemoração aos 100 anos do nosso educador popular Paulo Freire, nós tivemos também atividades com juventudes, os sem-terrinha, cursos, tivemos mutirões nos nossos viveiros, visto que também nessa semana da árvore o MST lançou a rede de viveiros da Reforma Agrária Popular, mostrando mesmo a importância que esses viveiros, que a produção de mudas, que a coleta de sementes tem para nós. Fizemos também várias atividades nos nossos viveiros, lançando a nossa rede e fazendo mutirões, e coletando sementes, para fazer mudas para esse plantio tão importante. Para vocês saberem um pouco sobre o nosso Plano Nacional 'Plantar Árvores, Produzir Alimentos Saudáveis', é só acessar as páginas do movimento, tem uma página só falando sobre o nosso plano, sobre as nossas ações, que a gente vem construindo desde 2020. Um abraço pra todo mundo e seguimos juntos e juntas”.

e) Arte em Movimento;

- a) Locução II do Pereira da Viola: convocação para as mobilizações contra o governo federal e contra o governo do estado de Minas Gerais;
- b) Notícias do Campo: convocação para as mobilizações do dia 02 de outubro de 2021; objetivos das manifestações;
- c) Locução III do Pereira da Viola: menção à uma ação do Levante Popular da Juventude sobre a política de vacinação do governo; despedida;
- d) Música (A Internacional, hino do Movimento Comunista Internacional);
- e) Encerramento.

12) Dia Mundial da Alimentação

- a) Vinheta de abertura;
- b) Mística;
- c) Locução I do Pereira da Viola: introdução à temática; retorno do Brasil ao Mapa da Fome; dados sobre a população em situação de insegurança alimentar no país;
- d) Saúde na Mesa (depoimento);
 - i) **Entrevistado(a):** Nutricionista e integrante do setor de saúde do MST.
 - ii) **Transcrição do depoimento:** “Primeiro que alimentação é uma ação política, então a forma como a gente te alimenta reflete diretamente o que a gente pensa em relação ao mundo, a sociedade, como a gente se relaciona conosco mesmo, com os seres de todo o planeta, e com o ambiente como um todo. E alimentação saudável é um direito humano básico, que prevê o acesso permanente, regular e de uma forma socialmente justa a uma prática que é milenar das pessoas e de todos os seres vivos, né. Nos alimentar é uma das primeiras ações que os seres vivos fazem, né, se alimentar. Então, alimentação é uma forma de troca com o meio ambiente, né, então ela tá relacionada aos aspectos biológicos mas também aos aspectos sociais, então também relacionada ao nosso ciclo de vida, a nossa fase da vida, com as nossas necessidades alimentares e pautada na referência tradicional local. E, a alimentação saudável ela deve ser, né, então atender aos princípios da variedade, equilíbrio, moderação, o prazer de se alimentar, as dimensões relacionadas a gênero, a etnia, dimensões etárias inclusive, né. E também, é um jeito de produzir os alimentos de forma sustentável, livre de contaminantes físicos, químicos, biológicos e de organismos geneticamente modificados, para finalizar eu queria dizer que alimentação adequada saudável ela é garantida a partir de uma produção diversificada, uma produção eticamente justa e sustentável, inclusive com o ambiente e pautada na Reforma Agrária Popular e na agroecologia. Então, estimular a produção, a comercialização e o consumo de alimentos advindos da Reforma Agrária Popular e alimentos agroecológicos, é garantir uma alimentação adequada e saudável. Além disso, tem um componente fundamental que nós não podemos deixar de ter em mente,

que é a luta necessária pela garantia desses direitos, tanto do direito à saúde quanto do direito humano à alimentação adequada e saudável. Então, precisamos estar atentos e fortes, mobilizados porque essa luta ela não termina com o final da pandemia. É uma luta contínua e permanente, um abraço”.

- e) Locução II do Pereira da Viola: a importância da redistribuição de terras para a soberania alimentar no país;
- f) Notícias do Campo (fala da dirigente nacional do MST);
- g) Locução III do Pereira da Viola: despedida;
- h) Música (Toda comida boa, do Palavra Cantada);
- i) Encerramento.

13) Democratização da comunicação: Levante sua Voz

- a) Vinheta de abertura;
- b) Mística;
- c) Música (Desabafo, da Maria Rita e do Marcelo D2);
- d) Locução I do Pereira da Viola: menção ao Dia Internacional da Democratização da Comunicação, em 17 de outubro; reflexões sobre censura e liberdade de expressão.
- e) Hora Camponesa (depoimento):
 - i) **Entrevistada(o):** Direção nacional do setor de Comunicação do MST.
 - ii) **Transcrição do depoimento:** “Há pelo menos duas décadas, movimentos populares e coletivos brasileiros, entre eles o próprio MST, o nosso movimento, celebra um dia de luta pela democratização da comunicação. Neste último dia 17 de outubro, né. A data é uma ferramenta de denúncia construída para dialogar com o povo brasileiro sobre a concentração dos meios de comunicação em poucas empresas privadas e familiares, destacando, né, que essa concentração dificulta o acesso à informação, a construção autônoma de opiniões e pontos de vistas, né, além de ser um processo claramente antidemocrático. A resistência dos trabalhadores e das trabalhadoras tem sido construída por meio da bandeira de luta da democratização da comunicação. Essa pauta, ela tem conseguido reunir vários processos de resistência.
- f) Locução II do Pereira da Viola: a disseminação de informações maliciosas, a perseguição à profissionais da imprensa e a relação destas com a gestão do governo federal;
- b) Arte em Movimento;
- c) Locução III do Pereira da Viola: despedida;
- d) Música (Desabafo, da Maria Rita e do Marcelo D2);
- e) Encerramento.

14) Dia dos Mortos e a pandemia

- a) Vinheta de abertura;
- b) Mística;
- c) Música (Inumeráveis, do Chico César)
- d) Locução I do Pereira da Viola: dados sobre a mortalidade do vírus COVID-19 no país;
- e) Notícias do Campo: reflexão sobre o que é a Morte Social e os reflexos do poder do capital financeiro na morte da população;
- f) Locução II do Pereira da Viola: a relação entre o agronegócio e a fome no país;
- g) Arte em Movimento (poema; música);
- h) Locução III do Pereira da Viola: despedida;
- i) Música (Quem tem fome, tem pressa, de Xande Pilares, Mosquito, Gilson Bernini e Emicida);
- j) Encerramento.

15) Luta contra a mineração

- a) Vinheta de abertura;
- b) Mística;
- c) Locução I do Pereira da Viola: menção aos 06 anos do Crime da Samarco no Rio Doce; impunidade com as empresas responsáveis pela tragédia;
- d) Arte em Movimento (poema);
- e) Locução II do Pereira da Viola: a luta contra a mineração como uma das principais pautas do MST;
- f) Notícias do campo (integrante do setor de direitos humanos do MST): danos causados a população mineira nos desastres causados pela mineração no estado;
- g) Locução III do Pereira da Viola: despedida;
- h) Música (Um rio, de Paulim Sartori);
- i) Encerramento.